





# Autobiografia Literária



Guiomar de Grammont (Org.)

# Autobiografia Literária



EDITORA UFOP

Ouro Preto  
2013

## **Universidade Federal de Ouro Preto**

### **Reitor**

Prof. Dr. Marccone Jamilson Freitas Souza

### **Vice-Reitora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Maria Fernandes Nunes

### **Chefe de Gabinete**

Prof. José Armando Ansaloni

## **Editora UFOP**

### **Conselho Editorial**

Marcilene Magalhães da Silva

André Barros Cota

Elza Conceição de Oliveira Sebastião

Fábio Faversani

Gilbert Cardoso Bouyer

Gilson Iannini

Gustavo Henrique Bianco de Souza - Presidente

Carla Mercês da Rocha Jatoba Ferreira

Hildeberto Caldas de Sousa

Leonardo Barbosa Godefroid

Rinaldo Cardoso dos Santos

### **Coordenação**

Daniel Ribeiro

### **Organização:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Guiomar de Grammont

### **Produção:**

Aline Monteiro Homssi, Karen França

### **Revisão:**

Ana Paula Martins

### **Capa:**

Leonardo Homssi

### **Projeto Gráfico:**

Bruno Portella Borges

### **Diagramação:**

Aline Monteiro Homssi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19/02/1998)

ISBN 978-85-288-0325-9



**EDITORA UFOP**







## Índice

Apresentação	11
Entre páginas de objetos transcendententes Aline Monteiro Homssi	15
Ultrajando lembranças e criando casualidades Anderson Barbosa Camilo	27
Do muito que li e do pouco que sei... Bruno Assaf Bernardes de Araujo	37
Salve Sabinos e quintais Camilo Lélis	43
As impressões da literatura Christian Frazeir Correia	49
Pequena autobiografia literária Deivid Junio Moraes	55
F de Flávio Flávio Ernani da Costa	59
As artes do intelecto - Intelectualização diante dos livros Guilherme de Souza	61
Memórias literárias Karen Milla França	67
Percepções formadoras: do passo em falso a terras movediças Natália Maria Gomes e Carvalho	79
Revisitando as páginas por onde andei Patrícia Silva Souto Maior	87
Sobre como me tornei estudante de literatura ou <i>Percam todas as especanças vós que aqui entráis</i> Thiago Andrade de Paula	95

Autobiografia Literária	99
Walmir Percival Guimarães	
Às histórias nunca escritas	105
Wesley Leonel	

# Apresentação

---

Guiomar de Grammont \*

Quem sou eu? Como me coloco no mundo, diante de mim mesmo e dos outros? Sou o resultado de inúmeras experiências de vida, entre elas, a leitura. Sou aquilo que li.

Esse foi o pressuposto que regeu a criação dessas “autobiografias literárias” por parte dos alunos do Mestrado em Estética e Filosofia da Arte do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, que cursaram a disciplina que ministrei no segundo semestre de 2012 e no segundo semestre de 2013.

O desafio, para a criação dos textos por parte de meus alunos, era fazer um esforço para contar como se deu a formação intelectual de cada um deles, desde suas primeiras leituras. Como o leitor irá perceber, os textos produzidos são muito diferentes entre si, porém, igualmente saborosos e permeados pelo encantamento da descoberta do mundo dos livros. Os resultados foram tão surpreendentes que motivaram a organização destes relatos na forma de uma coletânea que irá se inserir em suas biografias como uma das primeiras obras escritas e publicadas por eles. Certamente a primeira de muitas. Esta publicação tem por finalidade estimular o desejo de dar continuidade a esse percurso intelectual que se inicia com tanta delicadeza e criatividade. Importante ressaltar que este livro só foi possível graças ao empenho de Karen França e Aline Monteiro Homssi, que lutaram por sua publicação pela Editora da UFOP.

As reflexões que culminaram na criação destes textos foram realizadas a partir da leitura e da discussão de alguns textos importantes

---

\* Guiomar de Grammont é graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. É professora do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), em Minas Gerais. Comandou o Departamento de Literatura da Editora Record.

sobre o Autor, a Narrativa e a Autobiografia. Iniciamos a discussão com base na conferência com o tema *O que é um autor?* pronunciada por Foucault a convite da *Société Française de Philosophie*, em 1969, e publicada em diversos países (Lisboa: Vega, 1992).

No ano 2000, o historiador Roger Chartier foi convidado pela fechada *Société Française de Philosophie* para realizar uma conferência com o mesmo tema, de certa forma, colocando-se em diálogo com Foucault. Chartier já analisara essas questões anos antes em diversos de seus textos, sobretudo no livro *Práticas da leitura* (São Paulo: Estação Liberdade, 1996). A conferência, inédita, me foi gentilmente cedida pelo professor, na versão em espanhol, quando tive o privilégio de ser orientada por ele na *Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales*, e foi publicada, posteriormente, em nossa *Revista Artefilosofia*.

Lemos, ainda, parte do primeiro volume da importante obra de Paul Ricoeur, *Tempo e Narrativa* (São Paulo: Martins Fontes, 2010, 3 v.), e culminamos com *O Pacto Autobiográfico*, de Philippe Lejeune, modificado e republicado pelo autor em três momentos diferentes de sua trajetória intelectual.

12

Segundo Lejeune, para que haja autobiografia, é necessária a identidade entre o autor, o narrador e o personagem principal. Na maioria das vezes, essa identidade é marcada pelo emprego da primeira pessoa. No entanto, pode haver uso da primeira pessoa sem que o narrador seja a mesma pessoa que o personagem principal, bem como identidade entre autor e narrador sem emprego da primeira pessoa, como acontece em um dos belos textos publicados neste livro, em que o autor preferiu o uso da terceira pessoa.<sup>1</sup>

Para mim, foi especialmente gratificante partilhar da memória desses jovens, conhecer seu percurso intelectual desde as primeiras letras. Nesse brevíssimo momento da existência, nossos mundos se encontraram. Através de suas histórias, pude compreender melhor sua subjetividade e a razão pela qual escolheram a Filosofia como um dos caminhos de suas vidas.

Em um dos mais emblemáticos versos da história da literatura, o poeta Antônio Machado ensina: "*caminante, no hay camino, el camino es el caminar*". Assim foi esse diálogo, não para levar a algum lugar de erudição, mas no sentido da construção do autoconhecimento na relação

---

1 - Nas palavras de Lejeune, "a autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pres-supõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala." (LEJEUNE, 1975: 2008, p.24)

de si consigo mesmo e com os outros. Nesse processo, aproximamos -nos e compartilhamos do sentido mais profundo da *filia* filosófica. O fruto desse encontro poderá ser vivenciado por todos os que se detiverem na fruição dos textos que compõem essa coletânea.

As leituras que fazemos ao longo das nossas existências nos constituem, integram-se a nossos corpos, tornam-se pele, sentidos, emoções. Nenhum livro é lido da mesma forma, o que um incorpora, outro deixará se esvanecer. Os fios das leituras se entrelaçam com os fios da vida formando o tecido de memórias que nos faz ser o que somos. Essa experiência tão íntima de formação é o que se descortina na leitura desses textos.

•••



# Entre páginas de objetos transcendententes

---

Aline Monteiro Homssi \*

As primeiras histórias de que me lembro foram contadas por Monteiro Lobato, mas eu ainda não lia. Assistia pela televisão o *Sítio do Pica-pau Amarelo* e ouvia os discos com a trilha sonora criada especialmente para o programa. Trago aqui um pouco dessa primeira lembrança, não do livro, não do seriado, mas da faixa de abertura de um dos discos, o *Pirlimpimpim*, narrada pela atriz Zilka Salaberry, que interpretava a Dona Benta:

## *Abertura*

*“Era uma vez um homem que contava histórias  
Falando das maravilhas de um mundo encantado  
Que só as crianças podiam ver.*

*Mas esse homem que falava às crianças  
Conseguiu descrever tão bem essas maravilhas  
Que fez todas as pessoas acreditarem nelas.  
Pelo menos as pessoas que cresceram por fora  
Mas continuaram sendo crianças em seus corações*

*Ele aprendeu tudo isso com a natureza  
Em lugares como esse sítio  
Onde ele viveu.*

---

\* Aline Monteiro Homssi, ouro-pretana, é bacharel em Comunicação Social - habilitação Jornalismo pela PUC Minas, com pós-graduação *latu sensu* em Comunicação e Gestão Empresarial pelo IEC-PUC Minas. É graduanda em Filosofia pela Ufop e mestrada em Comunicação e Temporalidades, também pela Ufop. Trabalha com assessoria de imprensa e produção de conteúdo. Tem interesse em cultura, artes, cinema, literatura, mídias digitais, tradições ouro-pretanas e mineiras. Escreve para o *blog* Janela Colonial ([janelacolonial.blogspot.com.br](http://janelacolonial.blogspot.com.br)) e colaboradora do Cinema de Buteco ([www.cinemadebuteco.com.br](http://www.cinemadebuteco.com.br)).

*Há quem diga...*  
*Que foi aqui que ele descobriu todas as maravilhas que levou para os livros*

*Há quem diga...*  
*Que elas ainda moram aqui, entre as paredes desta casa*

*Há quem diga...*  
*Que quem entrar aqui*  
*Poderá talvez encontrar, um por um,*  
*Todos os sonhos, encantos e maravilhas, junto à saudade*

*A grande saudade que ela guarda*  
*De um grande homem que soube falar às crianças."*

16

As histórias desse homem abriram uma porta em um mundo ainda não feito de leituras. Foi por meio delas, ainda pela televisão, que procurei aprender a ler, juntando as letras que aprendia com um *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* – pequeno, com mais de mil e duzentas páginas! Com as capitulares imensas desse livro é que aprendi as letras e comecei a juntá-las, por uma espécie de paralelismo: se CASA começa com C+A, CANETA também. Aprender a ler antes do tempo certo da alfabetização escolar me proporcionou a entrada mais cedo na escola e a ida para uma turma mais “avançada”. Por uma questão até psicanalítica, posso afirmar que ler – e gostar de ler – me salvou de várias situações de risco. Mas isso é outra história.

Nasci numa família de leitores. Minha avó guarda até hoje um caderninho onde anotava, quando nova, o título de cada livro que lia. Está recheado de obras de José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e M. Dely. Meu avô, professor universitário, era leitor voraz de *western* e livros da coleção *Coyote*. Meu padrinho e tio-avô fundou o Grêmio Literário Tristão de Ataíde (o GLTA), que teve muita influência para juventude de Ouro Preto, até meados da década de 1990. Era dele o quarto mais espetacular da casa, com ao menos sete grandes estantes repletas de livros, com outros tantos empilhados em mesas de centro e de trabalho. Ver os três sempre lendo me dava curiosidade: o que será que tinha ali, naquelas páginas?

Não tenho muitas lembranças do que liam para mim. Sei que sempre gostei de histórias (e estórias) e fazia a família toda gastar tempo me contando alguma coisa. Tive alguns livros infantis, tipo coleção *A Gata e o Rato*, mas o que mais marcou a minha vida como leitora foi o



primeiro livro “de adulto” que ganhei. A irmã do meu pai me presenteou com *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, edição da Círculo do Livro (editora que gosto muito), com texto integral em português. Digo livro “de adulto” porque não era uma historinha curta, com tom de conto de fadas.

Eu tinha sete anos e ter aquele volume foi como uma glória. Não li imediatamente, mas folheei até a exaustão, admirando as figuras, todas em preto e branco. Hoje, fico imaginando o que se passava na cabeça da minha tia, ao dar a edição com texto completo para uma criança daquela idade. No ano seguinte, iniciei a leitura e mergulhei naquele mundo de sonho, com lagartas, coelhos, cartas de baralho, comidas estranhas e uma falsa tartaruga. Não entendi muita coisa. Lembro de ter me deitado no colo da minha mãe, como Alice fez com a irmã mais velha, perguntando: afinal o que era aquilo ali? A explicação de que poderia ser um sonho fez com que eu voltasse a ler o livro e o adotasse como meu (apesar da protagonista ser Alice, e não Aline – aliás, isso poderia resultar em um conto que, por enquanto, só tem título: A Aline que queria ser Alice).

Como toda a família via minha vontade de ler, comecei a ganhar cada vez mais livros. Um deles foi uma coleção de contos baseados nas *Mil e Uma Noites*, que também foi lido e relido até eu praticamente saber cada um de cor. Foi mais ou menos nessa época que ganhei a coleção completa dos livros infantis de Monteiro Lobato, em oito volumes. Comecei, como disse o Rei de Copas ao Coelho Branco, pelo começo, passei pelo meio e li até o fim, então parei. O que eu mais gostei foi o volume 4, com *Viagem ao Céu*, que me fez pesquisar bastante sobre astronomia e sonhar com um telescópio. Reli algumas vezes. Quis ser astrônoma, ficava horas deitada no chão do *playground* do prédio onde morava, à noite, olhando as estrelas. Isso durava até meus pais me chamarem de volta para a realidade – dormir, que tem escola amanhã!

No colégio, toda sexta-feira era dia de pegar um livro para o fim de semana e de responder a uma folha de exercícios. Eu sempre pegava mais de um e elegia o que ia virar o trabalho escolar. Só tive dois problemas sérios, nessa época. O primeiro foi com *O sobradinho dos pardais*, que eu não consegui ler (e chorei muito por ter falhado com essa leitura). O segundo foi com a continuação desse livro: *A volta dos pardais do sobradinho*. Arrepio só de lembrar desses dois. Um bom livro da época de leituras de escola foi *Uma rua como aquela*, de Lucília Junqueira de Almeida Prado. Ainda sonho em viver em uma rua exatamente como aquela.

A biblioteca do meu avô era menor que a do meu padrinho,

mas era mais acessível. Mesmo que a maior parte dos livros fosse de Farmácia e Toxicologia, havia coisas bem convidativas. Foi lá que me apaixonei perdidamente pelos 18 volumes do *Tesouro da Juventude*, a *Encyclopedia em que se reúnem os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam possuir, oferecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento* [sic] dos meninos. Aprendi tantas coisas com esses livros que não consigo listar. De história do mundo a história do Brasil, noções de música, de literatura, de ciência, de artes... Era um mundo novo, amplo, arejado, aberto e receptivo naqueles 18 volumes de capa azul. Um mundo extremamente atraente para uma criança de oito anos, mais interessante que brincar de boneca ou jogar futebol com os vizinhos. Foi com o *Tesouro da Juventude* que comecei a me interessar por outras realidades e a sair do universo de leituras unicamente infantis para conhecer mais do mundo – mesmo que sem sair do quarto, do meu cantinho perto da cama, sentada no chão de tacos de madeira.

18

Alguns anos depois, conheci a Coleção Vagalume, que marcou muito minha pré-adolescência. O primeiro livro foi *Sozinha no mundo*, que me fez sonhar em fugir de casa (e de pais ausentes) por alguns bons anos. Na sequência, obras da mesma coleção: *Meninos sem pátria*, *Aventura no império do sol*, *Açúcar amargo*, *Éramos seis*, *A maldição do tesouro do faraó*, *A turma da rua quinze*, entre outros. E o que mora na minha memória até hoje: *Aventuras de Xisto*, de Lúcia Machado de Almeida. Xisto era um menino bacana, super do bem, que adorava pastéis de queijo (uma das minhas comidas favoritas) e que queria ser cavaleiro andante. Seu objetivo era sair pelo mundo exterminando os bruxos que ainda existiam – eram quatro, e o herói fez todos eles desaparecerem. Foi com esse livro que comecei a ter vontade de ler novelas de cavalaria e a conhecer mais sobre a Idade Média, seja por meio de filmes, de outros livros, até de enciclopédias. Não lembro de tudo que li a respeito, mas foi muita coisa. Tenho *Aventuras de Xisto* até hoje, velhinho, bem manuseado e bem guardado. Doei os outros da Coleção Vagalume; o Xisto, não tive coragem.

Meu padrinho, professor de línguas e literatura, foi muito importante nessa formação. Ao ver que eu gostava muito de ler, ele me presenteou com vários exemplares da literatura brasileira. Foi por meio da biblioteca dele que conheci José de Alencar e li *Iracema*, *Cinco Minutos*, *A viuvinha*, *Lucíola*, *O tronco do ipê*, *Til* e *Senhora*. Desse autor, fui para *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães e *A moreninha* e *A luneta mágica*, de Joaquim Manoel de Macedo. De Machado de Assis, li quase todos os livros. Meus preferidos são *Dom Casmurro* e *O Alienista* – que até hoje me impressionam –, além dos contos A

*Cartomante e Missa do Galo*. E Eça de Queirós também. Lembro que a escola exigiu a leitura de *O crime do Padre Amaro*, que meu padrinho tinha. Ele relutou em me emprestar. Talvez por ser padre, por imaginar que eu poderia pensar algo diferente sobre ele.

Também li muita poesia nessa época, com destaque para Álvares de Azevedo e sua *Se eu morresse amanhã*. Era a época de uma melancolia que, acredito, todo mundo vive ao menos uma vez na vida.

*Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!*

Nessa linha da melancolia, outro poema praticamente decorado naquela época foi *Pus o meu sonho num navio*, de Cecília Meirelles.

*Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar;  
depois abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar.  
Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas  
O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho dentro de um navio...  
Chorarei quanto for preciso,  
para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.  
Depois, tudo estará perfeito:  
praia lisa, águas ordenadas,  
meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.*

E outro, menos triste, que era anotado na primeira página de

todos os cadernos que tive durante o ensino médio e o cursinho pré-vestibular.

*Competição (Cassiano Ricardo)*

O mar é belo.  
Muito mais belo é ver um barco no mar.  
O pássaro é belo.  
Muito mais belo é hoje o homem voar.  
A lua é bela.  
Muito mais bela é uma viagem lunar.  
Belo é o abismo.  
Muito mais belo é o arco da ponte no ar.  
A onda é bela.  
Muito mais belo é uma mulher nadar.  
Bela é a montanha.  
Mais belo é vê-la de um último andar.  
Belo é o azul  
Mais belo o que Cézanne soube pintar.  
Porém mais belo  
que o de Cézanne, o azul do teu olhar.  
O mar é belo.  
Muito mais belo é ver um barco no mar.

20

Por esse poema, procurei conhecer o azul de Cézanne e as nuances das vanguardas. Ele não é meu pintor favorito, mas temos uma espécie de “romance”.

Carlos Drummond de Andrade (e o seu *Sentimento do mundo*) é um dos meus autores favoritos. Com certeza, um anjo torto me acompanha pelo vasto mundo (só não sei se o meu coração é mais vasto que o mundo - acho que não). Sinto um pouco de vergonha ao ver que a profissão que escolhi é tão duramente criticada nas nove linhas de *Poema do Jornal*. E penso na *Cidadezinha qualquer* e em J. Pinto Fernandes, que não entrou na quadrilha, tão bela pelas palavras de um poeta que não queria cantar um mundo caduco e fazia do tempo, do tempo presente, dos homens presentes e da vida presente a sua matéria. E tem o *Sentimento do mundo*, tão lindo, tão intenso:

*Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.*

Fernando Pessoa, com o heteronímio Álvaro de Campos, é outro. *Tabacaria* é a poesia mais linda já escrita em todos os tempos:

*Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.  
[...]  
Eu hoje estou perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.  
[...]  
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
[...]  
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isso me pesa como uma condenação ao degredo,  
E tudo isso é estrangeiro, como tudo.*

É impossível não me emocionar com esses versos do Álvaro de Campos. Leio o autor regularmente. De Fernando Pessoa, ele mesmo, gosto do mais óbvio: *Autopsicografia* (... gira a entreter a razão / esse comboio de corda / que se chama o coração) e sua continuação, *Isto* (... sentir? Que sintá quem lê!).

Ao mesmo tempo, também lia diários. Comecei com *O diário de Anne Frank*, que me fez chorar feito um bebê, e dele fui para os antigos *O diário de Danny* e *O diário de Ana Maria*. Passei por *O diário*

*de Zlata*, de uma menina bósnia, durante aquela guerra horrorosa dos anos 1990 e outros diários que já não ficaram registrados na memória. Biografias também. As que mais deixaram marcas foram as de Catarina da Rússia (li ainda sua autobiografia) e a de Henrique VIII.

Foi mais ou menos nessa época que li *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, que me fez abrir os olhos para Belo Horizonte, cidade onde cresci. Foi por meio desse livro que entendi que há sempre um cordão umbilical nos ligando à nossa terra natal (*Ai, Minas Gerais, já ter saído de lá, tuas sombras, teus noturnos, teus bêbados pelas ruas, Eduardo Marciano, minha mágoa, minha pena, minha pluma, merecias morrer afogado, o barco te leva para longe, a praia está perdida, mas voltarás nem que tenhas de andar sobre as águas*). É um livro que sempre vira um presente, quando sei que a pessoa em questão gosta de ler. Do autor, li muitos outros, de *O menino no espelho* (que vou ler para meu filho, se um dia tiver um) a *Zélia, uma paixão*, aquele mesmo, que gerou inúmeros comentários maldosos para o autor, passando pelos contos e crônicas. *O menino no espelho*, acredito, dialoga lindamente com *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*.

22

O livro que mais me marcou, na época do ensino médio, foi *O retrato de Dorian Gray*. Procurando algo para ler em casa, vi a coleção de clássicos da Abril Cultural e remexi os volumes atrás de um título interessante. Achei esse e fui ler sem pretensões, sem conhecer nada. A história densa, que fala de aparências, da vida que se escolhe ter e das consequências dessas escolhas mexeu muito comigo. Quando terminei a leitura, foi como se um trem tivesse me atropelado. Comecei imediatamente a ler de novo. E, ao terminar, a sensação era a mesma anterior. Mantive o livro por perto. Parei de contar as releituras – como um presidiário, marcando dias na parede da cela – na décima segunda vez. Ainda hoje, é uma história que me abala.

Paralelamente, meu padrinho me inscreveu num daqueles clubes de troca de livros. Não sei como funcionou, só sei que ele me encaminhou vários volumes. Um deles foi *Os crimes ABC*, da Agatha Christie. Eu tinha 16 anos e nunca tinha lido nada dela. Procurei pela casa toda e consegui encontrar dois outros livros da autora: *Poirot perde uma cliente* e *O assassinato de Roger Ackroyd*. Quando vi *Assassinato no Expresso Oriente*, pedi emprestado a um amigo e nunca mais devolvi. Comecei a comprar os livros dela, em livrarias e sebos, e a trocar em sites especializados. Minha pequena coleção tem, hoje, 63 livros, dos cerca de 80 que ela publicou. Acho que eles são ideais para esquecer um dia muito estressante ou oferecer o distanciamento que o meu trabalho, por vezes, exige. É hora de desligar do mundo real e ficar só por conta de

descobrir os assassinos desse mundo tão acolhedor, por mais paradoxal que isso possa parecer.

Um autor que me permitiu buscar novas experiências foi Rubem Fonseca, com *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. Para começar, o título é lindo. Seria o título perfeito para as coisas que escrevo apenas para mim – como uma autora particular de uma leitora só. Não bastasse isso, é uma história de um homem às voltas com um roubo de pedras preciosas, assassinatos e mulheres misteriosas. O personagem principal, que não tem nome, é um cineasta convidado a adaptar para o cinema o livro *A cavalaria vermelha*, do russo Isaac Babel. Fiquei anos correndo atrás desse livro do Babel. Acabei ganhando o volume de presente do meu irmão mais novo, que também se apaixonou pelos dois livros e pelo autor russo, com sua narrativa crua, limpa e honesta sobre a vida de um judeu de óculos que vira cossaco.

Livros de Umberto Eco também são marcantes. Comecei com *O nome da rosa*, também lido e relido (e com a definição brilhante de Guilherme de Baskerville sobre os livros: “*O bem de um livro está em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro traz signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo.*”). Passei para *O pêndulo de Foucault*, que foi uma leitura bacana, mas me fez ficar com um pouco de raiva da erudição de Eco. Em *Baudolino*, penei para fazer a leitura engrenar, mas tive uma grande surpresa com o desenvolvimento da história. *A misteriosa chama da rainha Loana* achei interessante, mas não o Eco de sempre. Ainda vou ler *Cemitério de Praga* e resolver uma pendência pessoal com *A ilha do dia anterior*.

Outro momento de deslumbramento foi quando agarrei *Grande sertão: veredas* e só larguei quando terminei a leitura. Já tinha lido, do Guimarães Rosa, *Manuelzão e Miguilim* e *Primeiras histórias*, o que não me preparou, em absoluto, para a avalanche de sentimentos provocada pela história contada por Riobaldo. A conclusão é que viver é, mesmo, muito perigoso. Ler, então, é mais perigoso ainda. Não reli, porque é um livro que merece um mergulho, mas não me sinto preparada para isso.

Na lista de leitura, alguns que praticamente todo mundo leu: *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger; *As brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley (que, indiretamente, ajudou na minha formação feminista); *Anarquistas graças a Deus*, de Zélia Gattai; *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë; *Jane Eyre*, da irmã de Emily, Charlotte; *Persuasão*, *Razão e sensibilidade*, *A abadía de Northanger* e *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen (leio *Orgulho e preconceito*



regularmente, só para me apaixonar de novo por Mr. Darcy); *Os pilares da terra*, de Ken Follet; *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley; *As meninas* e *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles; *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*; *Mrs Dalloway*, de Virginia Wolf (e *As horas*, livro inspirado nele e que deu origem a um filme homônimo); *Pergunte ao pó*, de John Fante; *Misto quente*, de Bukowski; *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo; *Drácula*, de Bram Stoker; *O chefão*, de Mario Puzzo, que deu origem ao filme *O Poderoso Chefão*; *Ensaio sobre a cegueira* e *O evangelho segundo Jesus Cristo*, do Saramago (ainda quero ler mais livros dele); *O estrangeiro*, de Camus; *Crime e castigo*, de Dostoiévski. De Hemingway, *O velho e o mar* e *Por quem os sinos dobram*, ambos arrebatadores.

Por conta da minha profissão, li muitos livros reportagem. Os principais, que deixaram marcas em quem eu sou e em quem eu me tornei foram: *A sangue frio*, de Truman Capote; *Meninas da noite*, de Gilberto Dimenstein; *Rota 66*, de Caco Barcellos; *O desatino da rapaziada*, de Humberto Werneck; *Notícias do Planalto*, de Mário Sérgio Conti; *Morcegos negros* e *Ministério do silêncio*, de Lucas Figueiredo; *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella; *O crime do restaurante chinês*, de Boris Fausto; *O jornalista e o assassino*, de Janet Malcolm; *Olga*, de Fernando Morais.

24

Os livros que li recentemente e que gostei muito foram *A menina que roubava livros*, que li devagarinho, para não acabar tão cedo, e a *Trilogia Millenium* (*Os homens que não amavam as mulheres*; *A menina que brincava com fogo* e *A rainha do castelo de ar*), que fala sobre muitas coisas que me perturbam: violência contra a mulher, direitos humanos, preconceito e crimes.

Com “meus” personagens, aprendi muito. Com Alice, que é preciso ter jogo de cintura para enfrentar algumas situações (aprendi, mas não pratico). Com Xisto, que o coração bom pode salvar vidas e influenciar pessoas. Com Emília e companhia, que sonhar é o melhor combustível para a vida. Com Fernando Sabino menino, aprendi que se encontrarmos a criança que fomos, seremos sempre adultos melhores. Com Dorian Gray, que a vida de aparências leva, a longo prazo, a sofrimentos sem fim – é melhor ser fiel a si mesmo. Com Riobaldo, que sentimentos afloram muitas vezes sem explicação e que racionalizar pode ser bobagem.

A leitura de obras literárias é uma constante em minha vida. Sempre estou com um livro por perto. No criado mudo, na mesa de trabalho, na escrivaninha de estudo, na bolsa. Procuro intercalar com leituras de estudo ou para o meu trabalho, mas elas sempre perdem



espaço para qualquer literatura. Como se a literatura tivesse um poder hipnótico ou magnético. E se, num primeiro momento, sinto-se culpada por ler o que, em teoria, não devia, ao fim do livro esse sentimento já passou. Há sempre espaço para novas leituras.

Mas, para falar dos livros da minha vida, não posso deixar de falar daqueles que me doem até hoje, por não terem sido lidos. Infelizmente, essa lista só cresce. Os principais são:

- *Ulisses*, de James Joyce: meu calco. Já comecei a leitura incontáveis vezes, mas nunca tenho tempo de me debruçar sobre ela, como o livro exige. É meu companheiro de voos (tenho muito medo de avião), e a leitura durante pousos e decolagens facilita muito essa relação com o pássaro metálico. *Ulisses* é meu livro viajante. Foi meu companheiro, por exemplo, na viagem de lua de mel, durante os voos e as tardes de ócio.

- *As vinhas da ira*, de Steinbeck. Nem sei porque quis ler (não foi por conta do filme, que também não vi). Peguei o livro na estante e nunca abri. Devolvi depois de uns dois anos e vivo ensaiando pegar de novo.

- *Mundo sem fim*, de Ken Follet. Desejei ler tudo dele depois de *Os pilares da terra*. Ainda não tive coragem de começar, porque sei que não vou conseguir parar.

Em seu livro *O espírito da prosa – uma autobiografia literária*, Cristovão Tezza afirma que o escritor não é uma pessoa feliz:

*Mas me entrego ao exagero retórico, com a desculpa de estimular o argumento: pessoas felizes não escrevem. Há um milhão de coisas mais interessantes à disposição dos felizes – por que diabos iriam eles largar os prazeres tranquilos da felicidade pela incerta e terrível solidão da escrita que, quando de fato é assumida, é uma viagem sem volta?*

Podemos, talvez, pensar que o leitor, pelos mesmos motivos expostos acima, não é uma pessoa feliz. Ele busca no livro – quem poderia dizer? – o preenchimento de um vazio existencial. Mas a cada livro que se lê, mais esse vazio aumenta, mais precisa de livros, como um buraco negro que engole o universo mas que é, também, criador.



# Ultrapando lembranças e criando casualidades

---

Anderson Barbosa Camilo \*

O senhor leitor, ou senhora, depara-se, neste momento, com este texto. Trata-se, aqui, de lembranças. Faço um esforço em evocá-las; não sei se consigo bem, mas pelo menos tento. Coisas ordinárias nos cercam a todo tempo, mas não é disso que este texto trata, e sim de coisas extraordinárias, que marcaram a minha vida e, por isso, consigo trazer à tona. Contudo, em que medida uma biografia, ou autobiografia, consegue ser objetiva? Consegue trazer uma “verdade”? Isso ela traz, sem dúvida, mesmo que seja uma ficção do outro, ou ficção de si. Tudo depende do olhar, de um terceiro ou de si mesmo. Digo-lhe desde já, sem mais delongas, que as lembranças aqui, por si só, podem não trazer uma “verdade”, mas também lhe digo que isso não importa, pois a verdade está no modo como elas se relacionam.

27

A lembrança do meu primeiro contato com livro foi na faixa dos seis anos de idade; era um livro grande, colorido, com poucas palavras, que contavam a história de uma tartaruga. Eu nunca o li; presumo que era a história de uma tartaruga porque os desenhos eram sempre de uma tartaruga em diversas situações. Posteriormente, tive contato com um livro do *Menino Maluquinho*, que eu havia roubado da biblioteca da escola e depois devolvi, pois fiquei com medo de que minha mãe me castigasse por isso.

Desde então, há um salto nas minhas lembranças, em que lia livros paradidáticos. Não lembro muito bem deles, mas tinha que ler

---

\* Anderson Barbosa Camilo nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas sua família se mudou para Natal/RN no início de sua infância. Lá cresceu e foi criado. É bacharel em Filosofia pela UFRN. Atualmente, é mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Ufop, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Guiomar de Grammont. Sua pesquisa privilegia o tema da insubordinação da literatura em relação aos interesses da sociedade produtiva, da lógica dos meios para os fins, segundo o pensador francês Georges Bataille. Seus interesses estão ligados às artes, cinema, literatura e à filosofia, especificamente filosofia contemporânea francesa, filosofia da cultura e estética filosófica.

para a disciplina de Português da escola. Alguns contavam histórias de meninos que se perdiam e se passava muito tempo para encontrá-los. Lembro de um específico que se chamava *Os criminosos vieram para o chá*, cuja história era de uma investigação sobre assassinatos de ladrões; no final era uma velhinha que os matava, convidando-os para um chá da tarde.

Quando eu tinha uns 12 anos, minha mãe comprou um livro do Sidney Sheldon, *O fantasma da meia-noite*. Daí em diante coloquei na minha cabeça que livros só eram bons se despertassem o frioquinho na barriga, ou seja, deveriam ser livros de suspense, morte, fantasma, enfim, livros em que o Mal dominasse e não houvesse final feliz. Algum tempo antes desse período, eu havia criado gosto por filmes de terror, *O iluminado*, *O exorcista*, *Olhos famintos*, *A casa amaldiçoada* etc. Como nos filmes, em que eu ficava fascinado e ansioso para ver o fim, assim deveriam ser os livros.

Nessa época, tentei ler alguns livros do Sheldon, além de outros que encontrava nos sebos. Lia-os, mas não terminava. Então saiu o primeiro filme do *Senhor dos Anéis* nos cinemas. Quando o vi, fiquei louco e quis comprar o livro, mas não tinha dinheiro. Passei meses adulando minha mãe a comprá-lo e ela resistindo, até que um dia ela cedeu e comprou o bendito volume, era o volume único. Passei a lê-lo, eram mais de 1.500 páginas. Quase terminei o primeiro livro, isso demorou praticamente um ano.

Depois surgiu meu interesse pela música; comprei uma guitarra e deixei pra lá os livros. Passou-se um hiato de tempo de mais ou menos três anos, durante esse tempo só queria saber de música, guitarra, rock e... guitarra. Meu único contato com livro, lembro-me perfeitamente disso, foi com *Drácula*, de Bram Stoker, que foi adquirido por meio de um furto (quem nunca fez essas coisas quando era jovem?) e que depois saiu de minhas mãos. Não sei onde ele foi parar, aconteceu como muitas coisas que desaparecem e não voltam mais.

Enquanto tive o livro em mãos, li o primeiro diário, de Jonathan Harker. É a narrativa mais instigante que já li, é o período em que ele chega no castelo do lorde Dracul, nos confins da Transilvânia, e, aos poucos, o lorde mostra sua verdadeira face.

*Drácula* foi o único livro que li, mesmo que parcialmente, durante os três anos que fiquei sem ler quase nada. Após isso, lembro de achar, já aos quinze ou dezesseis anos, o livro *O cemitério*, de Stephen King, num sebo. Custava três reais, mas negocieei e ficou por dois reais.

Li e achei simplesmente extraordinário. É uma obra-prima do gênero, ao lado de *O iluminado*. Eu só o lia à noite, no maior silêncio, para que me afetasse e me assustasse mais. Há uma adaptação desse livro para o cinema e se chama *O cemitério maldito*, cuja trilha sonora é uma música dos *Ramones* com o mesmo título, *Pet Sematary*.

Depois de ler *O cemitério*, voltou meu afincio com os livros, o que até hoje não parou. Caiu em minhas mãos outra obra sinistra, *O exorcista*. Tinha visto o filme quando acabara de entrar no ensino fundamental, e me custara semanas de sono. O livro é igualmente tenebroso e explica muitas coisas que no filme ficam confusas.

Comecei a frequentar assiduamente os sebos atrás desse tipo de livros, mas encontrei poucos. Os melhores eu conseguia sempre emprestados. Quando estava no último ano do Ensino Médio, um amigo me criticava por eu ler esse tipo de coisa, pois esses livros eram inúteis, não traziam nenhuma “mensagem”. Então, indaguei o que é que ele estava lendo. Era *O mundo de Sofia* e comentou muito a respeito. Consegui o livro e comecei a ler. Trata-se de um romance em que, paralelamente, o autor aborda a história da Filosofia. Ele mesmo o intitula de “romance da história da Filosofia”.

29

Nessa época, todos da minha turma estavam sob enorme pressão, afinal era ano do vestibular. Eu sempre pensara que iria fazer para a área de tecnológica, mas fui vendo que isso não era o que queria. Pegava uns livros de faculdade na minha escola, que tinha ensino superior à noite, e não gostava do que via, assim como meus resultados em Física e Matemática iam muito mal. Na realidade, não sabia mais o que eu gostaria de fazer. Meu pai é militar, e minha mãe é contadora, ou seja, extremamente pragmáticos e preocupados com o material, o útil e o financeiro. Nesse momento da minha vida, *O mundo de Sofia* foi uma leitura interessante, é um livro bom, só não gostei do final, é cristãmente feliz, mas me serviu como uma primeira “introdução” à Filosofia. Quem diabos tinham sido Platão, Aristóteles, Kant, Descartes e até Freud? - coisas que normalmente nenhum adolescente procura saber. Pesquisei na internet alguns livros de filosofia pra ler e acabei comprando *O Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, e *Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche.

Comecei com Nietzsche, mas como não entendia nada, parti para Erasmo. Li *O Elogio da Loucura* em uma semana, e depois dele muitos paradigmas foram quebrados, véus foram rasgados. A loucura é a porta-voz de sua própria condição, sobretudo da condição dos homens,

que não a reconhecem como sendo constituinte do seu ser. Quer algo mais louco do que o amor, em que você gosta dos defeitos das outras pessoas? E a amizade? É logicamente impossível, mas graças à loucura homens totalmente diferentes uns dos outros mantêm uma relação amigável. Essas e outras são as questões que o livro coloca, de modo que isso transtornou minha cabeça juvenil. Eu olhava para meus pais, meus amigos, e pensava no que a loucura dizia no livro de Erasmo. Pensava quanto mais as relações humanas eram impossíveis e o que me ligava às pessoas que eu mais gostava? E quando pensava que o vestibular estava chegando, ficava aflito pois precisava escolher algo e o que mais me deixava angustiado era que, por pressão de agradar aos outros, meus pais, eu iria acabar por escolher algo que via de antemão que não me traria prazer em estudar.

Os dias se passavam, o fim das inscrições para o vestibular se aproximava, e eu ainda estava no meu dilema: “O que fazer? O que serei?”. Certo dia, andando por uma livraria, vi o livro *A metamorfose* de Kafka. A primeira vez que eu tinha ouvido falar dele foi numa novela da Globo, em que um dos personagens estava deprimido com a morte do irmão e se sentia culpado, então passava o dia inteiro trancado no quarto, sem comer, só lendo *A metamorfose*. Os pais do personagem ficaram muito preocupados com isso, com o fato do filho estar lendo Kafka, como se fosse algo que não se devesse fazer. Na época, fiquei interessado em ver o que tinha nele. E então me deparei, anos após isso, com esse livro. Eu tinha dinheiro suficiente e o comprei. Eu vinha pensando em *O Elogio da Loucura* e, ao ler Kafka, senti uma revolta maior. A história de Gregor Samsa é muito triste e sua condição é revoltante. Eu me identifiquei com o personagem, que era ele mesmo, até porque não podia deixar de ser outra coisa, e as pessoas não conseguiam aceitá-lo. Eu via refletida ali também a minha condição.

Certo dia, voltando para casa, no ônibus, acabei por me decidir: iria prestar vestibular para o curso de Filosofia, e a segunda opção seria Ciências Sociais. Na época, eu pensava que o único modo de ganhar dinheiro com Filosofia era sendo professor de Ensino Médio, que eu iria ter muita dor de cabeça com aluno e ganharia pouco pra isso. No entanto, também pensava que em qualquer situação eu faria como muitas pessoas fazem, aproveitaria meu diploma de ensino superior e faria um concurso público a esse nível ou a nível menor.

Em casa, essa decisão gerou grande revolta, mas eu estava irredutível. Parece que os sonhos dos meus pais estavam indo por água abaixo e eles não conseguiam aceitar que eu havia escolhido Filosofia. Bem, no final das contas passei no vestibular e comecei a frequentar o

curso de Filosofia. Minha mãe ficou alegre ao saber que eu tinha passado, pois iria estudar numa universidade federal. Meu pai não gostou muito e ficou querendo me convencer a escolher outro curso durante quase todo o período da minha graduação. Minha mãe me deu de presente vários livros da editora Martin Claret por eu ter passado no vestibular, entre eles estava *Cândido*, de Voltaire.

A leitura de *Cândido* foi meu primeiro contato com uma obra sarcasticamente inteligente, evocando imagens muito sutis, como uma velhota que era manca, cega de um olho e tinha uma das nádegas mutiladamente arrancada por causa de um tiro, que ajudava um príncipe sem tesouro e um vagabundo a conseguirem ir para Eldorado.

Durante certo período de minha graduação em Filosofia, fiquei sem ler absolutamente nada de literatura, somente preocupado com as leituras para as disciplinas e, nas férias, queria descansar e fazer outras coisas. Até que um dia, fui ao sebo de uma cidade vizinha à minha dar uma olhada nos livros. O vendedor perguntou em que poderia ajudar, ao passo que eu respondi: "Sou estudante de Filosofia. O que você me sugere como literatura?". "Borges!", disse ele. Eu tinha escutado muitas vezes os professores falarem de Borges, mas nunca tinha ido atrás de seus livros. Então, perguntei para o vendedor se tinha algum livro do Borges, e ele disse que não. Fiquei sem entender, pois pensei que ele tinha sugerido Borges porque tinha algum livro do Borges para vender. "E o que você tem de bom, como o Borges, para me passar?", perguntei. O vendedor me deu um volume de *A outra volta do parafuso*, de Henry James, dizendo que era muito bom, e também de me sugeriu *Irmãos Karamazov*, do Dostoievsky. Eu voltei para casa, peguei alguns livros meus de Nietzsche, da Martin Claret, cuja tradução não é recomendável, fui ao sebo e troquei pelos livros de Henry James e Dostoievsky.

*A outra volta do parafuso* foi uma das histórias mais interessantes que eu já havia lido até então. Pesquisei sobre o autor e fiquei sabendo que ele era irmão do filósofo pragmatista e pensador William James. Pensei o quão engraçada era essa relação: dois irmãos, um pensador pragmatista e outros escritor, artista. O livro de Henry James mistura aspectos da psicologia, em que não se sabe se a personagem principal de fato vê fantasmas numa casa de campo, em que é governanta de duas crianças, ou se é a sua mente que está sendo sugerida. Além do quê, algumas coisas ficam obscuras, porém implícitas, como uma relação incestuosa entre as duas crianças cuidadas pela governanta.

Depois da leitura de Henry James, li romances e novelas mais universais, *O Estrangeiro*, de Camus; *Crime e Castigo*, de Dostoievsky,

entre outras. Eu tinha um colega da graduação que apelidei de Rasputin, pois no dia em que eu o conheci ele somente falava das grandezas dessa celebridade. Em uma conversa, falávamos sobre literatura, do crime de Raskólnikov e de sua redenção no final de *Crime e Castigo*, ao lado de Sônia, e então começamos a falar de Kafka. Eu só havia lido *A metamorfose* e alguns outros contos do autor tcheco, até que Rasputin me sugeriu como leitura *O processo*. Falei que sabia mais ou menos da história, de um cara, Joseph K., que, sem saber o motivo, era preso numa manhã não tendo feito absolutamente nada de errado. Comentei que achava muito louco isso, como essa trama conseguia sair da cabeça de alguém. E então Rasputin me falou que mais louco era outro livro de Kafka, *O castelo*. E, para não estragar a surpresa, não me falou do que se tratava o livro.

Fiquei fascinado em ler *O castelo*. Eu o consegui numa viagem ao Rio de Janeiro. Nessa viagem, além de *O castelo*, ainda consegui *História universal da infâmia* e *Ficções*, do Borges. Passei uns dois meses, ou mais, para ler *O castelo*. É a história de um agrimensor que chega numa cidade, pois fora invitado a prestar seu serviço, mas ao chegar lá fica sabendo que ninguém o chamou, as pessoas do lugar desconhecem sua vinda, e ele passa o livro inteiro tentando validar sua estadia e seu serviço nessa cidade. Esse torna-se o objetivo vital para o agrimensor, e ele acaba por se enamorar da amante do grandalhão da cidade, Klamm, que é o responsável por contratar seus serviços. É uma situação tão absurda, que o próprio Klamm manda cartas para o agrimensor perguntando como está o seu ofício. *O Castelo*, de Kafka, é uma mistura de tragédia com comédia (os ajudantes do agrimensor são responsáveis pelas partes humorísticas do livro) e, mais uma vez, o personagem principal não consegue chegar a canto algum, sua vida se resume a uma busca desesperada por se reconhecer no mundo.

Eu lia esses tipos de livros ao mesmo tempo em que estudava Nietzsche, pois fazia parte de uma iniciação científica cujo tema da pesquisa era a relação entre Nietzsche e os filósofos pré-socráticos. Ler Nietzsche, Kafka, Camus e Dostoiévsky acentuava mais ainda uma percepção pesada da realidade, das relações humanas. Parece que o mundo nos impele numa busca desesperada por algo, satisfação profissional, financeira ou a utopia da felicidade, que, por mais que se consiga, ainda não se sai dessa busca. É uma ilusão, pois algo é prometido, quer seja a salvação ou a realização conforme o projeto, mas nunca cumprido. E o que eu estava fazendo ali, lendo literatura e estudando Filosofia, enquanto as rodas do mundo giram, as pessoas produzem eficazmente, o sistema paga, as pessoas recebem, mas pagam



com suas almas e seu tempo, vivendo a busca de um ideal. Em minhas leituras, percebi que Nietzsche falava disso. Para ele, estamos inseridos num niilismo, numa negação da vida e do corpo e na valorização da abstração, mais uma vez, do ideal. Mas Nietzsche não somente critica a situação, ele propõe algo novo, a afirmação da vida e não sua negação: a afirmação plena da vida, em todas as suas contradições, sem estar baseada em algo transcendente. Nada fora da vida deve regular a vida. É uma valorização da vida a partir de uma concepção imanente. E, para Nietzsche, a arte é esse âmbito em que o homem pode ter uma experiência autêntica da existência.

Em meio às minhas leituras na graduação, tive a oportunidade de cursar uma disciplina chamada “Filosofia e Literatura II”, em que tive contato pela primeira vez não com teorias literárias, mas uma preocupação maior, a do estatuto da literatura e a condição do escritor em textos de diversos autores como, Sartre, Blanchot, Foucault e Georges Bataille. Foi graças a essa disciplina que pude eleger o tema do meu mestrado, pelo contato com textos de Georges Bataille, que afirmava os movimentos da escrita literária totalmente afastados da lógica que regulamenta a vida das pessoas no mundo da produção e do trabalho. Para tanto, Georges Bataille comenta, em *A literatura e o Mal*, alguns escritores para se posicionar acerca da literatura. Dentre eles estão Kafka, Sade, Proust, Emily Brontë, William Blake, Jean Genet, entre outros.

Desses autores eu havia lido Kafka, alguns contos do Sade e o livro *Casamento entre o céu e o inferno*, de William Blake. Para Georges Bataille, a literatura desses autores desconhece a moral do mundo prosaico do Bem e do Mal, está sempre em vias de transgredir nosso mundo tranquilo, cuja moral dualista de Bem e Mal o assegura. Decidi começar a ler *O morro dos ventos uivantes*, da Emily Brontë, e percebi o que Bataille estava querendo dizer, pois a última instância do amor, traduzida na trama entre Catherine e Heathcliff, apenas se realiza na morte, e nada disso queremos reconhecer no mundo comum. É uma loucura afirmar que o ponto máximo do amor só ocorre plenamente em vias da morte, que seu princípio está no movimento contrário à manutenção da vida (na escola, parece que aprendemos o contrário).

Mais problemático ainda, vemos isso na literatura do Sade, em *Os 120 dias de Sodoma*. A leitura desse livro, de fato, me fez compreender o que o próprio Sade afirma no seu prólogo, que não existe livro escrito na face da Terra que seja mais obscuro, sujo e que mais estremeça do que esse. Somente a consumação do desejo aí impera, o corpo é a porta de entrada e de saída para todas as vontades dos personagens inseridos, que vai até a destruição, mutilação e morte. O Mal é verdadeiramente

desejado pelos quatro libertinos, que impelem os jovens raptados e presos no castelo de Silling a situações mais contrárias do que se deseja no mundo prosaico, religioso e comedido da cultura.

Tudo o que é impuro e impensável em termos de realização é feito por esses quatro libertinos, que têm o Mal arraigado em suas personalidades. E o mais curioso é que alguns dos jovens reféns dos quatro libertinos tomam partido ao lado do Mal no decorrer da história. Vale ressaltar que eram todos virgens, puros de coração e burgueses. Ao longo das experiências, eles se rendem ao império dos desejos e aqueles que ainda resistem são mais maltratados pelos quatro libertinos. O livro acaba com a morte desses jovens, morte esta desejada tanto pelos libertinos quanto pelos próprios jovens, que queriam se libertar das atrocidades dos seus algozes.

Para Georges Bataille, enquanto Sade estava preso na Bastilha, ele não podia consumir suas vontades, seus apetites libidinais. *Os 120 dias de Sodoma* é a tentativa, segundo Bataille, de Sade encontrar o objeto que lhe estava distante: na escrita, ele tentava consumir seus desejos. Essa é a tese de Bataille, de que, nos exemplos de Sade e Emily Brontë, o que está em jogo na literatura é a expressão dos desejos, tal como nos sonhos. O mesmo ele afirma em Kafka, que durante o dia trabalhava, à noite escrevia e que queria muito se dedicar com afinco à literatura mas não podia, pois seu tempo era tomado pelo trabalho e pelas preocupações dos imperativos sociais, tais como o casamento. Era na escrita que Kafka realizava aquilo que tanto desejava, diz Bataille, que estava inserido no seu âmago, que era a própria escrita, o próprio ato de escrever. Literatura é, para Bataille, tanto no escritor como no leitor, desencadeamento das paixões, que desconhece a moral, os imperativos da sociedade e da cultura, pois é um gasto, um gasto inútil aos olhos do mundo em que temos que ser “alguém” e fazer “algo”, é um capricho, um luxo. Pensemos que, talvez, quando Kafka soube que estava com tuberculose, deve ter sentido alegria, pois teria que se distanciar do trabalho, cancelar o seu terceiro noivado e, assim, teria tempo de se dedicar mais à literatura.

A literatura para Bataille é a expressão de como a arte pode também recobrar o império de nossa existência para além da sobredeterminação coercitiva da eficácia e da utilidade que o mundo do trabalho e da produção nos impele.

Quando tive contato com essas ideias de Georges Bataille, estava preparando meu projeto de mestrado. Fiquei sabendo que ele também tinha sido escritor e que sua história mais famosa é *A história*

*do olho*. Consegui esse livro emprestado e, curioso para lê-lo, o fiz em um dia. É uma novela em que a ambiência é plenamente onírica, praias desertas, cenas eróticas sob uma chuva torrencial no alto de algumas falésias, consumação de desejos que envolvem ovos crus e testículos de touro em meio a uma tourada em Madri, num calor de verão ao meio-dia, mutilação de padres dentro de uma igreja, mais cenas eróticas se desencadeiam e são observadas por um *voyeur* inglês, que banca as aventuras mais descomedidas de dois jovens. Há muitos elementos do universo sadiano. Tal livro foi resultado da sugestão de um psicanalista que Bataille frequentava na década de 1920. O psicanalista falou-lhe para escrever um livro em que jogasse todas suas fantasias no papel. Assim ele fez e, depois disso, sentiu-se melhor. Segundo ele, sentiu-se curado de uma angústia que o consumia cada vez mais. O livro, como desencadeamento das paixões, experimentado pelo próprio Georges Bataille, serviu-lhe de purgação de um mal.

Posteriormente, fui atrás de outros livros literários do Bataille, como *O azul do céu* e *Madame Edwarda*. Além disso, continuei a minha leitura dos autores que Georges Bataille citava e, então, entrei com contato com *Diário de um ladrão*, de Jean Genet. Comecei a lê-lo. Genet havia sido preso, acusado de roubo. Diziam as más e boas línguas que ele também matou algumas pessoas. No entanto, ele conseguiu se redimir perante a sociedade com suas obras literárias, que se constituem de romances, novelas e peças de teatro.

Na leitura de Genet, não consegui ir muito além em *O diário de um ladrão*, pois o universo de Jean Genet é muito denso, e eu estava há quase um ano só lendo escritores que não escreviam coisas ordinárias: Kafka, Sade, Bataille, Brontë... Portanto, comecei a ler *O diário de um ladrão* e não terminei, mas finalizá-lo está em meus planos.

Há um déficit em minhas leituras, que é a de autores brasileiros. Li pouca coisa. *Dom Casmurro* e alguns contos de Murilo Rubião, autor mineiro, que gosto muito. *Teleco, o coelhinho* e *O pirotécnico Zacarias* são dele. São contos fantásticos em que se percebe uma crítica ao social, em que as situações, nas quais animais e mortos falam, parecem denunciar a situação do homem na nossa pátria, infligidos pelo estado de coisas. Outro autor do qual gosto muito é Rubem Fonseca, li seu livro *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. É um romance ambientado no Rio de Janeiro na época do carnaval, em que um homem, angustiado pela morte da esposa e com uma relação estranha com uma mulher, está querendo fazer um filme sobre a revolução Russa; deixam em sua porta uma fantasia de carnaval com algumas bijouterias, mas tais bijouterias são pedras preciosas, e homens prontos para matar começam a persegui-

lo, em busca das joias. No final, ele consegue se safar, mas não fica com as pedras. Esse tumulto em sua vida parece recobrar o sentido de viver para além de seu luto.

Com a entrada no mestrado em Estética e Filosofia da Arte na Ufop, não me sobrou muito tempo para ler coisas que não se relacionam com minha pesquisa. No entanto, este texto que o senhor leitor está agora a apreciar é fruto dessa formação. Gostaria de citar mais livros que li, mas o tempo corre e as páginas acabam. Sinto-me parcialmente satisfeito com o que escrevi até aqui; contudo, gostaria de fazer outra versão de minha autobiografia literária. Gostaria de fazer como meu amigo Wesley Leonel; escrever um texto sobre livros que não li e como eles afetaram minha vida.

•••

# Do muito que li e do pouco que sei...

---

Bruno Assaf Bernardes de Araújo \*

*clássicos são livros acerca dos quais não  
se costuma dizer: 'estou lendo'.  
E sim: 'estou relendo'.  
(Ítalo Calvino)*

Este texto é uma tentativa de reconstruir minha história pessoal por meio das leituras que fiz, as quais definem diretamente a pessoa que sou. Divido-as entre leituras pré-acadêmicas e pós-acadêmicas. Considero pré-acadêmicas, aquelas realizadas fora do âmbito universitário, sem o rigor científico, mas com a leveza da leitura descompromissada de quem tem por objetivo apenas a fruição da literatura.

37

As letras começaram a fazer sentido em minha vida com os clássicos infantis. Lembro-me da coleção *Vagalume* que despertava meu imaginário com ilhas perdidas, minas escondidas, enfim, aventuras e tanto para um garoto de 10 anos. Após devorar essa série, apareceu em minhas mãos outra coleção com o nome *Você Decide*. Fui logo ver do que se tratava e eram histórias em que, quando se chegava a algum impasse, o pequeno leitor poderia decidir o futuro da história indo para as páginas indicadas. Esses livros muito me marcaram por essa diversidade de finais.

Por volta dos 12 anos de idade, conheci a beleza da poesia, culpa de um professor de literatura, sempre eles! Tentava entender por que

---

\* Natural de Poços de Caldas/MG, aprendeu com o pai o gosto pelo trabalho e pelos estádios de futebol (nos quais se tornou um fanático torcedor da Caldense) e, com as mães que teve ao longo da vida, o gosto pela leitura. Formado em História pela Ufop, deixou pra lá as poeiras dos arquivos, preferindo focar sua atenção ao pensamento filosófico-literário. Atualmente, pesquisa a obra do poeta Paul Celan, no PPG em Estética e Filosofia da Arte - Ufop.

tais letras me encantavam tanto (até hoje ainda não descobri...). Talvez a leveza das poesias infantis, talvez pura e simplesmente a beleza dos versos. Fato é que autores como Manoel Bandeira, Vinicius de Moraes e outros passaram a existir para mim, mostrando um jeito novo de escrever, de expressar; era definitivamente um mistério. Curiosamente, lembro-me de um menino que acreditava voar e que, para tal, utilizava apenas o pensamento e uma toalha de banho amarrada no pescoço, qual o Super-homem. A ficção tornara-se realidade em minha cabeça, tanto que não tive dúvidas: amarrei uma toalha no pescoço e fui para a janela. Naquele momento, descobri o significado de ficção, que me fora bem explicado no hospital enquanto o médico costurava meu queixo.

A partir de então, cumprida a fase clássica infantil, os professores me promoveram à literatura infantojuvenil. Foi quando li cronistas brasileiros que, pode-se dizer, foram a mola propulsora do meu gosto pela leitura, entre eles, Mario Prata, Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga. Percebam a leveza desses textos que me serviram como uma espécie de iniciação à leitura que, de tão prazerosa, opunha-se à obrigação da literatura escolar, que trabalhada de uma maneira impositiva, toma autores clássicos e fundamentais como Machado de Assis, Graciliano Ramos... algo enfadonho e misterioso.

38

Tal mistério, porém, instigou-me a continuar lendo. Depois desses cronistas, iniciei leituras um pouco mais complexas, como Caio Fernando Abreu e alguns contos de Machado de Assis (Dom Casmurro ainda era um grande enigma...). Ainda nessa fase de Ensino Médio, em fins do século XX, conheci um autor que, desde a primeira leitura, nunca mais deixei de ler: Guimarães Rosa, a quem o conheci com o pequeno conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Desde essa primeira leitura, fiquei encantado pela persistência de Matraga, que passa por todas as desventuras à espera de sua “hora e sua vez”; os professores sempre me destacavam sua linguagem, seu modo de narrar. Mesmo com inúmeras teses e dissertações dedicadas à sua obra, o que ainda hoje me prende não é nenhum atributo técnico, estilístico mas, antes, a leveza complexa de suas “novas palavras” e seu poético despertar em quem o lê. Entretanto, não foi à época do vestibular que pude conhecer os mistérios da literatura brasileira, sendo apenas no período pós-acadêmico, meu contato direto com tais clássicos.

Desde que iniciei o Ensino Médio, tinha a certeza de que me candidataria a algum curso de Ciências Humanas; especialmente História me interessou durante todo esse período, livros simples, puramente informativos, com linguagem destinada a grandes públicos, sobre história do Brasil e história geral. Foi nessa época também que

conheci a linguagem poética por meio, inicialmente, de autores como Paulo Leminski, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes (dessa vez, música e poesia!), entre outros. Interessava-me o modo como trabalhavam as palavras, o lirismo velado em seus poemas, o que, para mim, abriu uma nova possibilidade de representação/expressão.

Foi nesse período que descobri a literatura estrangeira. Iniciei, por sugestão de uma namorada, a leitura de *Amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez. Tal triângulo amoroso me marcou de um modo que a vontade era ler todos os outros, dada a beleza com que retratou essa tríplice relação. Li também *Cem anos de solidão* e *A revoada*, nessa ordem, o que me causou a estranheza de reencontrar Macondo em *A revoada*, após ela ter sido queimada em *Cem anos de solidão*. Conversara com um amigo quando este me disse: “leia os russos”.

Fiquei com essa fala na cabeça. Não seriam os “russos” densos demais para mim? Foi quando resolvi me aventurar, começando por um conto do Tolstoi intitulado *A Morte de Ivan Ilitch*. Ao ver a agonia de um burocrata tipicamente russo, pensava em questões universais; tal história poderia servir para todo mundo. Isso me causou um enorme prazer. Uma curiosidade nessa leitura foi que, aos 16/17 anos, não conseguia me lembrar os nomes (russos!) dos personagens; sendo assim os substituía por nomes brasileiros (João, Antônio, ao invés de Vassilyevich e Ivanovich).

Com essa bagagem tão diversificada quanto superficial, ingressei, em agosto de 2003 no curso de História no ICHS/Ufop. Inicia-se aí, o período que denominei de pós-acadêmico, isto é, um período em que minhas leituras se tomaram mais sisudas, com uma preocupação com o rigor (essencial à academia). Assim, adentrei na leitura dos chamados teóricos da História, principalmente de Marc Bloch e seus adeptos, como Lucien Febvre, Fernand Braudel, representantes da Revista dos Annales. Com eles, aprendi que a História, enquanto ciência, necessita de métodos que dela deem conta. Dessas leituras, ressalto principalmente a interdisciplinaridade proposta pelos Annales, o que influenciou fortemente minha formação e me fez abrir o leque para as Ciências Humanas. Assim, passei a diversificar minhas leituras na academia.

Ainda no âmbito historiográfico, não poderia deixar de mencionar minha pesquisa de iniciação científica, realizada sob a orientação do professor Tiago Godoy, sobre as Minas Setecentistas. Nessas leituras, conheci aquele que talvez seja um dos maiores cientistas humanos que o Brasil possuiu: Sérgio Buarque de Holanda. Embora à moda paulista, sua obra é referência para todos os que trabalham de alguma forma com

a construção de uma identidade nacional. Meu tema nessa pesquisa era a ascensão social dos forros pardos por intermédio da festa do corpo de Deus, hoje (*Corpus Christi*). Tal estudo me proporcionou ainda a leitura em arquivos de documentos do século XVIII, fato muito enriquecedor em minha caminhada de formação como historiador.

Entretanto, ao fim de um ano dessa pesquisa, entrei em contato com a obra de Hayden White e Fukuyama, autores que, confessadamente, me desiludiram com o fazer histórico. Naquele momento (hoje admito que talvez seja uma conclusão apressada), a História se dividia entre a prática (ficção) e a teoria (filosofia). Assim, entrei em um período de afastamento da historiografia e de aproximação de textos poéticos, literários e filosóficos que dessem conta dessa lacuna.

Foi então que comecei a frequentar disciplinas no departamento de Letras e, posteriormente, no departamento de Filosofia da UFOP. Muito marcante foi cursar a disciplina chamada *Seminário de Poesia*, ministrada pelo professor Duda Machado. Foi por ela que descobri autores geniais como Wordsworth, que se mostrava como uma nova alternativa poética, uma espécie de recém-modernidade; Baudelaire, denunciando a visão do poema enquanto túmulo, renunciando sua morte; e Mallarmé, com seu radicalismo poético e sua incessante busca pela grande Obra, que traria em seu bojo o sentido da existência.

Esse foi um período de afundamento em questões existenciais. De tanto abrir o leque de possibilidades, já não sabia direito onde pousar, onde criar raízes. Pensei em trancar o curso, porém logo desisti dessa ideia por acreditar que não me ajudaria em nada me desvincular da academia. Enfim, a universidade às vezes tem disso...

Após essa incursão na tradição poética moderna, em fins 2007, conheci a obra de um alemão tão controverso quanto genial; tratava-se de Martin Heidegger que, após algumas leituras superficiais permanecia obscuro. Somente dois anos após esse primeiro contato é que sua obra começa a se clarificar, pelas mãos da professora Carmen Peraita, da Universidad Complutense de Madrid, em um curso sobre *A Origem da Obra de Arte*, ministrado no IFAC em fins 2009. Extremamente engrandecedor mas, também, muito desafiador, o curso determinou o tema a ser pesquisado no mestrado. Desse modo, tornava minhas leituras cada vez mais plurais, humanísticas, diversificando as áreas de conhecimento dos autores que lia. Assim, a primeira percepção que tive da obra de Heidegger foi no bojo das ciências históricas, o que me proporcionou uma visão completamente diferente da apresentada pela professora Carmem e que, acredito eu, foi enriquecedor, por mostrar



diferentes caminhos para se percorrer sua obra.

Ainda em 2009, tive o privilégio de conhecer (ou tentar conhecer) o poeta Paul Celan. Discutíamos a iconoclastia presente em sua obra como uma forma de ruptura com tradição literária moderna. Dito desse modo, sinto-me reducionista e injusto com a obra celaniana. Porém, tal texto não me oferece suporte suficiente para uma melhor explanação. Outra característica de sua obra, muito marcante para minha trajetória, é o crescente silenciamento, por vários fatores, de seus poemas, com o qual se aproximava e faz sentido à obra de Mallarmè e Baudelaire (lidos *a priori* com o professor Duda Machado).

Desde então, dedico-me cada vez mais à leitura desses textos ligados à tradição poética moderna, tornando perceptível, em minha breve história intelectual, a construção do meu projeto de pesquisa, que trata de demonstrar a presença de uma linguagem não-objetificante que, embora por caminhos diferentes, relaciona as obras de Celan e de Heidegger, figuras pessoalmente muito controversas mas com visões do poético muito próximas. Embora não tenha descrito de uma forma minuciosa todos os livros que li, esbocei nessas linhas as leituras que mais me influenciaram, desde Mario Prata até Paul Celan.

41

\*\*\*

Em tempo: ainda tento desvendar os mistérios da literatura, porém, agora sem traumas. Li (quase) toda a obra de Machado de Assis e acredito que a Capitu traiu, sim, o Bentinho...

•••



# Salve Sabinos e quintais

---

Camilo Lelis \*

A acanhada casa tinha muitos quartos, uma sala, varanda, banheiros e seu grande quintal, de onde surgiam grandes aventuras por entre mangueiras, figueiras, videiras e galinheiras, não sei se era bem isso, mas não nos peguemos em nomes. Entre os pés descalços, a lama do quintal, que na verdade era um terreiro, fazia formatos por onde andava o menino solitário de vida e completado de fantasias. Filho único de uma família grande, seu mundo ultrapassava qualquer muro ou jornal que poder-se-ia um homem erguer por entre a terra, de onde se podia olhar janelas, astros, monstros de um dente só, máquinas de fazer futuro e grandificadores de barulhos que chamavam a atenção de qualquer ser muito distraído das ideias que passava por perto, ou até mesmo de longe, visto que já era sabido, diante dos relatos que sua mãe escutava dos vizinhos, que menino esperto igual este não tem santo que aguento!

De dia, a pobreza de seus bolsos não impedia a festança; qualquer pedaço de pau juntado a qualquer coisa que receba formatos servia de motivos para estripulices. Com cara de quem já sabe o que vai acontecer, aquele menino andava, corria e pulava com tanta vontade que até o cachorro passou a ser cavalo um dia. Não fiquei doido, reza a lenda que, diante das possibilidades de se tornar cavaleiro andante, o velho Pery, cachorro “bão” que se encontrava na família há mais tempo que qualquer um, foi açoitado por restos de mangueiras unidas com chicletes que, segundo o cão, surgiram não sei de onde e o transformaram em um grande e valente alazão - é certo que não durou muito a façanha, quando a primeira montanha que o menino saltaria apontou no horizonte, Pery resolveu interessar-se pelo gato que invadia seu terreiro (bem justificado, pois o gato Dumas era inimigo de longa data). Outra farra

---

\* Nascido em Belo Horizonte, Camilo Lelis Jota Pereira é formado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente, faz o mestrado em Estética e Filosofia da Arte pela mesma instituição.

boa que o garoto arrumara na sua madurês precoce era uma em qyw, não se contentando com a curteza do tempo em que o sol permanece trabalhando, a lua também era obrigada a vigiar o andar daqueles pés sujos de barro, donde o jeito que se tinha para continuar transformando o mundo a cada instante era invernizar luz por entre dias escuros que o sol tentava esconder. A mãe, sempre muito atenta, não aguardava mais que dez xiplequis dos pezinhos descalços na tábua do corredor para já lhe dar o devido aviso. Isso tudo porque o menino sabia que de nada valiam as coisas se não fossem sacudidas ou salpicadas com tinta ao ponto de aparecerem na sua completude.

Pois bem, na medida em que ia crescendo nosso herói, os meninos maiores cada vez mais encurtavam o tamanho das coisas. Até um dia que foi dispensada a gota d'água. Essa gota se deu para o menino quando se deu por conta que as capas mágicas que ficavam dançando com o vento do lado de fora da casa foram monopolizadas por sua mãe quando, depois de uma vez que o menino viu nesses pedaços extraordinários de panos uma grande maneira de enganar as galinhas que estavam no quintal e transformá-las em estrelas cadentes que caíam no planeta vizinho. Assim, diante da confusão que cantou-se por entre céu e terra, o menino percebeu que deveria utilizar de outras bugigangas que lhe dessem armamento para combater demasiada falta de criatividade daqueles que regulamentam as coisas sérias.

44

Isso tudo nos fala de uma tal maneira que podemos compreender o que aconteceu em uma bela noite de primavera quando, meio que distraído, o menino encontra alguma coisa estranha. Muito cabrero, não deixou as cores e as formas ganharem seu afeto no primeiro contato, pois já tivera um momento como este. Diga-se de passagem, contam que a primeira vez que foi visitar a mãe de sua mãe, a quantidade de cheiros e coisinhas apetitosas que dominavam o ambiente lhe enfeitiçaram a tal ponto que passou a tarde inteira compenetrado em descobrir o ponto de liquidificação das coisinhas que lhe atravessavam, como se fossem tão vespertinas quanto o momento em que acordara. Não obstante, esse fato foi muito comemorado por sua mãe, e pela mãe dela também, mas olhado na perspectiva de nosso herói ficou muito marcado na sua cachuleta de menino, pelo qual, vale lembrar, diante de tantas façanhas, ficou mais sabedor das coisas e percebeu o quão enfeitiçadora podem ser as coisas dos mais velhos. É por isso que, quando ficou diante daquelas novas cores, preferiu antes analisá-las com a mais alta ciência que conhecia: sua esperteza.

Mal sabia ele que de nada adianta usar da esperteza diante das coisas que conversam com a parte de dentro dos olhos. A revistinha do Tio Patinhas o dominaria de uma maneira que mudaria tudo que aconteceria

depois; até mesmo a relação com seu fiel escudeiro, o cachorro cavaleiro andante, ficou desgastada. Uma outra margem se abria no rio em que navegava o menino. Fato que até hoje é muito celebrado pela sua mãe, que pôde pendurar suas roupas no varal em segurança a partir de então. É com isso que contamos sua história com as letras, que em um primeiro momento eram embaralhadas, mas que depois surgiam como apetitosas formas de sentir desejo.

Contam que foi para vencer o medo da noite que o garoto se adentrara na leitura, de tanta raiva que sentia por não poder imaginar coisas que voam sem asas e muito menos coisas que fazem barulho no momento que perdem sua complexidade. Durante o descanso do sol, via-se necessitado de momentos de diversão absurda que só podiam acontecer, de acordo com sua mãe, com o simples trabalho de algo que ele não conhecia muito bem. Desse modo, contamos, com certo pesar, que foi com muita raiva que o garoto conhecia suas primeiras linhas.

Dona Vera, sábia senhora dominadora do português, já havia tentado antes incentivar o garoto nas letras. Mas diante da primeira impressão do momento que era uma sala de aula, era de creditar àquelas chamadas letras o nome comum de pura chatice. O nosso herói se recusava a achar aquele negócio de usar os olhos muito mais interessante que qualquer coisa que envolvesse barulhos ou caras sujas de sei lá o quê. Foi nesse espírito que a literatura entrava na vida daquele menino. Por meio da necessidade de vencer as barreiras do viver, na medida em que o enclausuramento das ideias, proporcionado pelo envelhecer, colocava na genialidade criadora do garoto, a literatura ia ganhando espaço na vida de nosso herói. Junto aos Irmãos Metralha, as bubiças do dia a dia perdiam a sua importância maior. Ao olhar sua mãe, deitada à espera do amor que demoraria muito a chegar, lendo as possibilidades maravilhosas criadas pelo mundo de Maurício de Souza, o menino se transformara em garoto e estava entrando em contato com aquilo que seria seu álibi para a jornada espetacular do viver.

O significado do chão remexido de pauzinho, caco de vidro desenterrado, tatus-bolinha prontos para a Copa do Mundo que ocorria periodicamente em seu tabuleiro de jogo de botão e tudo o mais que as formigas poderiam sugerir, foram se retorcendo até o ponto das coisas ganharem forças literárias, que iam da leitura matutina de sua mãe até as obrigações chatérrimas da escola. Isso sim era ponto interessante. Teve um ano em que a maravilha da literatura surgiu diante dos seus olhos assombrados ao ver que o destino da quinta série seria posto à prova diante da tecnologia em escrever poemas, romances ou letras de músicas. De modo muito interessado, a literatura angariava espaços

na vida do menino. Em meio à astúcia de colocar em papel de caderno coisas que para nosso herói, ninguém jamais tinha escutado, como letras do Chico Buarque, Milton Nascimento e Roberto Carlos (e outros caras estranhos), o garoto se preparava para dominar o inominável. Esse era o feito, as letras mágicas do Pato Donald tomavam a forma da conquista, e a linguagem da aventurez cedia espaço para um tal de português, que de nada parecia com o português que era dono da padaria.

Nada convencia o garoto que aquilo era bom, nem Roberto Drummond, muito menos José de Alencar era capaz de entregar à pacatês da vida estudantina o mundo de aventuras que um dia fora os limites do quintal. Ter que perceber a façanha que Maneco Terra teve na construção da herança do Brasil, ou de quantas Cecílias eram feitas a poesia brasileira perdiam espaço na tentativa de abraçar o mundo, segundo nosso herói: “O ‘bão’ mesmo era o tamanho de ‘troço’ interessante que as letras no papel apresentavam”. Era com olhos atravessados que acontecia o milagre das letras para o garoto, em meio a paparicos de donzelas, peladas após a aula e porradas no recreio, que os olhos de Sauron tinham que lutar; na medida em que o *Baú do Raul* galgava o posto de coisa importante, que as *Batalhas do castelo* povoavam a mente e as paredes da sala, que uma pedra no caminho pode ser muito mais que uma pedrinha de jogar *três marias*, a vida toda tinha novos temperos.

46

Porém, enquanto o mundo de quixotes e princesas conseguiram espaço pouco a pouco na vida daquele nobre rebento, a bela Marília, com seus peitos de pitomba, que já tinha se adentrado naquele mundo novo de letrinhas e voltava seu olhar – diga-se de passagem, encantador – só para aqueles que conhecem o Machado, o nosso herói recebia seu álibi na nova escola. Mas quem seria esse tal Machado? Um cara muito do nervoso deveria ser, pensava o garoto, dentro da vã para a escola. Enquanto a Kombi sacodia de um lado para o outro, risadas testemunhadas por figurinhas das balas do beijo gelado, a mente do garoto procurava motivos para o olhar de Marília. Até que um dia olhou para o canto da casa onde era guardado, segundo os antigos, o “Pai dos Burros”, e veio a luz da esperança. Talvez lá, onde monstros ultramarinhos teciam suas teias, poderia conter respostas à sua pergunta. Pegou uma cadeira, sobrepôs um banco, calçou sapato grande e foi; devargazinho ia olhando nomes estranhos, meio alemães meio alienígenas, até ver nas páginas que um dia a traça irá de comer o nome de seu álibi em letras garrafais: *O Alienista*, Machado de Assis.

Em busca do olhar de Marília, o garoto teve que se digladiar com seu primeiro antagonista, ser muito inteligente de força e de olho para vagar por entre as páginas que foram capazes de corromper os mais espertos de

seu tempo. Hã, então esse era o tal Machado, êta sujeito poderoso - pensava o garoto, enquanto percebia que o lugar de seu antagonista era um lugar privilegiado entre os demais outros, pois ficava superior a um rapaz de nome homônimo a nosso herói, que devia ser tão cavalheiro quanto ele, e ainda melhor, de tão nobre que era, tinha até que citar a cor de seu castelo para falar dele. Mas tudo bem, os primeiros confrontos foram apertados, o cara era quase invencível na sua cachuletice sobre o Brasil, até amigos bons ele possui. O garoto ficava muito assustado diante desses “alienistas” que raptavam as pessoas em suas máquinas de voar. Depois de algum tempo, aquele velho barbudo que passava a vida inteira segurando um troço no olho já lhe era mais familiar, tinham amigos em comum. Seu companheiro *Brás Cubas* servia de escudo a qualquer intempérie ou salada muito verde que podia cruzar o seu caminho.

Até a própria Marília aceitava compartilhar o amigo predileto com nosso herói. Foi desse jeito que as coisas boas das letras foram ganhando espaço na esperteza do garoto, de meninos presos em planetas pequenininhos a seres muito maus que drogavam as pessoas na escola, um universo de possibilidades e rico das inteligências se abria a cada dia. Tal estado de harmonia e sonho durou até a chegada de outros ventos. Conta-se que, um belo dia, ao sair da aula em direção ao pátio do recreio, nosso herói foi atravessado por uma imagem que acabou com seu sossego - a sua musa estava encantada por um idiota de marca maior, um daqueles que tem cabeça de mexerica azeda. Não sabendo o que fazer, recorreu mais uma vez aos livros de outrora, pelo qual percebeu uma utilidade muito boa para o livro: acertar a cabeça do mexerica enxerido com um bom pedaço de *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Começava um novo ciclo para o menino, as outras coisas da vida lhe desafiavam a outras aventuras, aquelas coisas que ninguém sabia pronunciar o nome tomavam o tempo demasiadamente. A velha Dona Vera, mulher sabedora de muita informação, percebia que seu pequeno grande aluno se perdia em meio ao avanço das medusas horripilantes. Tentava conversar, tirava da cartola grandes e apetitosos livros, mas nenhum Graciliano ou Guimarães conseguia cativar o coração despedaçado daquele garoto. O desespero de um amor perdido estava se transformando em um buraco negro no peito, a tal ponto que suas roupas se tornavam negras e seu velho escudeiro Pery - o cachorro cavaleiro - já lhe olhava com olho de bolha de sabão. Quase chegando a estourar, nosso herói se encontrou com a possibilidade de reverter o mundo inteiro.

Ao frequentar movimentos de qualquer tipo de vingança, sociedades ultrassecretas, butucas padarescas e atirar pedras do alto da passarela, o garoto foi deslocado a um lugar que em um momento

lhe foi surpreendente. Ao se lembrar dos limites do seu quintal e o quão doloroso foi ter que respeitar as regras das coisas sérias, o seu grande antagonista surgiu novamente lhe convidando para uma batalha que tinha visto somente em livrinhos da dona Vera, que narravam as batalhas do castelo e guerras entre messias e guerreiros corrompidos. Era a batalha de encontrar motivos para as coisas sérias serem sérias, para as coisas chatas serem chatas, para os limites serem limites e as aventuras serem reservadas aos preços altos do capital. Grande palavra que aparece de repente para o nosso herói.

Os olhares dos transeuntes se voltaram para ele na mesma hora em que a mãe do vendedor foi chamada à cena. Em meio à repreensão aparente daqueles olhares, nosso herói percebeu o quão felizes estavam os quadris daqueles que não tinham coragem de gritar como ele. Mas por que não gritavam como eu? Essa era a pergunta principal a ser buscada, e sua busca passava pelo capital. Novamente sua mãe se preocupava: ninguém consegue falar com esse menino!

O capital levou-o a procurar novamente a liberdade que apenas tinha experimentado nas aventuras com Marília, por meio a páginas amareladas de sabedoria e com cheiro de coisa gostosa que acabou de sair do forno, buscou encontrar os lugares que serviam de depósito daquele negócio que, apesar de não saber dizer o nome, sabia muito bem o que era. A busca ganhava contornos de filme russo, no qual os heróis sempre conseguem vencer os monstros, mas nunca conseguem acabar com a família dos monstros, pois sempre surgem maiores e mais malvados, com diversas caras ou cabeças. Em trilhas sonoras diferentes, a literatura ainda é a grande antagonista de nosso herói, somente vencendo os limites de seus velhos barbudos que sempre usam coisas engraçadas no cabelo, no olho ou no gogó, que será possível conseguir voltar à imensidão de seu quintal. Assim, nosso herói caminha em direção à biblioteca mas, cuidado, malfeitores, velhos barbudos, príncipes e mocinhas indefesas, sua raiva diante das coisas sérias continua....

• • •



# As impressões da literatura

---

Christian FrazeirCorreia\*

A literatura se apresenta a nós seja pelos pais, professores ou, simplesmente, quando percebemos que, no mundo, existem livros. No meu caso, como de várias outras pessoas, pelos meus pais descobri a literatura, após a iniciação às primeiras letras e palavras. Meu pai teve a sabedoria de perceber a importância dos estudos e dos livros (por isso, os comprava); minha mãe, professora primária, dispunha de seu tempo para ler para seus filhos. Normalmente, nossa relação inicial com a literatura se dá mais pelas impressões que os sentimentos nos causam quando lemos do que propriamente por uma análise literária ou filosófica; então, na verdade, estou me propondo aqui a falar um pouco sobre a impressão que alguns livros me causaram, mais do que de possíveis críticas. Essa é a forma que encontrei para trabalhar a proposta inicial deste texto, falar sobre nossas relações com a literatura. O que trago não são necessariamente os clássicos - alguns realmente não são - mas, como disse, ao longo de minha vida, fiquei impressionado (ou encantado, em alguns casos) com o que li.

49

Os contos de fadas foram o início. As histórias ilustradas, que existem até hoje em algum lugar da minha antiga casa, ainda esperam o momento de encantar mais alguém. E a palavra correta é esta mesmo: encantamento. Pois, como seria possível um homem matar sete dragões? Como seria possível uma maçã (algo tão singelo) ser responsável pelo adormecimento durante um período tão longo? Os dragões e as belas que esperam pelos seus príncipes encantados acabaram por ficar na infância.

Na verdade, seria muito difícil falar sobre literatura sem mencionar os belos olhos de ressaca de Capitu e um escritor que, há décadas, deixou uma dúvida que jamais será respondida: “Será que

---

\* Christian Frazeir Correia é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela mesma instituição.

Bentinho foi traído?”. Essa é a grande genialidade do bruxo do Cosme Velho, que nos lançou um feitiço eterno em *Dom Casmurro*. Não importa se nossa curiosidade detetivesca pesquise todo o romance de trás para frente ou de frente para trás: o efeito será sempre o mesmo. Enfim, o rancor de Bentinho nos impedirá para sempre de saber a verdade, e aí está o elemento criativo que Machado de Assis nos deixou.

Gostaria de falar também da história de um *Primo Basílio* que conseguiu seduzir Luísa, que era casada. O que levaria uma mulher com um relacionamento sólido com um engenheiro a trair o próprio marido? Por que alguém colocaria em risco sua posição social e sua riqueza por uma aventura? A resposta a pergunta, no caso de Luísa, tem um nome: ingenuidade. Aqui, a ingenuidade, a falta de trato com o próprio mundo real, custou muito caro à moça; custou-lhe a vida. Mas pequenas falhas de moral das pessoas não eram exclusividade do casal de traidores. Tal característica já era vista em Leopoldina, que não parece ter problemas em falar de seus amantes, ou em Julião Zuzarte, que espera por parte do Estado um bom cargo administrativo, não se contentando com qualquer coisa. Por fim, Juliana, a empregada, que não chantageia diretamente a patroa, mas suas “pequenas exigências” transformam a vida de Luísa em um inferno. A empregada tinha praticamente o mesmo nível de vida da patroa. Juliana havia trabalhado duro por muito anos e não tinha conseguido juntar dinheiro nem realizar seu sonho de ser patroa. Ela viu a oportunidade de conseguir vantagem e se aproveitou disso; viu, como tantas outras pessoas, a oportunidade de realizar o seu sonho. Não foi por falta de aviso que Luísa continuou em sua ingenuidade. Sebastião, que era amigo da família, avisa a moça sobre as fofocas da rua acerca das visitas constantes de Basílio, mas o aviso é ignorado. Luísa passa a ter que esconder seu segredo. Mesmo a nossa protagonista tendo dificuldade em viver no mundo real, a realidade não deixa de bater à sua porta. O único momento do livro em que percebemos que existe pobreza no mundo é justamente quando Luísa se encontra no Paraíso com Basílio; era numa casa simples, num bairro simples. O desligamento de moça com relação à realidade fica claro quando ela, sabendo que Juliana descobriu o caso entre os dois, sugere que eles fujam. Basílio responde que isso funciona bem nos romances. No final, Jorge descobre o caso de Luísa e Basílio, e ela acaba por falecer. Fica quase confirmado que a pobre moça morre por conta de um arrependimento que se abate sobre seu espírito e, por consequência, sobre seu corpo. O interessante é que Basílio mostra muito pouca dor. Pobre Luísa, que se sentia admirada e amada, percebe tais sentimentos se tornarem arrependimento fatal. Como os sentimentos se transformam! Como se paga caro pela ingenuidade! Talvez Eça de Queiroz tenha sido muito duro com sua personagem principal.

E por falar em ingenuidade, a de Amâncio, em uma *Casa de pensão* contruída por Aluísio Azevedo, também lhe custou a vida. O jovem se hospeda na casa de Campos, antigo amigo do pai, após chegar do Norte. Campos deve favor à família do jovem, que vem para estudar. Mas Amâncio demonstra, em uma carta, seu descontentamento em morar na casa de Campos e resolve ir para a pensão de Mme. Brizard, sob a indicação do amigo Coqueiro. Lá, conhece Lúcia, namora Amelinha e... se relaciona com Hortência. Todos querem se aproveitar da riqueza do rapaz, e ele parece realmente não perceber isso. A ingenuidade de Amâncio se apresenta de outra forma: ele acredita que sua privilegiada situação econômica poderia livrá-lo da repercussão de seus atos. Triste engano. O romance naturalista e social sempre teve a missão de nos aproximar da natureza ou de dizer o quanto ela pode estar presente em nossa vida; a mesma natureza que dá poucas escolhas ou nenhuma. Os estímulos nos levariam “naturalmente” a uma reação, quase sempre considerada única. Talvez o problema esteja justamente nisso: o ser humano tem escolhas. Amâncio teve algumas, mas escolheu as piores alternativas.

A tríade dos inocentes talvez se complete com *Zé-do-burro*, de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. Gostaria de falar, mesmo que rapidamente, dessa peça de teatro, pois ela mostra que o ser humano pode ser muito maldoso, e isso se verifica quando se quer tirar proveito dos infortúnios dos outros. Todos queriam se aproveitar de alguma forma do protagonista. O jornalista quer notícia; a mãe de santo quer levá-lo ao seu terreiro; o padre quer afirmar sua autoridade. Os personagens não deixam dúvidas sobre o que querem. Vários extratos sociais estão presentes nessa peça de teatro e todos querem se promover de algum modo. Ou seja: a maldade não respeita classe social.

Por outro lado, foi divertido também saber que no fundo do mato-virgem nasceu o herói da nossa gente, *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Com ironia ou não, ele estava longe de personificar a moral e os bons costumes. Talvez por isso que se imaginou que ele seria nosso héroi. Um herói que fala a língua do povo, que fala com a mãe do mato, que representa as raças, que vai ao terreiro de macumba e que não tem pena de enganar ninguém.

Depois, impressionou-me como vidas tão comuns, quase sempre sem destaque, foram apresentadas em toda sua dureza, mas também em toda sua beleza, em *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. O menino pobre dialogava com a planta que falava com ele, numa fuga criativa da realidade, do cotidiano de uma família pobre. O que seriam fatos comuns recebem atenção e consideração literária. O autor opta por isso para descrever as “aventuras” do seu pequeno protagonista. Os fatos

da vida de Zezé estão há anos-luz de serem um conto de fadas. Sua vida, assim como a de várias crianças de sua época, é muito sofrida, marcada por maus-tratos e abusos. Mas também é alegre e inusitada. Isso torna o livro belo, por ser verdadeiro e fantástico ao mesmo tempo. Minguinho, Mangaratiba e Portuga não podem ser esquecidos.

O amor é certamente um assunto muito apreciado na literatura, mas o que uniu Simão e Teresa demonstrou seu especto inesperado: a perdição, exatamente o oposto do que se espera dele. Em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, o casal está realmente disposto esperar o tempo necessário para, um dia, poder ficar junto, talvez demonstrando (ou tentando demonstrar) que o verdadeiro amor está na alma. Nenhuma tentação os desvia de seu propósito. Mas é um amor que não se concretiza pelas diferenças entre as famílias e, que, devido a sua não concretização, lançará uma maldição sobre todos os envolvidos. Um amor que é tão sensível quanto rancoroso e vingativo: se o casal não pode ficar unido, todos os que estão em seu entorno sofrerão infortúnios... ou morreram. Baltazar, primo de Teresa e seu pretendente, é morto por Simão. João da Cruz, amigo de Simão, também morre, por ajudá-lo em diversos momentos. Os amantes morrem ao final do livro: somente longe desse mundo poderão ficar juntos.

52

Finalmente, fui apresentado a uma busca de algo que sempre passa e sempre se perde: o tempo. *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, mostra como algo tão simples como lembrar o passado torna-se algo inegavelmente artístico. Uma lenda celta diz que as pessoas, após a morte, encarnam-se em seres inferiores (pedras, animais ou vegetais) e que podemos reencortrá-los, ou não, quando, por coincidência, deparamos com eles. O que era apenas uma lenda tornou-se um dos momentos mais belos da literatura; o que era o encontro com um ente perdido se torna, pela força da criatividade, um encontro com o passado. Era para ser apenas uma lembrança, mas a *madeleine* trouxe um passado, não realmente vivido, um passado construído, criado. Trouxe também uma alegria nunca antes experimentada e uma sensação de poder ser possível experimentar a essência das coisas ou de ser a própria essência, como menciona o narrador.

Veio somar-se ao encantamento da leitura a necessidade de descobrir como seria possível que alguns seres humanos fossem capazes de criar tal encantamento. Como é possível moldar a realidade e construir algo diferente dela? Como é possível, a partir de pouca coisa, construir muito? Como é possível, para quem se propõe a fazer boa literatura, mesmo falando sobre o cotidiano, mesmo falando sobre a realidade, fazer algo diferente dela? Talvez o ato de contar uma história esteja já

contamidado com a necessidade de se criar uma história, em que todos os seus elementos (sejam históricos, éticos, políticos ou qualquer outro) são acessórios ao próprio ato de contar e criar. Mas aqueles que se propõem a responder tais perguntas devem ter em mente que, durante sua procura e no momento em que, por ventura, encontrem a resposta, o encanto não pode ser esquecido, pois, do contrário, não existirá mais aquilo que ele procurou compreender.

• • •



# Pequena autobiografia literária

---

Deivid Junio Moraes\*

No começo, fora a poesia, como no princípio era a palavra ou o verbo criador de tudo mais... Não por acaso, a poesia é aquilo que faz ser o que não é ainda, ou o que promove a passagem do não ser ao ser, como escreveu o filósofo [Platão, no *Simpósio*]. Poderia ser diferente, mas é assim que eu vou começar a contar sobre como a literatura apareceu em algum momento da minha vida: foi, no princípio, pela poesia. Não fui criado numa biblioteca, mas ainda na infância pré-escolar já havia alguns livros em casa, objetos de estudo de dois irmãos mais velhos que eu. Sem saber ler, tais objetos se apresentavam como coisas muito curiosas, quase impossíveis de compreender, mas que os mais velhos entendiam e se fixavam nelas, como se, ali, algo lhes fosse dito silenciosamente. Eles abriam os livros, viravam as páginas, acompanhavam com os olhos aquelas grafias e imagens que eu sequer entendia. Não me atormentava; um dia eu saberia o que era aquilo: passar a ponta dos dedos na língua para virar página a página, seguir com os olhos cada linha e até mesmo soletrar baixinho algum som misterioso do que se lia, letra com letra, palavras... como quem lê quase em voz alta, o que também minha mãe fazia.

O livro era um mistério a ser desvendado. Um objeto que mais tarde deixaria de ser um lugar para os meus rabiscos ou um brinquedo cheio de enigmas, desenhos incompreensíveis e imagens coloridas. No jardim de infância, lembro que havia livros engraçados e engenhosos em

---

\* Deivid Junio nasceu em Belo Horizonte. Graduado em Filosofia, atualmente é mestrando em Estética e Filosofia da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, tendo como tema de pesquisa a forma do diálogo em Platão. É professor de educação básica na rede estadual de ensino de Minas Gerais. Escreve poesia e, entre 2005 e 2008, integrou o conselho editorial do Jornal A Parada, que teve os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de BH, no qual publicou pela primeira vez alguns de seus poemas. Tem poemas publicados também no Catálogo Terças Poéticas Jardins Internos [Dez. 2006], no Jornal Dezfaces nº6, no Jornal O Capital [de Aracaju] e no fanzine Barkaça nº6. [Jan. 2007]. Foi o primeiro colocado na 3ª edição do Concurso Rogério Salgado de Poesia [BH], com o poema "sertão". Reside em Ouro Preto.

que a “tia” [a professora] lia estórias que saltavam do papel. Eram livros que, se abertos, formavam castelos de bruxas e bosques encantadores; as crianças facilmente se perdiam por entre aquelas dobraduras... Nesse mesmo tempo, eu me lembro de ter aprendido a desenhar letra a letra o que era chamado abecedário. Cada letra correspondia a uma figura, geralmente de animais, e cada letra grande ou maiúscula tinha um par minúsculo que a acompanhava. Depois, a junção de uma letra com outra formava um som, e aí eu soletrava: as palavras se formavam. Palavras pequenas, palavras grandes: eu era alfabetizado.

Mas eu apenas me dei conta de que poderia, sozinho, entender aqueles códigos todos que via nos livros de casa bem mais tarde, quando descobri que lia sozinho frases inteiras que eu mesmo já conseguia falar e nem assim muita coisa compreendia. Eu entendia muito do que me falavam, mas o que estava nas páginas era sempre mais complicado. Embora agradável, pelos sons que me possibilitavam juntar aquelas letras, formar aquelas palavras muitas vezes não me dizia nada, apenas um som me apresentava, uma voz, algo maior ainda, sempre me mostrando o pouco que eu sabia, como que adiando, ou repartindo dia a dia aquilo que viria e que não era ainda, mas que, de algum modo, me precedia: faltava a poesia.

56

Eu gostava do jeito com que minha avó falava. Dizia umas coisas gostosas de ouvir, umas palavras combinadas que depois eu recordava e, sem me dar conta, repetia. Eram como as músicas que se tocava em casa, quando os mais velhos colocavam discos em festas ou mesmo por nada tão especial. Foi quando, um dia, sem mais, descobri ao ler uma coisa, num livro didático de um dos irmãos, uma sonoridade tão combinada entre as palavras quanto aquela maneira como minha avó dizia, quase canto... encanto. Uma coisa com outra rimava e era bonito, do jeito que eram bonitas as fotografias que também com olhos se via. Mas aquelas palavras eram mais que fotografia... eram sons que, quando lidos, se espalhavam dentro da cabeça e pela sala de casa, pela sala de aula, pelo quarto, pelo banheiro banheiro, pela cozinha, pelo mundo.

Eu tinha descoberto uma coisa simples, mas que era toda encanto. Eram frases que não preenchiam toda a página: eram versos que deixavam muito do papel ainda em branco. E nem todo livro tinha algo daquele jeito. E quando tinha, eu sabia o que encontraria: se eu lesse, conseguiria dizer como um canto, tantas eram as rimas. Aí me disseram: isso é poesia. Os primeiros poemas que li, decorei-os. Eram como ouvir o que minha avó dizia com aquele jeito combinado em que as palavras cantarolavam... Sem querer, eu lembrava do jeito que ela falava e eu repetia fácil. Decorei *As borboletas*, de Vinicius de Moraes, o *Boizinho velho*, de Henriqueta



Lisboa, *O cavaleiro branco*, de Cecília Meireles, *Poema de Natal*, de Carlos Pena Filho, e *São Francisco*, também de Vinicius.

A literatura chegou até mim, pela primeira vez, pela poesia, pelos versos que li, reli e decorei na infância... Lia também livros pequenos, indicados pela escola, bastante ilustrados, como *Uma ideia verde*, *A bonequinha preta*, e um de nome engraçado: *O ourives sapador do Polo Norte*. Somente na adolescência comecei a ler livros, contos e romances maiores. A obra mais marcante da minha adolescência foi, sem dúvida, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Depois da maioridade, penso que nada foi mais importante do que a leitura das *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa. Em todas essas prosas, havia algo de poesia, que era cada novidade. Descobri, ainda, os poemas de Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado. Outros se seguiram e me seguem até hoje. A poesia foi o começo e será também o meu fim. Seja nos primeiros versinhos que li, nos que reli e decorei, seja nos que escrevi, seja nos que me aguardam silenciosamente em algum livro para lê-los, ou que ainda nem nada sejam, mas serão um dia.

• • •



## F de Flávio

---

Flávio Ernani da Costa \*

Livros, não foram muitos os que li. Uns cinco de literatura. Uns vinte acadêmicos, durante a graduação. Três religiosos, entre eles, a Bíblia. Sim, li a Bíblia inteira, por duas vezes. Também li artigos, esses em grande quantidade. Apesar de ser formado em Jornalismo, à leitura de jornais impressos não dediquei muito tempo. Não sei se pelo cheiro da tinta com que são impressos os jornais, ou da textura do papel, algo no jornal impresso não me agrada. Não me atrai. No ambiente digital, são inúmeras as notícias que li: sobre economia, política, fofocas de celebridades, receitas culinárias, tramas novelísticas – em especial a novela *Avenida Brasil*, queria saber o que ia acontecer no próximo capítulo. Nas páginas iniciais dos jornais, frequentemente aparecem palavras como “morte”, “desastre”, “time” e “presidente”. Mais tragédias que alegrias, mas antes ler isso do que não ler nada. Na *web*, acesso as redes sociais e nelas leio comentários em fotos, vejo postagens de informações, escrevo coisas que algumas pessoas não querem ler e leio outras que preferia nunca antes ter lido. Frases carregadas de preconceito, ódio e violência. Mas ainda há os que publicam poemas de Drummond, Vinicius de Moraes. Não me esqueço do dia em que li Adélia Prado: “O sonho encheu a noite. Extravasou pro meu dia. Encheu minha vida. E é dele que eu vou viver. Porque sonho não morre”. Uma belezura dessas, e eu li na internet.

Leio desde os quatro anos. Fui iniciado nas vogais. A, E, I, O e U eram exaustivamente repetidas até que eu gravasse. A tia Beth, como era conhecida a professora Elisabeth, da pré-escola, fazia pontinhos delimitando o desenho das letras e eu completava os espaços até que a letra fosse formada. Assim, aparecia vogal por vogal. Depois foi a vez de

---

\* Flávio Ernani da Costa é mestrando em Estética e Filosofia da Arte na Universidade Federal de Ouro Preto.

aprender as letras do meu nome. Dentro do ônibus, caminhando na rua, vendo televisão, comendo biscoitos, eu não podia ver a letra F que falava: “esse é o F de Flávio”. E assim foi M de mãe e P de pai; posteriormente o nome de cada um dos familiares.

A leitura, para mim, se deu por um processo de aproximação. Fui levado ao encontro das letras, mas não eram quaisquer vocábulos, eram nomes de pessoas conhecidas, gente que me amava. Assim, a leitura tomou forma de amor. Amava ler a letra R de Regina e Ricardo – tia e irmão, respectivamente. Também gostava de Z de Zair – minha avó -, era a única da família que começava com essa letra. Recordo-me da canção da Xuxa “A de amor, B de baixinho, C de coração”. Creio que todos com mais de 20 anos lembram-se dessa música. Quase um mantra nas escolas primárias, ela fez parte do processo de alfabetização de diversas crianças, inclusive eu.

A tia Beth corrigia a lição de casa diariamente e nos incentivava a ler o que ela escrevia no quadro. Rememoro as leituras de histórias infantis no colégio, aos cinco ou seis anos; eu e outros colegas, cada um de nós lia um trecho. Algumas palavras eram praticamente soletradas ou divididas silabicamente para que pudéssemos ler. “Chapeuzinho vermelho” era cha...  
60    peu...zinnnn...ho... desse jeito mesmo, com zin, porque naquela época não sabia dividir zi e nho. Daisy, uma das minhas primas, ajudava-me a fazer o dever de casa. Pacientemente, ia me ensinando sílaba por sílaba e, assim, fui aprendendo, até o dia da formatura pré-escolar. Fui escolhido para ler um poema na cerimônia. Orgulho para os meus pais e orgulho para a tia Beth e a Daisy. Sim, eu já sabia ler e lia de tudo – de placas a palavrões pichados nos muros: “Mãe, ali está escrito vai tomar no (...)”. Minha mãe interrompeu antes que eu terminasse a leitura, dizendo “cala a boca, menino, isso não é para ser lido”. Aprendi o limite do que podia e do que não podia ser lido em alto e bom tom. E aquilo não era de bom tom.

Tempos depois, já com 12 anos, aprendi uma nova leitura, dessa vez, a partitura. Queria saber tocar piano, mas, antes, era preciso saber ler as notas musicais. Uma leitura totalmente diferente e que necessitava ler com os olhos e com as mãos no piano, dedilhando a leitura nas teclas. Li clássicos como Bach, Beethoven, Grieg e os considerados mais atuais, como os de linha gospel e MPB. Parte de mim foi formada pelas leituras que fiz. Percorri sentidos por meio das leituras musicais. E, hoje, ao escrever e ler meu nome não penso mais na letra F, isoladamente. Sobretudo, em todas as letras que formam a complexidade do sujeito que sou.

# As artes do intelecto - Intelectualização diante dos livros

---

Guilherme de Souza \*

A intenção deste ensaio é produzir uma coleção de alguns trechos de escritos filosóficos produzidos durante minha graduação em Filosofia sob a maneira da narrativa. Este ato pretende mostrar uma genealogia intelectual por meio de livros, isto é, lançar a luz sobre a minha intelectualização por meio dos livros lidos durante a minha vida. Assim, primeiramente, o trabalho de rememoração me faz ir direto aos livros dados como filosóficos. Digo isso não menosprezando o contato que tive com os primeiros da série Vagalume, nem os da série policial da Agatha Christie e nem os de Sidney Sheldon. Quero ir direto aos livros que julgo terem me fornecido o poder intelectual que este ensaio quer explorar. Eis aqui, neste texto, o aparecimento de citações, de autores filosóficos e nomes de livros que me deram condições para a minha intelectualização.

61

Lembrando assim, o começo foi com *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel (1469-1527), livro que me fez produzir a minha primeira resenha, feita com um professor do Ensino Médio. Com ele, pude colocar no papel minhas primeiras ideias de forma escrita acerca do pensamento de Maquiavel e pude também dar os primeiros passos para indagar questões referidas no decorrer da narrativa do livro. Sendo esse meu livro para dar início a este ensaio narrativo, quero dar um salto e começar a partir do meu primeiro período da graduação em Filosofia. Não quero fazer a narrativa de maneira ordenada, sistemática dos períodos do curso. A intenção será colocar trechos filosóficos resenhados e parafraseados por mim, por importância, daqueles que me deram a propriedade de intelectualizar livros e ser intelectual por meio deles, ou seja, os grandes autores filosóficos.

---

\* Nascido em Caxambu, sul do Estado de Minas Gerais, Guilherme de Souza graduou-se bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) no ano de 2011. Dá continuidade aos estudos em licenciatura, também em Filosofia, pela mesma instituição de ensino, desde 2013, tendo forte gosto pelas leituras dos filósofos Nietzsche e Platão.

Quando há a possibilidade de estudar Filosofia e quando somos potentes para isso, a vontade é abraçar o mundo e fazer diferentes críticas acerca de tudo o que gira em torno de nós. Assim, lembro-me de Immanuel Kant (1724-1804), autor cujo brilhantismo foi perceber e criticar as maiores polêmicas do mundo, como moral, gosto, juízos, igreja, sujeito etc. E acrescentou uma nova perspectiva para seu tempo. O aprendizado desses aspectos me proporcionou criar possibilidades não preconceituosas e nem de senso comum para resoluções de problemas que surgiram diante do meu caminhar na vida. Assim, faço o uso da razão e do pensamento pacífico para driblar problemas que surgem diante de mim.

No parágrafo 54 do livro *A Crítica da Faculdade de Julgar*, de Kant, o autor alemão coloca em primeiro momento a existência da distinção entre o agradável no ato de julgar e o prazer suave e prolongado. Sendo a última incapaz de atribuição a qualquer um da mesma maneira do primeiro, ou seja, o prazer suave e prolongado além de se encontrar em ideias, também constitui num sentido de virtude da vida do homem e no bem estar do corpo (a saúde), como em Epicuro, que tal característica de prazer suave é feita por sensações corporais e não sendo mencionada com satisfação ou prazer intelectual. E outra diferença seria a do prazer suave causar um desgosto mesmo àqueles que possuem a sua mesma sensação, como por exemplo, “a alegria de um homem necessitado, mas bem pensante, sobre a herança do pai a quem ama, mas que é avarento”, quer dizer algo de bom aparente diante de alguém, porém sendo enviado por outro de não boa índole.

62

Nesse trecho, da *Crítica da Faculdade de Julgar*, Kant problematiza a questão do gosto e como esse sentimento afeta o sujeito no seu cotidiano e numa via geral, em sua vida. Os afetos (do medo, da alegria etc) estão no jogo, em sentido de que eles sempre estão trocando de papel e que, através deles, há a promoção do corpo, sendo função vital da vivificação do ânimo. Os livros do autor me ofereceram perceber, nesses trechos, um problema que muitos não conseguem notar e, por conseguinte, deixamos de lado por uma insuficiência de pensamento mais preciso e rigoroso diante do problema.

Indo por esse mesmo caminho, David Hume (1711-1776) propõe, com o *Tratado da Natureza Humana*, as qualidades e as não qualidades do espírito humano para um caminho melhor e mais virtuoso. Tais colocações de Hume fazem o meu comportamento diante do outro ser mais amistoso e mantêm meu corpo mais salutar, deixando minha presença mais nobre e receptível. Com isso, o outro repara em mim como um bom amigo, deixando a relação mais branda e suave.

*... a temperança, a frugalidade, a economia, a resolução; como, de outro modo, a prodigalidade, o luxo, a irresolução, a incerteza têm a qualidade de ser viciosas, devido a jogarem sobre nós a decadência e nos tornarem incapazes de seguir nossos interesses e para a ação deles.*

Noto, com a leitura de Hume e com sua forma de narrar as virtudes, que estão intrinsecamente, no ser humano, a própria maneira de eu me comportar diante de outras pessoas. As virtudes que o autor menciona me deixam livre dos vícios e deixam meu corpo com mais vida e, o que é melhor, o bom convívio entre mim e o outro deixa a vida mais bonita e sem conflitos pejorativos.

*Claramente que a maneira de alguém conversar de virtude nos enche de muita satisfação, assim como a alegria de um companheiro e seu bom humor, nele se alastra a alegria em grupos distintos devido a sua simpatia e boa disposição. Portanto, esses sentimentos são vistos por Hume como qualidades e produzem, naturalmente, amor e nos dão características de homens de virtudes.*

Outro aspecto que foi despertado em mim por livros filosóficos é o conceito de liberdade, visto e percebido no autor Arthur Schopenhauer (1788-1860). Até mesmo com seu pensamento pessimista, o autor alemão me dá condições para um bom caminho, para uma vida de boa saúde e de bom pensamento. A condição da “vontade” é a qualidade e possibilidade para ir fazer aquilo que o seu querer manda, ou seja, é uma condição de manifestação de força humana. Com isso, a liberdade schopenhauriana diz: *é um conceito considerado negativo. Com isso, o que existe é uma formulação da ausência de qualquer impedimento e de qualquer obstáculo, sendo este último como manifestação de força, tendo assim uma indicação positiva. Ele considera o conceito de liberdade sob três aspectos distintos, dos quais se originam três gêneros diversos de liberdade, correspondendo a três distintas maneiras que se pode apresentar o obstáculo: a liberdade física, a liberdade intelectual e, por último, liberdade moral.*

Assim, o problema acerca da liberdade é recheado de diversas perguntas e, como não poderia ser diferente, Schopenhauer as faz também em seu livro **O Mundo como Vontade e Representação**: *daí a pergunta: se a parir de tais influências o homem seria livre. A resposta seria evidente se, por um motivo qualquer, não puder agir pela força física, dado que tal força supostamente de grande apreciação, podia facilmente atravessar à força corporal de um homem, porém não pode ser considerada irresistivelmente dotada de força absoluta. A experiência, segundo Schopenhauer, nos ensina que as mais cruciais torturas foram vencidas ou suportadas por este pensamento. Por conseguinte, a questão a resolver é: a vontade, em si mesma é livre? Anteriormente era concebida como sendo potência de agir, mas agora é encarada*

*como potência de querer. Pois se a gente faz aquilo que quer, assim tais palavras pressupõem a existência da liberdade moral.*

Da liberdade schopenhauriana, mais um leque da filosofia se abriu com Thomas Kuhn (1922-1996), um filósofo da ciência. Ele apresenta, com seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, uma perspectiva formalista, isto é, uma atividade completamente racional e controlada. Outro aspecto de Kuhn é a perspectiva historicista que é uma atividade concreta que se dá ao longo do tempo e que em cada época histórica apresenta peculiaridades e características próprias. Assim, segundo o autor: *ele denomina ciência normal como rota de pesquisa em uma ou mais realizações científicas passadas. Tais realizações são exploradas durante algum tempo por distintas comunidades científicas, proporcionando como base principal da sua prática posterior. Hoje em dia, essas realizações são relatadas pelos manuais científicos elementares e avançados. Estes livros expõem o corpo da teoria aceita, ilustram as suas aplicações bem sucedidas e comparam essas aplicações com observações e experiências exemplares. O estudo dos paradigmas é o que prepara basicamente o estudante para ser membro da comunidade científica, determinada na qual atuará mais tarde. A história sugere igualmente algumas razões para as dificuldades encontradas ao longo desse caminho; na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos possivelmente pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência têm a possibilidade de parecerem igualmente relevantes. A coleta inicial de fatos é usualmente restrita às riquezas de dados que estão prontamente à nossa disposição.*

64

Agora escrevo aqui sobre um autor que admirei ao longo do meu desenvolvimento intelectual por meio dos livros, Friedrich Nietzsche (1844-1900). Acredito ser esse autor o sujeito que despertou mais ainda a minha intelectualidade. Seus livros produziram em mim vontades e forças para o lado bom da minha existência. As alegrias e críticas produzidas por ele trouxeram para mim uma nova perspectiva de como viver. O contato com *A Genealogia da Moral, Humano demais Humano, O Nascimento da Tragédia*, entre outros, possibilitou-me notar algumas coisas que eram ocultas aos meus olhos. Esse contato traz, para meu corpo, saúde e força, para o combate de conflitos que aparecem diante da vida. O autor é brando e amigo, faz observações generosas e ríspidas. Com tudo isso, despertou esses aspectos em mim e também me proporcionou romper com pensamentos sistemáticos e com a maneira sistemática e metodológica na condução da vida. Se ele afirma a existência, afirmo também a existência, mesmo que esse trabalho seja - e é - árduo. Assim o transcrevo: As origens do pensamento Ocidental surgem na Grécia antiga e podemos citar Platão como precursor da razão. As características de sua filosofia eram a busca



de uma verdade una e imutável. Ocorre que tais características não poderiam habitar em um mundo imperfeito, mutável e finito e sim em um mundo perfeito, idealizado. Platão considera o mundo verdadeiro como “mundo das ideias”, pois este em que vivemos é considerado mimesis do mundo perfeito. Para o filósofo grego, a arte tem o mesmo pensamento mimético, assim considerando a tragédia grega como um espetáculo de função clínica e cívica de purgação e catártica. Os sábios predecessores de Platão rejeitam a “curiosidade dos caçadores de imagem”, ou seja, desprezam a qualidade da tragédia que é unicamente vivida dentro do peito do povo grego.

Para tanto, Nietzsche ataca essa visão socrática platônica, avaliando esse pensamento como uma vida de mentira. A oposição feita por Platão entre razão e sentimento gerou um pensamento errôneo que formou o Ocidente? O que Nietzsche critica é a falta de cultivo do corpo, isto é, deixar de ser substancial, a não criação das possibilidades da vida; pensar que nossa vida já está pré-determinada aos moldes dos clássicos e que o homem é submetido à vida de normas racionais e morais é opor-se à metafísica clássica do cultivo da alma e do entendimento do Ser. Assim, é na arte que Nietzsche busca a refutação desse pensamento, por meio da tragédia grega (tão questionada por Platão) que concretiza a afirmação da existência, feita por guerra, luta e conflito, e não de forma harmônica. O autor coloca a tragédia em confronto com a poética, cujo espetáculo é o cumprimento de uma função cívica e psíquica purgativa, catártica. Em *O Nascimento da Tragédia*, o trágico é sinal de pujança capaz de celebrar a vida, mesmo em seus aspectos mais difíceis e problemáticos. O pensamento do Ocidente se formou e está como está devido à recusa para a curiosidade que vem desde os clássicos gregos até a visão cristã dos dias de hoje. Assim, a visão nietzscheana é propor uma vontade de viver. É por meio dessa vontade que há a possibilidade de um novo viés, colocando o homem e o seu corpo no mundo “concreto”, ou seja, é aqui que resolvemos problemas e conflitos, sem jogá-los para outro plano metafísico.

Portanto, o que Nietzsche quer é a não presença dos seguidores sistemáticos, uma espera pela redenção para um mundo perfeito e maravilhoso, fugir do niilismo estando no próprio niilismo e nem preservar a condição única de viver num mundo purgativo e horrível. Pelo contrário, a proposta do autor é nos dar variedades para viver no mundo, é estar presente em corpo e lutar e guerrear contra os problemas que surgem diante dos homens, fugir do pensamento mórbido da tradição clássica, não ser niilista e ser niilista de achar o mundo uma impotência, fraca e infeliz. É, assim, acreditar na nossa existência afirmando-a, percebendo

nela uma força bastante para o combate dessa tradição fixante, ou seja, dar condição a afirmação da existência.

Por fim, esses autores são e foram fundamentais para que eu conseguisse, de certa maneira, adquirir uma intelectualização pelos livros. A função deles me trouxe benefícios como atuar como pensante e perceber uma maneira virtuosa de compreender e entender o que está a minha volta, compreender a minha afirmação para a vida, refletir e indagar problemáticas, desenvolver uma boa saúde corporal, melhorar a questão de uma boa escrita e poder fazer com que a leitura deles crie possibilidades claras para que o outro compreenda a questão. Assim, essa foi a narrativa que encontrei para apresentar de que maneira eu pude me intelectualizar por meio dos livros. A importância é enorme para mim, pois, com eles, posso dar uma maior continuidade à disciplina que escolhi para minha vida.

• • •

# Memórias literárias

---

Karen Milla França \*

Cada um tem a sua história e estória. A minha começa mais cedo do que o médico havia pré-determinado. Determinado? Sim, determinado, será isso o fim ao qual chamava Heidegger de: de-cadência? De-caindo ou não, eu nasci. Nasci não neste tempo exato, infalível, que o homem construiu, mas, no meu próprio tempo. A esse momento, que eu chamo de mágico, a que Clarice nomeou de *A hora da estrela*, em que “tudo no mundo começa com um sim. [Isto é] uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (LISPECTOR, *A hora da estrela*). Eu escutei um grito que anunciava que “o mundo é bom, Sebastião” (REIS) e, nesta mesma hora, digo nesta hora em que “Macabéa sente um fundo enjoo de estômago e quase vomitou [...] algo luminoso. Estrela de mil pontas” (LISPECTOR, *A hora da estrela*). Eu nasci, e tudo que nasce tem de crescer.

Cresci? E o que me faz acreditar que cresci? Como não? Aprendi a falar, depois andar, não sei se nessa ordem, ou se foi num mesmo instante. Aprendi a gostar e a desgostar, a ver e a compreender, a ler e a escrever. Talvez compreender primeiro, porque apenas assim passamos a existir. Talvez tarde demais, talvez cedo demais, não sei o que dizer. Mas de uma coisa eu já sabia desde sempre, isto é, aquela coisa - não, coisa é problemático -, digo então, aquele ente minúsculo que eu era, porém dizia minha avó: pequena no tamanho, mais com uma alma doce. Doce? Como alguém tem doce na alma? Ou vice-versa? Deixemos essas indagações de lado e voltemos para o que realmente interessa: o nosso

---

\* Karen França nasceu na cidade das “belas lagoas”. Foi em Sete Lagoas que essa mineira com um jeito simples cresceu. E mudou-se para “a cidade dos sinos” em 2004 para ingressar no curso de Filosofia da Universidade Federal São João del-Rei, onde graduou-se nas modalidades Licenciatura e Bacharelado em 2008. Foi bolsista do Programa do Governo Federal de Educação Tutorial (PET- Filosofia UFSJ) no período de 2005 a 2008, com isso, ganhou experiência nas áreas de Pesquisa, Ensino e Extensão. Atualmente, é aluna do Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Arte e Estética, nível Mestrado, da Universidade Federal de Ouro Preto. Faz parte do corpo editorial da Revista Eletrônica da UFOP Exagium.

desinteresse. Então, como dizia, de uma coisa eu já sabia: carregava nos ombros uma difícil tarefa passada de geração para geração, tal como uma doença, a difícil tarefa de ser letrado, ou médico! Já que para o meu avô, somente, existia essas duas profissões, e nessa loucura havia um pouco de verdade.

Esse sonho ganhava corpo durante os anos que iam se passando, ora na minha irmã mais velha que, desde sempre, já se mostrava com a capacidade de ser qualquer coisa, devido ao tamanho talento e inteligência; ora em mim, que não sabia nem o que era ser, quanto mais se haveria de ser letrada! Isso de alguma forma já me intrigava, me corroía, me preocupava. Pena ter conhecido Drummond somente mais tarde, porque ele haveria de ter me dado uma resposta menos dura para este enigma:

### VERBO SER

*“Que vai ser quando crescer?*

*Vivem perguntando em redor.*

*Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou?*

*Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?*

*Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?*

*Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: Ser,*

*Ser, Ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso*

*escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Vou crescer assim*

*mesmo. Sem ser Esquecer”.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Como haveria de escolher? O DEVERIA SER pesava sobre as costas de Apolo, esse que tinha uma vasta aptidão e uma vontade ilimitada DEVERIA SER SOMENTE UM LETRADO. Por quê? Ora, essa é fácil, porque era perigoso demais sonhar, uma vez que era imperioso que cumprisse essa tal profecia, que era esperada por ser cumprida já há três gerações. Certamente, eu pouco compreendia, não sabia ler, nem escrever, mas de uma coisa eu sempre soube: *“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”* (PESSOA, *Tabacaria*). Como qualquer menina, ora!

Eu, desde sempre, já era o espaço propício para que acontecesse em mim o mundo; eu nada seria sem ele e ele nada seria sem mim, nós nos fazemos juntos e, com isso, eu ganho meu ser. Então, caberia em mim todos os sonhos do mundo? Neste ser tão pequenino mas, ainda, de “mil pontas”?

E, por que não?! E, por que sim?! Heidegger responderia que faz parte da minha estrutura como um ser-no-mundo estar lançado. E ser lançado nada mais é do que estar projetado para todas as possibilidades inerentes ao meu ser, por isso, me é possível sonhar! Mas por que chegamos nisso agora? O que haveria de tão especial em sonhar, já que todo mundo sonha, qual é o problema? Nenhum claramente, sonhar não representaria um mal psíquico ou físico. Mas para o meu avô, que esperava o esperado, poderia tornar-se perigoso, é claro, se sonhar colocasse em risco a profecia!

Profeticamente ou não, faço parte dessa família não pelo acaso, já que os iguais se reconhecem! Cresci fazendo parte de uma família simples e muito bem humorada: tudo vira festa e piada nessa grande família. Digo grande não apenas pelos números 18 tios (as), 21 primos (as), 2 irmãs, um cachorro etc., mas também pela união, carinho e amor que temos um para com o outro, *“essa família é muito unida, mas também muito ouriçada”* (NOBRE, *A grande família*)

Foi nessa família que construí a minha infância, lembro-me muito vagamente. Por isso, gritei repetidas vezes, clamei por Mnemosine, para que ela trouxesse à presença a minha memória, já tão esquecida que ficou perdida em algum lugar do tempo. Mas o clamor foi em vão. Confesso a vocês que tive que me contentar com as histórias e os causos que me contaram num sábado aqui na minha casa. Nas memórias emprestadas, conheci a criança curiosa e super levada que eu era. Acredito que muito pouco disso ainda se vê conservado em mim.

Fui crescendo, e crescer reza por certo amadurecimento, e amadurecer é revelar-se como maduro. O maduro que cai e se mostra pronto. Crescer representa o estar pronto para fazer a passagem, do que, filosoficamente, podemos chamar da saída da menoridade para a entrada no esclarecimento. Cresci num primeiro momento quando passei, aos cinco anos de idade, dos contos e histórias narradas, ou ainda criadas pelo poder da imaginação, para o mundo das letras e da leitura. E por quê? Para quê? Só o tempo, deus primordial, é capaz de responder. Com sua força controladora, ele ordenara isso e eu, tão incapaz de compreender e certas coisas, deixo para trás o mundo fora dos livros para conhecer o que era descrito em suas páginas.

As lembranças me tomam e inundam meu coração de saudade. Meu primeiro livro, *Os três ursos*, era chamativo. Esclareço: a capa se mexia à medida em que ia remontando pedaços da história; o título era contraditório ou, pelo menos, parecia ser, porque se abria o livro e se via apenas uma menina de cachos dourados. Como? Uma menina que virava urso? Ou que tinha vontade de ser? Ou nem isso, nem aquilo, não sei;

imaginava e queria descobrir o por quê do título *Os três ursos!* Esperar pela escola seria esperar pela eternidade. No Jardim de Infância (antigo nome), o negócio era colorir. Colorir? Sempre colori em casa! Então, o jeito era apressar as coisas. Tentava, repetidas vezes, incansavelmente, todos os dias, ler, primeiro tentando juntar as letras. Essa foi fácil, o difícil era a cartilha do C. Depois que aprendi foi mole, mole, mas até aprender foram dias infindáveis e difíceis - que o diga a minha mãe -, mas não o suficiente para fazer com que eu desistisse de ler *Os três ursos!* Tarefa dada é tarefa cumprida! Depois vieram tantos outros, mas que também mexiam a capa, meu pai comprou toda a *Coleção Joinha*, e isso foi um prato cheio! Passei para o pré-escolar sabendo ler, meus pais se orgulham em dizer. Mas isso mais na frente não foi nada bom. Naquela época não se falava em *bullying*, mas já era antes de ser. Ninguém na minha sala lia, logo, isso não foi muito legal para minha imagem. Até todos aprenderem a ler, fui mordida e xingada, o que me faz hoje acreditar que crianças podem ser más!

70

Ler mais cedo me preparou, de certa forma, para o mundo. Era muito boa com as palavras, licei para a minha tia Eni o meu tio Mário José, vulgo Mazé; faz anos que são casados. Era muito boa para negociar, vivia fugindo de casa somente de calcinha para tentar vender um leite *apriori* - já que a lata de leite estava sempre vazia - no ponto de ônibus. Ganhei o concurso de Rainha da Pipoca da minha escola vendendo vários votos, porque naquela época o candidato tinha de trabalhar. Todas essas habilidades, entre outras, desenvolvi a partir das histórias que lia e das lições que tirava delas. Mas acredito que a mais importante de todas foi a criatividade aguçada; lia e imaginava, imaginava e lia; quebrei meu primeiro osso como consequência dessa imaginação.

A saída dos livros infantis deu-se naturalmente, *Os Três mosqueteiros*, ou melhor, *As três mosqueteiras* se eu pudesse reescrevê-lo, transportava-me para um mundo onde a bondade e a honra são coisas inseparáveis na construção da identidade de um homem. Pena que voltei mais rápido do que gostaria desse mundo cavaleiresco, isso porque cortei a minha garganta, ou melhor, a minha irmã cortou a minha garganta e me trouxe novamente para a realidade. E como as páginas que se viram, os anos foram se passando, e eu fui crescendo.

Crescendo? Ora, novamente isso, basta! Amadureci como os frutos, tornando-me mais capaz de enfrentar as estações e perceber que no horizonte dessa vida há caminhos, e

## NO MEIO DO CAMINHO

*“No meio [deste] caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas.*

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra”*  
(Carlos Drummond de Andrade).

E de repente fui obrigada, lançada a compreender que nem sempre o mundo que sonhamos é o mundo que é compartilhado. Queria negar-me a existência do meu *ser-com*, não queria nem ser, quanto mais ser com os outros, com as coisas, ou ainda, comigo mesma. Aprendi duramente que nem todas as vontades e desejos são possíveis de serem realizados, chegou a crise dos 10! Vi-me com 10 anos, mas não queria estar, não podia mais brincar com os amiguinhos do jardim e do pré, com a minha irmã mais nova, já que era velha demais para prestar-me a tais coisas. A leitura tornou-se mais intensa, já que a minha irmã mais velha foi separada de mim, ela não estudava mais à tarde, *E agora, José?*

Ler parecia o melhor remédio: *“vivi portanto só, sem [um] amigo com quem pudesse realmente conversar, até o dia, em que tive uma pane no deserto do Saara”* (EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*). *“E conheci um pequeno príncipe que vinha de um planeta que na verdade era o asteroide B612”* (ibid. p.20). Com ele, aprendi que amigos não podem ser esquecidos, que carneiros depois de grandes gostam de comer mato verde e que, para prendê-los, não é necessária uma cerca ou uma corda, pois o que os mantém por perto é a grama verde do pasto. Aprendi que *“as jiboias são perigosas”* (ibid. p.14) e são *“mais poderosas do que o dedo de um rei”* (ibid. p.62), e que as pessoas grandes são decididamente bizarras (ibid. p.45) e extraordinárias (ibid. p.50). Aprendi também que não parecer ridículo é não se ocupar consigo próprio (ibid, p.53). E que, costumeiramente, *“os homens têm fuzis e caçam. É bem incômodo para as raposas!”* (ibid. p.68). E que a gente só conhece bem as coisas que cativou! (...) Para isso, é necessário *“ser paciente”* (ibid. p.70). Aprendi que o ver bem está relacionado não aos olhos, mas, ao coração, já que *“o essencial é invisível para os olhos”* (ibid. p.74). E, depois de muito aprender, ainda me pergunto: o menino de cabelos de cor de ouro não mais voltará?

Viajei por tantos outros lugares, conheci a Grécia com aquela areia branca como a neve e o mar azul como o céu. Vi Hércules cumprir seus 12 trabalhos, viajei em um dos doze navios de *Odisseu*, conheci a *Ilíada* descrita por Homero e, depois de tanto andar, encontrei *Édipo*

com seus olhos furados vagando solitário. Percebi que o destino infalivelmente sempre se cumpre. Assim, era inevitável desviar-se dele. Não tinha como fugir, tive que encontrar num mundo perdido *As Minas do Rei Salomão*.

Fui da lá para cá, mas, segundo a tia Maria do Carmo, bibliotecária da Escola Estadual Dr. Avelar, professora de artes, ensino religioso e secretária etc, etc - aqui, nos anos 1990, já se vê a cobrança por produtividade - enfim, segundo ela, primeiro era necessário conhecer a si mesmo, saber mais da sua história, da sua pátria, para depois perder-se em terras estranhas. Escutei esse conselho e, por isso, conheci as ladeiras de Ouro Preto antes mesmo de saber geograficamente em que lugar ficava tal cidade. Confesso que nunca fui boa de Geografia, acho que isso explica o porquê de ser tão perdida! Justamente, é à luz de um romance que Ouro Preto se viu desbravada, as *Ladeiras da Saudade* me fizeram chorar e suspirar algumas vezes, porque (confesso!) li um bocado de vezes esse livro. Perguntava-me como pode alguém não ser feliz com um grande amor?

Tentei achar respostas em *Dom Casmurro*, *Primo Basílio*, *Amor de Perdição*, *Amor de Salvação*, *Lucíola*, *O idiota*, *Os trabalhadores do Mar*, *Senhora*, *Romeu e Julieta* e, a cada leitura, uma nova pergunta e nenhuma resposta! Acho que sabia muitas coisas do amor, mas faltava-me o mais importante, algo que não havia ainda experienciado, a saber: o próprio amar.

Foram tantas páginas até estar acometida pelo amor; acredito que, nos romances, o amor assume a sua face como Deus e se faz essencial. Ele enaltece, permite-nos enxergar aquilo que os olhos não podem ver. Mas, na vida real, ou melhor, na fase “adolescentesca” nem sempre é assim, principalmente quando é essencialmente platônico. Minha primeira experiência como a de muitos foi catastrófica, tipo

#### QUADRILHA

*“João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história”*  
(Carlos Drummond de Andrade).

Que bom que amor é que nem o tempo, quando a gente acha que é presente, já foi, ficou no passado. Comigo foi mais ou menos assim,



um pouco mais na época dos meus 14 anos, um pouco menos agora. Vi Drummond repetidas vezes ganhar corpo na voz da minha mãe:

### ESSAS COISAS

*“Você não está na idade de sofrer por essas coisas.  
[E eu lia e me perguntava] Há então a idade de sofrer e a de não sofrer  
mais por essas, essas coisas?  
As coisas só deviam acontecer para fazer sofrer na idade própria de  
sofrer?  
Ou não se devia sofrer pelas coisas que causam sofrimento pois vieram  
fora de hora, e a hora é calma?  
E se não estou mais na idade de sofrer é porque estou morto, e morto é  
a idade de não sentir as coisas, essas coisas?  
(Carlos Drummond de Andrade)*

Tudo que começa termina, não, não a minha autobiografia, mas a lamentável fase anterior. Ingressei no Grêmio da escola, queria mudar o mundo ou, pelo menos, a realidade que me circundava. Busquei em *Utopia* força para acreditar que tudo é possível, assim foi com *A república*, *A política*, *O príncipe* etc... Nessa mesma época descobri um dos meus poetas preferidos, não mais nem menos do que Drummond, ou do que Pessoa etc... E vi que:

### A ESPERANÇA

*“A Esperança não murcha, ela não cansa.  
Também como ela não sucumbe a Crença.  
Vão-se sonhos nas asas da Descrença.  
Voltam sonhos nas asas da Esperança.  
Muita gente infeliz assim não pensa;  
No entanto o mundo é uma ilusão completa.  
E não é a Esperança por sentença.  
Este laço que ao mundo nos manietta?  
Mocidade, portanto, ergue o teu grito.  
Sirva-te a Crença de fanal bendito.  
Salve-te a glória no futuro - avança!  
E eu, que vivo atrelado ao desalento.  
Também espero o fim do meu tormento.  
Na voz da Morte a me bradar; descansa”  
(Augusto dos Anjos).*

O sonho foi por água abaixo, percebi muito duramente que essa história de revolução só funciona nos filmes e que a vida nos *Cortiços* e na *Senzala* era mais parecida com a vida real, porém, não tão dura quanto a vida de um adolescente. É a aquela velha história: de que o universo te odeia e você mesmo odeia o universo. Era necessário buscar um novo mundo, talvez menos real do que este. *No reino perdido do Beleleu* encontrei a esperança de achar o que eu procurava. No entanto, o que procurar? O mundo que colori e foi se escurecendo à medida que o tempo se passava? As fantasias que criei e que por algum motivo ainda eram ilusões? As coisas que se perderam? As pessoas que se foram? O que procurar? Como procurar? *No reino perdido do Beleléu*, compreendi que nada se perdeu, era em vão procurar por tantas coisas, já que, na verdade, quem estava perdida era eu. Justamente, é nessas horas que a gente percebe que não há como fugir do encontro consigo mesmo. Para todo homem sempre chega essa hora, não adianta desviar-se porque o encontro é sempre marcado. É a vida que, de alguma forma, conduz-nos para esse acontecimento, para alguns cedo demais, para outros tarde demais.

## O TEMPO

*“A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são seis horas!  
Quando se vê, já é sexta feira!  
Quando se vê, já é natal...  
Quando se vê, já terminou o ano...  
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.  
Quando se vê passaram 50 anos!”*  
(Mario Quintana).

E foi mais ou menos assim: dormi menina, acordei mulher! Era hora de escolher o que fazer da minha vida, como se eu nunca tivesse feito nada! Medicina não, não posso ver sangue. Engenharia não, não sei fazer conta. Biologia, morro de dó de bicho e planta. O que fazer? Ser letrada voltava a me assombrar! As aulas do professor Célio eram bem interessantes, era o espaço para a criatividade e para o pensar livre. Livre das sombras de uma educação positivista que reinava em nosso País ainda no século XXI. Ser ou não ser, eis a questão? Comunicação Social ou Filosofia? Filo o quê? A minha família me perguntava. Para que serve isso? O que vai ser quando formar? Novamente, tantas perguntas e nenhuma resposta. Por que, nessa vida trivial, tudo tem que ter um *ser-para*? Neste mundo mecanicista em que eu, ou melhor, nós vivemos, as coisas ganham seus valores apenas se realmente tiverem uma utilidade

prática ou se resultarem em dinheiro. O que fazer? Ir contra esse ciclo vicioso ou receber o apoio e o sim de todos? Pelo menos para essa questão vocês já sabem a resposta, se hoje estou aqui a contar, muito estranhamente, a minha história é porque não fui advogada, muito menos médica ou engenheira. E para facilitar aquela velha pergunta “o que você é?”, muito desajeitadamente me coloco a responder: sou professora, ou, pelo menos tento ser.

Foram cinco infundáveis meses até começar o semestre letivo na Universidade Federal de São João del-Rei. Mas enquanto isso... influenciada pelo *fatalório* da vida, li *O mundo de Sofia*. No começo, achei curiosa a possibilidade de falar da história da Filosofia tão rapidamente, para não falar em superficialidade. Mas o mistério que emerge dessa história pouco a pouco vai nos envolvendo e fazendo com que você busque respostas como Sofia buscou. Acredito que *O mundo de Sofia* é um livro profético. As próximas linhas serão esclarecedoras. *O mundo de Sofia* veio anunciar uma nova tendência, a saber: de cursos à distância. E não foi isso que Sofia fez?

É um livro profético, tal como *Dom Quixote*, que propagava a incapacidade de nós, seres humanos, vivermos poeticamente neste mundo. Dom Quixote, um grande cavaleiro, era capaz de perceber o que se faz invisível aos olhos de Sancho Pança. Esses nobres cavaleiros configuram o entendimento heideggeriano do que seja o extraordinário e ordinário no mundo. Dom Quixote, com seu olhar que recria o espaço do mundo, traz para a realidade a poesia que lhe falta, é capaz de matar dragões em moinhos, salvar Dulcinéia, a dama escolhida para honrar e amar. Dom Quixote, símbolo de nobreza e coragem. Contrariamente, Sancho Pança se revela como o homem comum, do senso comum, aquele homem que se contenta com a superficialidade cotidiana, incapaz de enxergar qualquer verdade que não seja a compartilhada por todos. Acredito que ambos se completam, a poesia se faz necessária é no prosaico, é necessário o desgaste para que o viço original tenha possibilidade de nascer. *Dom Quixote*, de Cervantes, é uma espécie de livro inacabado e, por isso, faz-se necessário sempre ser relido. Na graduação, o li *n* vezes, e cada vez que o lia era desesperador, porque via que em mim vivia, na maioria das vezes, um Dom Quixote; cadê o Sancho Pança? É muito ruim perceber que nessa estrada você está a caminhar sozinha. Sozinha? Como? Existir não é essencialmente *ser-com*? Concordo, existia com os lugares que pude visitar, oportunidade dada pela disciplina Estética ministrada pela minha professora, orientadora e mãe, nas horas que mais precisei, Glória Ribeiro. Conheci pessoas incríveis, oportunidade vinda com a experiência PET: Rô, Rê, Clarinha, Thamarinha, Cidinha, Fê, Marci Girls, Bruna,

Dim, Carol, Dieguito, Renan e tantos outros e outras; Senhor Fernando, Paulinho, Caju etc... e outras não tão incríveis assim; a estas prefiro chamar de Senhor (a) M. Também, fiz amigos por outras vias: Aline, Maísa, Katita, Eduardo (quem me ensinou a jogar truco). Advertência: qualquer semelhança é mera coincidência! Sei que foram dias intermináveis nessa cidadezinha que tinha:

### **CIDADIZINHA QUALQUER**

*Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.*

*Um homem vai devagar.*

*Um cachorro vai devagar.*

*Um burro vai devagar.*

*Devagar... as janelas olham.*

*Eta vida besta, meu Deus.*

(Drummond)

76

Sentia muita falta de casa e isso era o lado ruim da coisa; adorava o que fazia, mas gostava mais da minha família; aqui, em São João, eu era só uma das três mosqueteiras. Faltava sempre alguma coisa, vivi dias de pura melancolia, conheci os famosos contos de Alan Poe. Aquilo me distraía porque percebia que tudo podia ser pior: como alguém tem coragem de enterrar um gatinho, eu digo, um gatinho na parede? Ou ainda o Fortunato? Tudo era possivelmente praticável nos contos de Poe. Fiquei uma década tentando compreender como era possível tal criação; não entendia porque lia, primeiramente, porque a cada conto era uma noite de pesadelo e, em segundo lugar, que, na verdade, deveria ser o primeiro, aprendi com o famoso filósofo mexicano Ramón Váldez, vulgo Seu Madruga, que *“somente as pessoas ruins sentem prazer ao ver o sofrimento alheio”*. E foi assim que deixei de lado Alan Poe para encontrar-me novamente com as minhas irmãs.

O grande encontro se deu em 2006. Foram os anos mais felizes que vivi, pena que passaram tão depressa. Agora, eu era mais eu porque faz parte do meu ser um pouco de Keite e um pouco de Ka, um em três, três em um. Realmente, ser é *ser-com!* Mas dois anos se passaram em um instante e era hora de deixar para trás novamente as duas mosqueteiras. Hoje, se me fosse possível fazer três pedidos, um só me bastaria: quero tê-las novamente em minha vida, é muito ruim ficar longe de quem se ama.

Era inevitável caminhar, pena que esse caminho nem sempre nos leva para onde desejamos! Queria muito passar no mestrado e poder desenvolver mais a minha pesquisa, mas faz parte da vida também o “não”! E a cada “não”, que foram muitos, lia incansavelmente *Das vantagens de ser bobo*, talvez para lembrar quem eu era e sempre deveria ser, talvez porque fosse o lema do PET - segundo a Glória. Fui boba por horas, dias, ou melhor, por uma vida. Fui boba quando dei “murros em ponta de faca” e teimei tanto para entrar no mestrado. Fui boba por ter acreditado em algumas pessoas que, sempre quando puderam me “passaram a perna” e me fizeram algum mal. Fui boba por acreditar em sonhos. Por achar que uma palavra vale mais do que dinheiro, do que um emprego. Fui boba, por:

*“[...] não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo. Estou pensando.” Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia. O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não vêem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontram diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem”. (LISPECTOR, Clarice. *Das vantagens de ser bobo*. In.: Felicidade Clandestina)*

77

Como havia dito, a vida anda, e nesse andar conheci novamente o amor. Percebi que a família é a única coisa que permanece e perdura com o tempo. Que as horas difíceis e as perdas se tornam mais fáceis de serem superadas quando se tem ao lado pessoas que nos amam. Aprendi com as minhas “primas irmãs” Naiara e Larissa que viver o dia é sempre melhor remédio, e isso evita muito as crises de gastrite. Foram três anos até alcançar o que me era tão esperado. Calma, isso não é o altar! Ainda! Mas consegui entrar no mestrado. Aleluia! E conhecer pessoas admiráveis Alice, Gilson, Zé Luiz, Guiomar, Néia, Wesley, Sofia,

Jorge, Eliezer, Carol, Anderson, Bruno, Camilo, Vinícius, Sulamita, Eliza, Romero, Maurício, Aline e tantos outros colegas. Para tanto, fiz muita coisa, nada importante nacionalmente, pois nada proclamei, nada criei, não lutei, não morri, não fiquei famosa. Mas estive quase lá, conheci uma celebridade, e isso é um grande passo para a ascensão. Esclareço: conheci um pescador que se diz famoso, não é o meu pai, mas tem um papo bem parecido, o nome dele é Santiago.

Santiago conta que, depois de três meses sem pescar, no octogésimo quinto dia, a maré de azar se rompeu e quase a sua vida se viu a cabo: o peixe, o peixe! Como exclamava e os olhos brilhavam quando me contava: ele - o peixe - me levou para o mar aberto e nele me vi à deriva. O anzol puxava, e eu trazia-o para cima, foram horas, dias, meses até que eu me vi novamente em terra, quase sem vida, mas isso não era importante; o mais importante era grandioso peixe. O peixe estava lá como prova da minha existência como pescador, dois esqueletos gigantes, maior do que o fusca do meu cunhado Delmo.

Era ôôôhhh peixe, e por isso, passei a vida pensando “*navegar é preciso, viver não é preciso*”. Loucura essa história! O pior é que era pura verdade, já que os esqueletos dos dois peixes estavam lá, para quem quiser ver. Depois de vê-lo, eu podia afirmar: esse era o pescador, e eu quase uma famosa! E diante disso penso: para que escrever uma autobiografia intelectual? Não sou famosa e, nessa altura do campeonato, acredito que não vou ser. Não fiz nada de importante e nem tive uma vida interessante, tudo dentro do ordinário. Escrever para quê? Para quem? Para mim, ora! Aprendi, a cada aula ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Guiomar de Grammont, que escrever se faz preciso, já que é a maneira com que nós, seres findáveis, humanos, encontramos para nos eternizar.

A vida, essencialmente, é algo intrigante. Dessa forma, não penseм vocês que agora já sabem de tudo: enquanto estiver viva, a última página ainda terá três pontinhos... E:

### **DE TUDO FICARAM TRÊS COISAS**

*De tudo, ficaram três coisas:*

*A certeza de que estamos sempre começando.*

*A certeza de que precisamos continuar.*

*A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.*

(SABINO, Fernando. “Encontro Marcado”)

# Percepções formadoras: do passo em falso a terras movediças

---

Natália Maria Gomes e Carvalho \*

## I

Havia uma lagarta, toda sem cor, sem vida, triste e solitária, em seu fundo havia uma floresta bem verde, contrastando com o que Ela enxergava: poeiras, prateleiras prateadas, papéis rasgados e comidos por traças, pessoas e fotografias de pessoas velhas. Não sabia muito bem por que aquilo lhe chamou a atenção, parecia querer compreender o porquê daquele contraste de cores e de vida; ao mesmo tempo em que a lagarta estava inserida a um meio verde e colorido, ela era cinza e triste, assim como Ela e o seu mundo (ou o mundo que Ela mesma criava para si). Na tentativa de levar pra si, Ela fez a sua cara mais pedante e levou a lagarta para casa; com o tamanho de uma mini minhoca, magrela, olhos verdes e redondos, cabelos curtos, cacheados e loiros, conseguia tudo o que queria, afinal, Ela era como um reflexo de um estereótipo de anjo... quem não iria satisfazer seus desejos? Todos, ainda mais Ela que não tinha amigos e nem queria ter. Mas o mundo dentro de si não era exatamente esse, dos estereótipos angelicais impostos a Ela. Conseguiu compreender a lagarta, como ela era cinza e sem vida, apenas não entendeu muito bem como o mundo conseguiu a colorir; a lagarta não tinha perspectiva de nada, só rastejava para lá e para cá, as coisas do mundo iam até ela e a coloriam, no final a lagarta ficou feliz e Ela a matou. Sim, Ela matou a felicidade da lagarta porque o mundo não é assim.

Fechava-se e olhava a lua. Queria morar lá, naquele lugar que era iluminado, mas era cinza, parecia não ter cor, não ter pessoas ou lagartas cinza que se autocoloriam com o tocar do mundo irreal. Decidiu, então,

---

\* Natural de Taubaté-SP, Natália Carvalho é bacharel em Estudos Literários pela Ufop e mestranda em Memória e Linguagem Cultural pela mesma instituição. Publicou, em 2009 o conto "Corre." pela Via Literária Editora, de Porto Seguro-BA e, atualmente, desenvolve pesquisas que problematizam as teorias da autobiografia.

em uma tarde de domingo, acompanhar a sua irmã mais velha ao curso de teatro que ela fazia. Enquanto Ela fazia aulas de violão e brincava de tocar para a lua (sim, Ela achava que a lua seria tocada pela sua melodia desritmada e a levaria para morar na sombra), sua irmã passava algumas tardes estudando para ser atriz. Ao acompanhar sua irmã em um dos ensaios, descobriu um pó, mais conhecido como pó de pirlimpimpim; na verdade, Ela já o conhecia, mas era um conhecimento não aprofundado, que não saía dos desenhos que Ela fazia na escola. Ao pegá-lo, saiu correndo como brincadeira de criança... caiu e banhou-se com o pó. Não sabia o que fazer com aquilo, que direção seguir, qual bica banhar-se para se livrar daquilo... um tropeço que mudou a sua vida e agora estava fincada em um mundo imaginário que não iria sair tão cedo dela. Independente de não ter bonecas (Ela detestava bonecas, gostava de bola e escutar músicas em seu *walkman*), conseguia conversar com as paredes tranquilamente, ter apenas uma única amiga e fazer da sua família um grande Reino das Águas Claras. O mundo imaginário ao qual o pó de pirlimpimpim a levou foi o mundo das palavras. Triste futuro o dela. Mal sabia, mas agora estava assinando um contrato com a solidão social e a riqueza do profundo; sua busca tornou-se não mais a lua e o seu infinito, mas o seu eu e o nada.

80

Em tardes de domingo, passava a conhecer mais o que esse mundo imaginário lhe propôs, conheceu espiga de milho que fala, avó que conta histórias, boneca que fala e é mais inteligente que Ela, um saci que atormentava seus quintais e bolinhos de chuva que acalmavam seu peito. Não entendia muito bem tudo, mas sabia que estava mergulhando em um poço sem fundo. E, para piorar a situação, ganhou mais esperanças na compreensão. Ganhou o peso do mundo. E isso é “esperanças na compreensão”? Isso fez sair-se de si, fez buscar as rimas, os tropeços... mas, *E agora, José?* Esse verso não saía de sua cabeça. E agora? O que poderia acontecer? Quem era Ela? O que fazia no mundo? Foi quando começou a ver que quanto mais mergulhava em si, mais via no mundo um reflexo de seu interior: por que o mundo, então, era tão fadado a não compreensão da compreensão? Por que ninguém entende que todos são um? Mentira, ninguém era um e ninguém seria um todo. Ela achava, então, que poderia mudar o mundo. Inocente, como uma criança, buscou quebrar tudo, musicava o homem, buscava a rosa no asfalto, mas encontrou apenas o peso que o mundo lhe dava para carregar nas costas. Não é a toa que isso se tornou momentos de cabeceira antes de dormir.

Quando viu, estava comendo feijão e vendo o mundo dentro de si. Silenciosa, assistia a documentários estranhos que passavam na TV. Houve um que a tocou a fundo, assim como aquele feijão ralo que sua avó lhe dava nos almoços. Ela viu que existia um mundo que não parecia



pertencer ao mundo dela, mas, por que aquelas crianças eram semelhantes a ela? Eram crianças sujas que estavam quebrando pedras, para quê? Ela não sabia, mas via na TV que elas tinham que entregar para adultos. Muito estranho. Olhou para debaixo da TV e se deparou com vagalumes que voavam e piscavam em pontos diferentes. Essas luzes eram verdes e brilhantes, que despertavam nela um interesse maior para o que estava abaixo. Ajoelhou-se e se deparou com um que pousou em cima de um feijão; pegou o feijão e quis entender por que ele estava ali, empoeirado solitário, mas de repente, todos os vagalumes pousaram embaixo da TV e fizeram uma fila. Viu que um pousou em cima de um urso, quando resolveu pegar esse urso, o pó de pirlimpimpim fez efeito e ele disse a Ela que pertencia a uma menina que sonhava. Seria Ela? Não, Ela não gostava de ursos e sua irmã tinha alergia, não podia ser de ninguém daquela casa. Pegou tudo, escondeu embaixo da cama e descobriu todos os segredos. Era uma menina, um feijão, sonhos e vagalumes. Não estava só, quando compreendeu tudo, voltou ao sentimento do mundo.

## II

Com o peso do mundo nas costas, sobreviveu às intempéries da cana-de-açúcar, do feijão ralo, dos retratos de crianças calejadas, de dores do mundo que, saindo do seu externo, invadiam o seu mais profundo interno. Resolveu, então, sair pra ver o mar. Ao chegar à praia, deparou-se com três crianças que se divertiam nas pedras que quebravam as ondas. Elas corriam felizmente pela areia da praia, usavam somente um calção e a pele deles era bem bronzeada pelo sol: “Meninos do sol”, Ela pensava. Eram três meninos que tinham um brilho na pele e tristeza no olhar, que se Ela olhasse mais afundo em seus olhos e em suas expressões, conseguia enxergar nela o que mais doía: o interior de pequenos mundos, mundos esses afogados pelo mar salgado e iluminados pela luz do sol. Quando o sol se punha e a lua estalava no céu, era o momento mais marcante para Ela; em uma das noites, conseguiu enxergar uma quarta pessoa, uma quarta criança, uma menina. A menina parecia ter uma relação que permeava todos os papéis de mulher em apenas um corpo pequeno, esquelético, magro e sujo. Era mãe, irmã, amiga e amante, a menina era a base que suportava e equilibrava o grupo de crianças solitárias das praias soteropolitanas. Foi aqui que o peso do mundo fez seus ombros quebrarem, os ossos furaram seu peito e a sua alma queria livrar-se de seu

corpo em forma de lágrimas. A menina morreu e deixou órfãos os órfãos do mundo humano.

Nunca se esquecera das dores que tudo lhe causou; Ela sentiu-se no lugar daquelas crianças, de cada uma daquelas crianças que não tinha família, que não tinha olhares voltados a elas, que se perdia no mundo sem esperanças, vivendo cada dia como se fossem últimos e eram sempre últimos: a vida era nascer e morrer diariamente.

### III

82 O peso do mundo externo sempre a corroía por dentro, atingindo o seu mais profundo interior. Era pequena e cheia de ilusões, preferia as imagens que criava em sua cabeça às imagens que lhe colocavam à face. Entre um olhar para um lado e para o outro, deparou-se em duas situações. Pela primeira vez, percebeu-se entre dois choques de imagens contrastantes que sufocavam-lhe o peito e ardia-lhes os olhos. Ao mesmo tempo em que sofria a seca, as andanças de um mundo sem esperança e que sobreviver em busca de algo estava sendo massacrado e matando os passos após a morte dura e fria de um único elemento água na seca, faziam-lhe brotar olhos de ressaca e um desconfiar das palavras e das imagens que lhe atormentavam a cabeça. Ela começou a aprender a enxergar dois planos: um todo e sua seca coletiva que penetrava na esperança e as dores de amores frustrados e imaginários. Era uma situação dupla que iria acompanhá-la até o fim da vida.

Uma caminhada que levaria das prateleiras prateadas às praias de Salvador e à seca nordestina... e nessa saga da seca passaram-se vidas. E morreram vidas. Ela se matou, renasceu, matou-se novamente, negou-se a voltar a todo custo, renegou o seu próprio destino e percebeu que o tempo era mais tolo do que todos os cachorros do mundo. Até mesmo de Flush, um cachorro que ganhou de presente de sua única amiga. Por mais que Flush fosse tolo, ele conseguia enxergar a real solidão da mulher, a necessidade de isolamento, suas frustrações e indagações do homem. O tempo era mais tolo que Flush, pois a fez voltar ao destino, barrando-a nas cartas amorosas que trocava com o mais fiel dos amantes, o jovem que amava, mas que, diferente dela, conseguiu desistir da vida. E o tempo soprou-lhe.

Em um voar pousou levemente sobre uma estrela. “Estava

sendo narrada?”, pensou, mas não, estavam narrando. Começou a escutar a narração e a formular as imagens que lhe vinham aos olhos, agora o nordeste tinha saído da seca e caiu nas praias cariocas, o que não saiu foi a simplicidade e desejo de ir a fundo. Ela começou, então, a tentar entender por que vírgula começava frase, por que histórias terminavam sem fim e mediavam por nomes complexos, por que baratas começaram a causar-lhe aflição, por que a mulher se apaixonava e aprendia com o sentir. Só quis isolar-se, fechou-se em um mundo sem volta, mas que era o melhor que poderia escolher. Não, Ela não conseguia mais enxergar nada, o seu mundo lhe valia mais que qualquer outra experiência. Sentiu-se mulher, sentiu-se humana, sentiu-se e aprendeu a ser tocada. As abstrações eram feitas para Ela, os momentos eram únicos e seus. Agora, era sempre a hora da estrela.

#### IV

O soprar do vento sempre acaba levando para diversas direções. Acaba batendo-lhe na face e criando rugas, escoriações, alguns machucados e alguns afagos, mas, agora já estava frio e cinza. Caiu nos golpes de vodka, conheceu pessoas desconfiáveis, cometeu crimes, sofreu castigos, galopou em centros urbanos e conheceu a vida do subterrâneo. Migrou para a solidão, praguejou-se. Conheceu outra barata, conheceu processos e, principalmente, conheceu mais a fundo a voz do homem e seus delitos mundanos. Porém, o que começou a despertar aqui foram os questionamentos sobre todas as torturas que Ela estava criando pra si. Torturas essas que Ela criava ou que esse mundo ao qual Ela permitiu-se inserir causava-lhe? Começou a correr atrás de questionamentos e pronto. Sentia mais e agora não eram somente as histórias que Ela vivia que a faziam sentir, surgiram as formas, já que são elas o caminho percorrido que direciona para sentimentos diversos: o que sentia era fúria.

“Mais um passo a frente”, pensou Ela, “e tudo estaria perdido”. O tudo que pensa aqui é o seu mundo, as suas imagens criadas, os processos de aprendizagem, a necessidade de compreender e interpretar tudo da melhor forma possível sem que morra sufocada. As pragas que surgiram em sua vida no passado a abraçavam em tom de despedida, e foi um afastamento suave, necessário e que a cada necessidade de encontrar a si mesma levava-a a dar passos mais a frente e tentar encontrar seu ritmo de caminhada. Pois, então, o tempo a levou para a extrema necessidade

de compreender o hoje, o seu tempo no presente, um presente como consequência do passado e de necessidade de um futuro.

## V

Quanto mais pisava, mais afundava. Quanto mais o vento soprava, mais novos caminhos formavam. Eram novos tempos, era uma nova vida. Começou a caminhar lentamente por esses processos petulantes que estavam sendo entregues a mãos beijadas a Ela. O que esperar disso tudo? Já não sabia mais, mas buscava entender como tudo funcionava nesse novo mundo. Lembrou-se da época de adolescência e do seu vegetarianismo suicida, tropeçou em falso sobre as dores da miscigenação, sobre as desgraças de guerras silenciadas, observou, porém, que tudo aquilo poderia ser uma estratégia, um jogo em que apenas Ela poderia decifrar as saídas para um solo firme. Então, Ela tentou buscar no presente as respostas por estar ali e por que tudo se articulava dessa maneira. Conheceu algo que lhe marcou a alma e nunca mais, definitivamente, aquilo nunca mais iria sair dela. Uma mescla, uma dualidade infinita: quando pisava com um dos pés no branco, o outro ia para o preto.

84

Percebeu que tudo a encarava, agora, remetia às coisas do passado. Era o momento que mais lhe atormentava: era preciso olhar para trás, para compreender e aceitar o presente, além de tentar projetar um futuro. Caminhava por terras estranhas, caiu em mares furiosos que a socavam para as rochas ásperas, voltou novamente para solo firme, mas se esquivou e se afundaram os dois pés. Agora, era necessário buscar tudo o que já havia experimentado, também precisava voltar ao tempo algumas vezes para entender que tudo o que se dá hoje é consequência do homem racional e de seu tempo. A arte era mera conclusão de que a vida já não bastava, mas Ela já sabia disso há tempos. A vida que lhe cercava nunca lhe fora suficiente, não supria as suas necessidades imaginativas e as dores que todo o mundo lhe causava (e ninguém compreendia o porquê de tantas dores “desnecessárias” que Ela sentia). Precisou de um copo d’água para jogar na face, também não tinha mais esse direito. Já não tinha mais direito a nada, as suas escolhas foram feitas há tempos passados, e o tempo assumiu a responsabilidade de definir seu destino. Quando percebeu, estava contando grãos de areia, pegando formas, construindo formas, compreendendo as formas, sufocando-lhe, matando-se. Cada passo que dava, afundava-se,

olhava em volta, não via ninguém, apenas via caminhos já percorridos e necessários a se percorrer; o mais difícil era levantar os pés e sair do lugar, mas às vezes conseguia. De tempos em tempos, firmava os dois pés e deixava-se afundar naquela areia de grãos infinitos e de formas diversas, enquanto afundava-se, sentia seu corpo, sentia a natureza tocar-lhe desde as pontas dos pés até o os fios de cabelo, que voavam com o vento; deixou-se impregnar diversas vezes, e quando menos esperava, percebia o seu lugar no mundo: entre o infinito e o nada.

• • •



# Revisitando as páginas por onde andei

---

Patrícia Silva Souto Maior \*

## Narrar e lembrar

A memória está situada, no contexto da tradição, em um profícuo e constante diálogo com a narrativa; Benjamin em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Keskov*, afirma que memória e rememoração constituem a unidade da poesia épica, unidade que se dá através da reminiscência: “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração [...]. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador [...]” (BENJAMIN, 1994, p.211). A narrativa, de acordo com Benjamin, vem, ao longo dos anos, sendo sufocada pelo romance, pela rememoração. De um princípio comum, que possuía identidade e coerência, instaurou-se a desarmonia.

87

O autor nos diz sobre o prejuízo de legarmos ao narrador e a sua musa, a memória, esse espaço obscuro e afastado, pois: “[...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências [...]” (BENJAMIN, 1994, p.198). Faculdade que, hodiernamente, se tornou um lugar menos importante, e até mesmo, menos interessante aos olhos daqueles que regem o conhecimento formal e acadêmico; salvo raras exceções, como o professor e pesquisador Elizeu Clementino de Souza, que acredita e aposta na metodologia de construção de narrativas como uma potência na formação de professores.

Clementino coloca que: “A dimensão formadora das experiências deixa marcas e imprime reflexões sobre o vivido” (SOUZA, 2006, p.15). Marcas que são produtos do tempo, e atuam como importantes elementos

---

\* Patrícia Silva Souto Maior (1991) nasceu em Vitória da Conquista/BA. É licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Atualmente, é mestranda em Estética e Filosofia da Arte, pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto.

para a construção de um eu singular, diante do universal no qual estamos inseridos; tempo que também requer o esquecimento: “É preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel” (AUGÉ, 1998, p.106, apud SOUZA, 2006, p.103) <sup>1</sup>. Esquecer não para apagar, visto que o esquecimento, aliado ao tempo e a memória, formam: “[...] uma trilogia para pensar a arte de lembrar, para estruturar um olhar sobre si, para revelar-se [...]” (SOUZA, 2006, p.102).

É justamente nesse sentido, de exercitar a arte de lembrar, de voltar o meu olhar para as minhas próprias experiências, e refletir sobre o vivido, que me proponho a narrar minha relação com a literatura, a revisitar os primeiros lugares em que ela se apresentou, a pensar a sua importância, o seu silêncio e o seu barulho. Desde já, aviso ao leitor atento, que concordo com Benjamin quando ele adverte que: “[...] São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente [...]” (BENJAMIN, 1994, p.197), não me coloco nesse grupo raro e praticamente extinto, pois sei que cresci em meio a romances, e minha experiência literária é permeada por lacunas, pelo costume de escrever sobre objetos exteriores. Aqui, reafirmo a frase do pensador dinamarquês, Soren Kierkegaard: “[...] sente-se um certo mal-estar em tanto falar de si” (1986, p.65); mal comecei e o *pouco* já percebe o peso do *tanto*; mas também, devo lembrar outra sentença proferida pelo mesmo autor: “Há um tempo para calar e um tempo para falar” (KIERKEGAARD, 1986, p.21). Já que o verbo foi convocado, que ele então se faça presente.

88

### Experimentando as Letras

Quando ouço a expressão “verbo”, sempre a conecto a “delírio”; o Evangelho de São João faz a seguinte construção: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus [...]. Tudo foi feito por ele; e nada do que tem sido feito, foi feito sem ele” (João 1:1-4). Mas o poeta me ensinou algo diferente, me ensinou que *o verbo tem que pegar delírio*<sup>2</sup>. Essa imagem alimentou o meu espírito desde que a li pela

---

1 - AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**, 1998. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

2 - **Poema de número VII**: “No descomeço era o verbo/ Só depois é que veio o delírio do verbo/ O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos./ A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som./ Então se a criança muda a função do verbo, ele delira./ E, pois em poesia que é a voz do poeta, que é a voz de fazer nascimentos/O verbo tem que pegar delírio.” BARROS, Manoel



primeira vez, é como se a poesia se apresentasse como o elemento de consubstanciação; nunca pude receber a eucaristia, por mais que tentasse; o catecismo não me conquistava. Depois senti falta, senti uma vontade de comunhão, de experimentar o êxtase, e aí a poesia apareceu, finalmente entendi a escultura de Bernini e o êxtase de Santa Teresa de Ávila. A poesia me fazia sentir tamanho ardor, tal qual a Santa flechada pelo anjo.

A poesia me levou a lugares nunca antes experimentados, me vi em Portugal com Camões, sentia a espuma das ondas descritas em seus poemas; nunca me esqueço da querida professora de Literatura dos primeiros anos do Ensino Médio. Quando o ruído estava tão alto e ela mal conseguia fazer-se audível, repetia “[...] andar solitário entre a gente [...]” (CAMÕES, 1982, p.155)<sup>3</sup>; lembro-me da dor que senti quando a escutei, e da dor que senti quando eu mesma me vi proferindo, em uma das aulas do estágio, essa parte do soneto.

É triste se perceber sozinho, é igualmente triste perceber como é complexa a estrutura curricular, como a educação está sucateada e esquecida. Mas não tenho más lembranças, nem da experiência como docente, nem do meu processo de educação formal; se a sorte realmente existir, creio que fui contemplada por ela nos anos de educação formal. Tive sorte de estudar em uma escola com excelentes professores, como a já referida professora de Literatura. Sorte por ter convivido com mulheres fortes, que me educaram além do exigido pelas estruturas, e fizeram meus dias mais felizes e melhores. Tia Lúcia e Tia Elizete, donas e fundadoras do Educandário Padre Gilberto, duas das pessoas mais lindas e corajosas que já vi nessa vida, e que junto a Tia Nalvinha, transformaram a escola em um espaço de prazer.

Sorte pelos homens sensíveis, que tais como as mulheres, mostraram caminhos diferentes para que eu pudesse entender o porquê de estar em uma instituição de ensino. Homens e mulheres que foram e ainda são os meus exemplos de nobreza de caráter e sabedoria: “[...] efetivamente, a escola e a família constituem-se como lugares privilegiados para as aprendizagens afetivas e dimensionais de nossa existência [...]” (SOUZA, 2006, p.177). Família e sabedoria são sinônimos da minha avó materna, que mesmo não letrada, é sábia, mais sábia que muito “doutor”. Ela não me ensinou a ler um livro, um documento ou uma placa, ensinou muito mais, me ensinou a ler a natureza, a ler as nuvens, a coloração das plantas e a feição dos animais; já mencionei mulheres fortes, mas minha “dinha” é o exemplo maior.

---

de. **O Livro das Ignoranças**. In: MOURA, Antonio. **Linhas da diferença em psicopatologia**. Salvador: Cian Gráfica e Editora, 2007.

3 - CAMÕES, Luiz Vaz de. **Lírica**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

Creio que por essa razão, constantemente o bucolismo me foi tema agradável na literatura. Porém, sempre preferi os autores malditos, desde que o urubu de Augusto dos Anjos *pousou na minha sorte*<sup>4</sup>, nunca mais tive sossego. Álvares de Azevedo (*Noite na Taverna*), Baudelaire (*As flores do mal*) e Goethe (*Os sofrimentos do jovem Werther*), viraram companhias constantes. Raptando e descontextualizando um pouco a frase de outro companheiro sempre presente, o sentimento que tinha era o de pertença: “[...] a essa insólita confraria dos enjeitados, dos proibidos [...]”. (NASSAR, 1989, p. 138). Sentimento da adolescência? Talvez, mas sentimento que guardo com muito apreço.

Outros autores surgiram, e com eles, uma nova forma de experimentar a Literatura, dessa vez, com amor. O *bruxo do Cosme Velho* foi um dos meus melhores amigos, ele era tão charmoso, tecia as palavras de forma tão cuidadosa; da leveza, vinha o espanto da pancada pós-leitura. Depois, apaixonei-me por Gabriel García Márquez, devorei todos os livros, lia, e a leitura era tudo o que eu precisava, fantasiava com o nosso encontro em Macondo. Nos dias mais densos me via esvanecer como Remédios em *Cem anos de solidão*, um dos livros favoritos; que tinha o querido Aureliano, personagem similar ao meu saudoso avô materno, que não era um Buendía, mas era igualmente, um sonhador.

90

Na mesma época me encontrei com Jane Austen, pronto, tinha um casal vivo em meu imaginário, Jane é certamente, a minha autora mais querida, e olha que a disputada é acirrada, Clarice Lispector faz pareô duro com a escritora inglesa. Nessa época, um russo, foi se aproximando cuidadosamente; *Crime e Castigo* foi arrebatador, todo o meu coração e atenção foram destinados àquele russo com barba de malvado, mas com ensinamentos valiosos, como a arte de resistir. No fim do Ensino Médio, tive outro encontro, e outro presente: Raduan Nassar. Ele também me ensinou sobre resistência, sobre o amor e o delírio. Raduan está em meu corpo, tatuado nos dizeres do avô de André: *Maktub!* E sobre a resistência, nos diz:

*Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre; ele parecia acreditar que a resistência de um homem era*

---

4 - **Budismo Moderno:** “Tome, Dr., esta tesoura, e...corte/ Minha singularíssima pessoa/ Que importa a mim que a bicharia roa, todo meu coração, depois da morte?!/ Ah! Um urubu pousou na minha sorte! [...]” ANJOS, Augusto dos. “Budismo moderno” In: **Eu e outras poesias**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004, p.58.

*inesgotável. Do meu lado, aprendi bem cedo que é difícil determinar onde acaba nossa resistência, e também muito cedo aprendi a ver nela o traço mais forte do homem; mas eu achava que, se da corda de um alaúde - esticada até o limite - se podia tirar uma nota afinadíssima (supondo-se que não fosse mais que um arranhado melancólico e estridente), ninguém, contudo conseguiria extrair nota alguma se a mesma fosse distendida até o rompimento. Era isso pelo menos o que eu pensava até a noite do meu retorno, sem jamais ter suspeitado antes que se pudesse, de uma corda partida, arrancar ainda uma nota diferente (o que só vinha confirmar a possível crença de meu pai de que um homem, mesmo quebrado, não perdeu ainda sua resistência, embora nada provasse que continuava ganhando em sensibilidade) (NASSAR, 1989, pp.171-172).*

Nassar, Agostinho, Boécio, Camus, Cioran, Eduardo Galeano, Kafka, Kierkegaard, Marco Aurélio, Milan Kundera, Nietzsche, Pascal e alguns outros, foram companheiros importantes em momentos decisivos do meu processo de graduação, outra etapa, na qual, mais uma vez, fui agraciada pela sorte. Convivi com pessoas incríveis, professores humanos e maravilhosos, que me ensinaram que a Academia não se reduz a vaidade de pseudointelectuais, que promovem a arrogância em detrimento do conhecimento, machucando e podando as potencialidades dos discentes. Professores que souberam aliar o rigor à sensibilidade. A sorte continua me abraçando, parece que o urubu, finalmente virou andorinha.

91

### **As marcas**

A ambivalência de sentimentos é elemento presente em minha relação com as letras, ninguém me perguntou quando pequena, se gostaria, ou mesmo, se escolheria adentrar no universo das letras; minha irmã disse, e com muita propriedade, que ser alfabetizado compulsoriamente é uma das primeiras violências sofridas pela criança. Concordo com ela, às vezes, imagino como seria se não tivesse enveredado por esse caminho, mas penso no quanto perderia em emoção e aventura, e agradeço a professora que me mostrou o caminho para desembaralhar o alfabeto e, com ele, formar palavras e sentenças.

Subordinei-me a oração<sup>5</sup>? Sim! No entanto, aprendi a ler o mundo

---

5 - Recordo o interesse poema de Paulo Leminski- **O assassino era o escriba**: “Meu professor

e em certos momentos, aprendi a ser imperativa. Sou grata, pois sei como o meio social pode ser cruel com aqueles que não foram iniciados na leitura e na escrita; é como se a eles ficasse obstruída a capacidade assertiva. O nó na garganta cresce, é realmente triste viver em uma sociedade que cultua a disparidade, ao mesmo tempo em que se crê ética:

*A ética, hoje, é uma “cusparada” no rosto dos 50 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da miséria. Diante disso, verborragias oficiais sobem à superfície, circulam em imagens midiáticas, fazem a sua parte no negócio. Com ordens implícitas, informam provisoriamente que, em definitivo, “o rei não está nu”. Modos de produção, registro e consumo efetuam e efetivam sujeitos e inocências. Com diz Primo Levi sobre o nazismo, a vergonha de ser um homem. (MOURA, 2007, pp .228-229)*

92

O mais precioso bem jurídico é a vida e a dignidade da pessoa humana, porém, vivemos em um Estado marcado pela política da sujeição, do constrangimento, em que tal preceito é pouco ou nada respeitado. Violamos e estigmatizamos os “não letrados”, mas que fique claro: ler, escrever e decodificar as palavras, não te torna sábio, inteligente ou especial; como diria a minha avó: “não faz mais que sua obrigação!”.

Por falar em obrigação, eu, Patrícia, que tenho muito de *Macabéa*, aspiro a *Úrsula Iguarán*, reprimo o que tenho de *Emma Bovary*, possuo e amo minhas metades, *Sinhá Vitória* e *Elizabeth Bennet*; tenho uma nova obrigação, a de sonhar! As fábulas infantis foram pouco exploradas e agora, me dou o direito de entrar no reino do “era uma vez...”, me encontrar com *Alice*, *Cheshire*, *Dorothy Gale*, o *Homem de Lata*, *João e Maria*, *A Fera*, e quem sabe, travar boas relações com todas as bruxas más. Quero sonhar, pois:

*[...] Que é a vida? Um frenesi.  
Que é a vida? Uma ilusão,  
uma sombra, uma ficção;  
o maior bem é tristonho,*

---

de análise sintática era o tipo de sujeito inexistente./ Um pleonasmo, o principal predicado da sua vida,/ regular como um paradigma da 1ª conjunção/ Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,/ ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto [...]” LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.158.

*porque a vida é sonho,  
e os sonhos, sonhos são.*  
(DE LA BARCA, 2011, p.73).

Continuarei a cumprir minhas obrigações, continuarei a responder: “sim, claro!”, continuarei a acordar, tomar café, estudar e tudo mais que me for requerido, mas saibam, estarei sonhando: “[...] A vida vista em sonho afasta a vida comum, obriga a entendê-la e avaliá-la de maneira nova (à luz de outra possibilidade vislumbrada) [...]” (BAKHTIN, 2010, p.169). Possibilidade foi o que a literatura me trouxe, e continuará a trazer; não sonharei como *Dom Quixote*. A vida me obrigou há muito tempo, a perceber que moinhos de vento, são apenas moinhos de vento. Sonharei para experimentar novas formas de existência, novas potencialidades. Agradeço ao possível leitor pela paciência, e me desculpo por minhas delongas. Muito obrigada!

## REFERÊNCIAS

93

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DE LA BARCA. Calderón. A vida é sonho. São Paulo: Hedra, 2011.

KIERKEGAARD, Soren. Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor. Lisboa: Edições 70, 1986.

MOURA, Antonio. Linhas da diferença em psicopatologia. Salvador: Cian Gráfica e Editora, 2007.

NASSAR, Raduan. Lavoura Arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.



## Sobre como me tornei estudante de literatura ou *Percam todas as esperanças vós que aqui entráis*

---

Thiago Andrade de Paula \*

O momento em que a Literatura se desvela diante de mim, como Máquina do Mundo ou como um monstro de mil cabeças, é bastante tardio, remota aos meus 18 anos. Basicamente, eu não tive um grande contato com ela durante a minha infância e boa parte da adolescência. Apesar de a minha família não ter um grande capital cultural, sempre me incentivou a ler qualquer coisa que fosse. Nesse início, meu pai me “incentivava” a ler pelo menos uma matéria de revistas de pequena expressão por dia. Felizmente, esse hábito não me causou maiores danos além da perda de tempo, talvez pela falta de entendimento sobre o que as matérias falavam. Quando adquiri certa habilidade de leitura, uma tia distante doou-nos uma coleção de livros infantojuvenis chamada *Série Vagalume*, que até hoje é lembrada com grande carinho por todas as pessoas que tiveram contato com ela durante a infância. Entre os títulos mais famosos podemos destacar *Tônico e Carneça*, *O escaravelho do diabo*, *Xisto no espaço*. Talvez na infância esse tenha sido o momento em que eu mais tive contato com a ficção. A minha educação escolar também não ajudou muito nesse processo. Como estudei em escola pública, sempre esbarrei com todos os problemas que existem ali e que são notórios, entre eles, mais especificamente, o fato de que a professora de Língua Portuguesa era também responsável pelo ensino de Literatura e Redação. Essas duas últimas matérias eram vistas como apêndices da disciplina principal e eram sempre subjugadas pelo que chamamos Gramática Tradicional. A única coisa que importava era saber se uma parte da frase recebia o nome de “oração subordinada substantiva objetiva direta” ou “oração subordinada

95

---

\* Thiago Andrade de Paula é mestrando em Estética e Filosofia da Arte na Universidade Federal de Ouro Preto.

adverbial causal”, prática que, ao invés de estimular qualquer interesse, apenas distanciava mais os alunos daquele conhecimento.

A Literatura começa a dar o ar da graça, então, no início da minha adolescência por meio de uma série que, se não é uma obra-prima, ao menos foi responsável pelos meus primeiros voos imaginativos, aos doze anos. Com o nome de *Harry Potter*, a série conta a história de um garoto que, também aos doze anos, descobre que é filho de bruxos e que, a partir dali, frequentará uma escola de magia chamada *Hogwarts*. Boa parte da trama gira em torno do desenvolvimento desse pequeno bruxo, que será responsável por derrotar Lorde Voldemort, um bruxo tão maléfico e poderoso que os outros bruxos nem tinham coragem de pronunciar seu nome. Obviamente, sem grandes surpresas, o livro termina com Harry derrotando o Lorde das Trevas. Talvez a coisa mais interessante que eu tenha tirado dessa experiência de infância – e que até hoje motiva discussões entre mim e outros colegas – está ligada ao fato de que, mesmo não possuindo um grande valor estético, mesmo não sendo uma grande obra-prima, *bestsellers* como *Harry Potter*, *Crepúsculo* ou *Cinquenta tons de cinza* podem se tornar uma espécie de “porta de entrada” (assim como algumas pessoas dizem sobre as drogas) para as grandes obras literárias da humanidade.

96

Ainda que nesse período da adolescência minha experiência com Literatura tenha sido muito pequena, houve, por outro lado, um grande contato com a música, uma vez que eu estudava violão no conservatório de minha cidade. Além dos clássicos da música que eu precisava aprender para as aulas de violão, uma banda bastante popular foi responsável por despertar o meu interesse para tudo que estivesse inserido em um universo ficcional, poético ou imaginativo. Com todos os seus clichês, que somente hoje sou capaz de identificar, *Legião Urbana* era, pra mim, o auge da originalidade e da expressão artística por meio do *rock*. Embora estivesse bastante enganado quanto a achar que essa era a melhor banda de todos os tempos, as letras de Renato Russo fizeram parte de minha adolescência por um bom tempo e moldaram a maneira como eu olhava para o mundo e o modo com que eu o questionava.

E, assim, durante uns cinco anos, distanciei-me bastante de qualquer coisa que pudesse ser chamada de literatura. Ela somente foi aparecer novamente nos meus dezoito anos quando estava no cursinho, por meio de um livro pequeno porém poderoso: *A metamorfose*, de Franz Kafka. Certamente a primeira frase da obra está inscrita no *hall* de melhores frases iniciais de livros literários, se houver um *ranking* desse tipo: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” A partir daí não havia mais volta. Se, anteriormente, eu comparei os *bestsellers* com



drogas mais fracas, que podem servir de porta de entrada para drogas mais pesadas, sou obrigado a continuar a comparação *ad nauseum* e fazer o infame comentário de que meu professor de literatura do cursinho se tornou meu principal traficante.

A partir dali, as aulas de Literatura tornaram-se cada vez mais interessantes, e outros clássicos começaram a surgir, o que me motivou a cursar Letras. O meu primeiro contato com esse monstro que passou a assombrar minha vida se deu por meio das aulas de Introdução aos Estudos Literários, do professor Duda Machado, figura notória não apenas pela sua grandiosa bagagem intelectual, mas também pela participação no que é chamado, hoje em dia, de *Tropicália*, e pela composição, em parceria com Jards Macalé, de uma obra-prima da música brasileira, chamada *Hotel das Estrelas*. Por meio dele, tive contato com obras grandiosas como *Édipo Rei*, de Sófocles, *O capote* e *Diário de um louco*, de Gólgol, *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, entre outros.

No meu segundo semestre, conheci o professor Emílio, aquele que seria posteriormente um grande amigo e orientador. Nesse período, tive a oportunidade de ser monitor da disciplina de Introdução, que eu havia cursado anteriormente, embora não tivesse cursado, nesse segundo semestre, qualquer disciplina de literatura que considerasse interessante. Somente no terceiro período, com o professor Emílio, é que tive oportunidade, na disciplina de Teoria da Literatura, de ter um contato mais aprofundado com teorias que hoje são muito presentes em qualquer leitura que eu faça. Todas essas teorias se tornaram uma espécie de *software* pelo qual trabalho ou, para usar uma metáfora proustiana, essas teorias são parecidas com lentes, que nos ajudam a ver o mundo. Não por acaso uma metáfora proustiana aparece neste momento do texto: foi exatamente nesse momento do meu curso que tive contato com a obra sobre a qual construí a maior parte do meu conhecimento: *Em Busca do Tempo Perdido*, do autor francês. Empreendimento que não foi fácil, visto que demorei de setembro de 2009 a fevereiro de 2011 para ler todos os sete livros, que pareciam traduzir toda a experiência que eu havia tido até ali. Como se trata de um autor e de uma obra que são vistos como ponto fora da curva entre o Realismo Francês e o Modernismo, que começam a desabrochar na Europa da Primeira Guerra, o meu trabalho de monografia consistiu justamente em mapear o diálogo que Proust estabelecia com autores como Balzac, Stendhal e Flaubert, por um lado, e inovações feitas por ele que o aproximavam de autores como James Joyce e Virgínia Woolf. Talvez a coisa mais importante que eu tenha aprendido por meio da minha pesquisa foi o fato de que as maneiras e as técnicas de se representar a realidade vão se complexificando à medida que as técnicas anteriores

perdem sua efetividade ou, em termos técnicos, automatizam-se. Não por acaso, o meu grande fascínio na prosa tem sido justamente por autores que tentam inventar novas maneiras de reproduzir, criticar e questionar a ideia do que é real e da maneira com que esse real pode ser representado ficcionalmente. Certamente, as obras que mais me fizeram pensar sobre o assunto, além da própria *Recherche*, foram *O som e a fúria*, de William Faulkner, *Ulisses*, de James Joyce, e *Molloy*, de Samuel Beckett. Não menos importante em todo esse processo de descoberta da literatura foi a poesia que, apesar de não ser meu objeto de estudo, sempre foi, para mim alvo de extrema curiosidade, muitas vezes indecifrável como a Mona Lisa. Entre os autores que mais me interessaram destaco Carlos Drummond de Andrade e Baudelaire, além de outros que foram objeto de estudo durante a graduação.

Atribuir qualquer finalidade à literatura seria um disparate; no entanto, a leitura de poesia é algo tão extenuante que faz com que decoremos versos e poemas e, assim, passemos a traduzir as nossas próprias experiências por meio de citações de outras pessoas, que parecem nos conhecer melhor até que nós mesmos. Assim, gostaria de aproveitar para terminar este texto lembrando um final de poesia que, além de terminar bem terminado aquele que pode ser considerado o melhor poema de Drummond, representa uma espécie de resignação quanto à enxurrada de informações típica da modernidade e a um tecnicismo que, muitas vezes, tenta tomar o lugar da própria experiência, a fim de produzir apenas o engodo. Não quero dizer com isso que a teoria e a técnica não tenham importância. Pelo contrário, *A máquina do mundo* é um dos poemas de Drummond em que a técnica é a das mais rebuscadas. No entanto, talvez o que fique do poema seja a tranquilidade com que o personagem encara e rejeita aquela máquina do mundo, tranquilidade que, muitas vezes, é necessária em qualquer campo de estudo, quando a mente já está cansada de “mentar”. Humildade intelectual que nos remete a Sócrates, com a famosa passagem “Só sei que nada sei”. Segue, portanto, a passagem que encerra o poema de Drummond, no momento em que o personagem rejeita o conhecimento oferecido pela Máquina do Mundo quando, “avaliando o que perdera, seguia vagaroso, de mãos pensas.”



# Devaneios de um ensaio a respeito de um passado presente

---

Walmir Percival Guimarães\*

Complicado ter em mente todo o arsenal de leitura do qual meus olhos já passaram e, conseqüentemente, minha mente habitou por via das leituras que já fizera. Antes de mais nada, é bom dizer que meu primeiro contato com a Literatura se deu com as leituras em livros didáticos nos meus primeiros anos de aprendizado com a língua portuguesa. Não tive um berço literário de incentivo, infelizmente, ou felizmente, tenho origens simples por demais para tanto. Desse modo, não fui ouvinte de leituras que poderiam ter sido feitas na cabeceira da minha primeira cama, caso a realidade fosse outra ao redor de mim. Naquele tempo, sinceramente, apesar de não demonstrar dificuldades aparentes com o aprendizado de nossa língua de origem lusitana, não tinha muito apreço pela leitura, até mesmo pelo fato de que tudo que me sentia obrigado a fazer, e até hoje alimento esse sentimento, faço com imenso desprazer, apesar do contrato social do qual, tacitamente fiz minha assinatura, obrigar-me a cumprir certas normas de conduta pela oportuna adequação social do qual um homem de bom senso se faz valer. Isso aprendi logo cedo.

Nesse tempo, creio que há uns vinte e poucos anos, tive apreço por gibis do Mauricio de Souza, apesar de ter grande simpatia pela produção das aventuras da Marvel tais como *X-men*, *Quarteto Fantástico*, *Homem-Aranha*, *O Incrível Hulk*, *Capitão América*, *O Justiceiro*, *Os Vingadores*, *Demolidor*, *Thor*, *Homem de Ferro*, *Surfista Prateado*, *Wolverine*, *Blade: O Caçador de Vampiros*, *Motoqueiro Fantasma*, *Doutor Estranho* e até mesmo a literatura fantástica e de feitiçaria do texano Robert E. Howard, em especial do cimério nascido em campo de batalhas e filho de ferreiro. Falo exatamente de *Conam* nesse ponto, mais exatamente dos contos que, a princípio, foram publicados pela *Weird Tales*, tais como *A Fênix*

---

\* Ouro-pretano de origem, formou-se em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto e, atualmente, está matriculado no Mestrado em Estética e Filosofia da Arte na mesma universidade. Em seu projeto de pesquisa, constam como palavras-chave os seguintes nomes: Cinismo, Diderot, Conrad, Literatura.

*na Espada* (*The Phoenix on the Sword*, dezembro de 1932), *A Cidadela Escarlata* (*The Scarlet Citadel*, janeiro de 1933), *A Torre do Elefante* (*The Tower of the Elephant*, março de 1933), *Colosso Negro* (*Black Colossus*, junho de 1933), *Xuthal do Crepúsculo* (*Xuthal of the Dusk*, setembro de 1933), *O Poço Macabro* (*The Pool of the Black One*, outubro de 1933), *Inimigos em Casa* (*Rogues in the House*, janeiro de 1934), *Sombras de Ferro sobre a Lua* (*Iron Shadows in the Moon*, abril de 1934), *A Rainha da Costa Negra* (*Queen of the Black Coast*, maio de 1934), *O Demônio de Ferro* (*The Devil in Iron*, agosto de 1934), *O Povo do Círculo Negro* (*The People of the Black Circle*, setembro de 1934). Conam é personagem que ampliou, e muito, meus horizontes fantásticos, que também eram alimentados por alguns desenhos animados, inspirados ou não por essa produção literária da Marvel. Consequentemente, essas leituras eram intercaladas com meus estudos; o que me dava prazer era sobre as ciências da natureza e do corpo humano.

Como mencionado no início desta pretensa autobiografia literária, tentarei por meio da minha escrita colocar por via do meu vocabulário, obviamente adquirido com minhas leituras, transparecer tudo que meus olhos perpassaram nas páginas frias de um livro, ou como muitas vezes no presente momento, nos monitores, que devido ao bom avanço de nossa tecnologia, proporcionam-nos baixos custos. Além das leituras que eram típicas da minha idade (por volta de quase vinte anos atrás), também sempre fui rodeado por livros dos meus irmãos mais velhos. Eles, ao contrário de mim, que busco, além de prazer na leitura, um maior entendimento desse vasto mundo do qual fui inserido, tinham e ainda têm a leitura como um mero instrumento de prazer, e a literatura que possuíam, hoje vejo que posso considerar baixa literatura, coisas com as quais hoje não perderia o meu (cada vez mais) escasso tempo livre. Desse modo, não mencionarei tais livros, pois, além da pouca leitura que fiz deles, não os tenho claros em minha memória. A única lembrança que ainda carrego é que eles eram da saudosa, como dito por alguns, coleção *Vagalume*.

Sempre me despertou certa curiosidade o que chamam de biografia e, com isso, no perpassar de minha adolescência, angariei alguns ídolos, a princípio os que se relacionavam com as artes marciais. Desse modo, e logo que tive meu primeiro contato, interessei-me pela biografia do chinês Bruce Lee. Nessa, da qual não me recordo a tradução ou editora, pois essas informações somente depois de muito tempo me passaram a ser importantes, encontrei certa sabedoria oriental, tanto no seu modo de vida, quanto pelas atitudes e pensamentos relacionados à política do seu tempo, quando seu país ainda sofria severos preconceitos por parte das nações ditas civilizadas, nesse caso, o Ocidente. Preconceito esse

que, infelizmente, ainda não esvaeceu por completo. Esse que se tornou astro do cinema americano também tinha formação em Filosofia, aqui no Ocidente. O interessante é que Bruce Lee misturou a sabedoria oriental com ensinamentos da Filosofia do Ocidente, o que fez dele um exemplo de serenidade, sabedoria e respeito ao próprio corpo, ao homem ao seu redor e à natureza como um todo.

Nessa época, não sei se pelo fato de que era adolescente e, com isso, cheio de incertezas (hoje elas ainda se fazem presente), procurei o que hoje não leio mais e, com muita sinceridade, contrário à leitura mencionada anteriormente, não tenho nenhum respeito. Era a literatura do dito “mago” Paulo Coelho. Confesso que não lembro muito, mas perpassei por sua coleção quase que inteira. Agradeço por ter feito uma leitura superficial dessas obras naquele tempo, pois, mais tarde, quando resolvi revisitar esses textos, não consegui passar das páginas iniciais. Trágico sim, mas sincero! Da metade da minha adolescência até o final, perdi um pouco o interesse pela leitura, mas ela imediatamente foi substituída pela muito adorada arte da música. Nela me encontrei e até hoje sou um bom ouvinte. Nesse tempo, conheci o *rock* produzido no Brasil, em especial pelo Raul Seixas, Titãs (antigo, claro), entre outros que ainda respeito, apesar de não mais balançarem minhas caixas de som. Não satisfeito, logo expandi e fui procurar o que era produzido na Europa e Estados Unidos, e em todos os outros cantos do mundo. Tornei-me um grande (e até hoje) apreciador de música. Nos dias de hoje, claro, não me restrinjo ao *rock*; também tenho apreço pelo *jazz* e suas variações, *blues*, música clássica e até mesmo o canto gregoriano, apesar da minha descrença. A relação da qual me lembro no momento entre música e literatura - e é por isso que reservei esse espaço para a música - é com o personagem Uriah Heep, do Charles Dickens, com uma banda inglesa de *rock* do final dos anos 1960 de mesmo nome. No livro de Dickens, *David Copperfield*, que é dividido em 20 capítulos, publicados entre os anos de 1849 e 1864, há um personagem de nome Uriah Heep, que foi baseado pelo autor em uma espécie de ser mitológico, duende. Tal personagem é caracterizado por sua perversidade e é apresentado como um sócio fraudulento de Mr. Wickfield, sogro de David Copperfield no romance. Tal personagem inspirou a banda inglesa *Uriah Heep*; antes de adotarem esse nome, eles se intitulavam *Spice*, em 1969. Suas canções são melódicas, e os vocais são harmônicos; isso se dá pela cortesia que essa banda nos presenteia, pelo fato de todos os seus integrantes cantarem, quase sempre são acompanhados pelo órgão *Hammond B3*. Com todo esse interesse na música, durante esse período, nada como também conhecer mais e mais sobre as bandas que me atraíam e fizeram com que eu procurasse revistas especializadas na área. Assim, conheci as revistas *Show Bizz*, *Metalhead*, *Rock Brigade*, *Roadie Crew*, *Metal Massacre*, *Obscura Arte*, *Metal Warriors Magazine*,

*Hit Parader*, *Rock Underground*, além de publicações independentes do cenário nacional da música mais voltada para o *underground*. Vale ressaltar que também faço parte dessas publicações: tenho quatro edições do que, nesse cenário, chamamos de *zine*. Nele constam entrevistas e matérias sobre o cenário da música *underground* do Brasil e do exterior. E o batizei de B.A.Z. Além desse contato com a literatura sobre música, também lia publicações do *mainstream* musical, tal como a revista americana *Rolling Stones*. Nessas leituras, e também por ter me aventurado como editor do *Brazilian Attack Zine*, conheci boa parte da história da música do século XX, da mesma forma que biografias de bandas me inspiraram e ainda inspiram muito. Além disso, fui aos poucos sendo introduzido mais a fundo ao mundo literário, visto que a maioria dos meus artistas favoritos sempre citavam grandes obras literárias e também nomes de grandes e respeitados filósofos. Com isso, aos poucos fui me interessando e cada vez mais procurando sobre alguns que eram citados pelos artistas, como Lovecraft, Allan Poe, Nietzsche, Goethe, Dickens, Baudelaire, Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa, Shakespeare, Balzac, Kierkegaard, Dostoiévsky, Diógenes Laércio, Tolkien, Platão, Aristóteles, Flaubert, Romain Rolland, Henry Ward Beecher, T.S. Eliot, Bocage, Schopenhauer, Johann Christian Friedrich Hölderlin, Novalis, Hegel, Schiller, entre outros. Dos citados, lembro-me que estive bons anos em companhia de Poe, Bocage, Schopenhauer, Goethe e de Pessoa. Com eles, aprendi um pouco sobre as discrepâncias da vida humana e, conseqüentemente, suas misérias. Como é de se esperar, quando dei por mim, estava muito interessado em leituras e música e, como estava quase a me formar no Ensino Médio, tinha que decidir se iria continuar estudando ou se iria arrumar algo funcional e prático pra fazer da vida. Decidi estudar. A princípio, pensei em cursar História na Universidade Federal de Ouro Preto, mas no final das contas, me enveredei pelo lado das Letras na mesma instituição, até mesmo pelo fato de que eu conseguia ler literatura e ouvir música. Isso, até conhecer a crítica literária. Quando a conheci, percebi e aprendi que o melhor é estudar em silêncio. No curso de Letras, aprendi a ler com calma e a ver a quase cientificidade da literatura, que se dá pela análise do texto, algo que nunca havia imaginado. Falo “quase cientificidade” pelo fato de que, da mesma forma com que os que criticaram e não deixaram a literatura tornar-se ciência, também pactuo com essa ideia, pois penso que não se pode desvincular, ou melhor, dissociar a literatura da vida, visto que uma é parte da outra, sendo que a primeira é alimento da segunda, e vice e versa.

Durante o curso de Letras, enveredei-me, como é de se imaginar, pelos estudos literários e, com eles, acrescentei os estudos na área de Filosofia também na mesma universidade. Dizer sobre o que li durante a graduação não é lá muito sensato, penso eu, até pretensioso por demais,

visto que a impressão de que tenho da graduação nos dias de hoje é de que me foi apresentado um leque muito extenso de conhecimento e que nele se concentrou um emaranhado de autores e pensamentos dos quais, até hoje, tento me aprofundar, com o devido respeito que eles merecem. Como é o caso do inglês Joseph Conrad, autor que estudo profundamente no momento e, como consequência da formação da qual fiz opção durante a vida e graduação, faço uma espécie de literatura comparada entre ele e a filosofia do filósofo contemporâneo alemão Peter Skoterdijk, em um projeto com o qual fui aprovado, no ano de 2014, no Mestrado em Estética e Filosofia da Arte. Projeto que, humildemente, chamo de “Conrad e a razão cínica”.







# Às histórias nunca escritas

---

Wesley Leonel \*

*“Aqui jaz um grande poeta.  
Nada deixou escrito.  
Este silêncio, acredito,  
são suas obras completas.”*  
(Paulo Leminsky)

Nenhum Homem é o que escreve. Nenhum Homem é o que leu. Não há outra forma artística que envolva o humano por completo, suspendendo-o completa e indefinidamente do *momentum*. Mesmo quando mais se precisa de uma canção que alcance o fundo, se ela existe, pode não estar disponível materialmente. Não há poesia que arremate sentimentos, tão particulares. As artes não são capazes de atravessar por completo e acalantar todas as idiossincrasias. É difícil dizer, mas a arte não serve de consolo. Melhor dizendo, nunca me completara, ficando sempre um resto intocado e, como de costume, é o resto que importa.

105

---

\* Wesley de Faria Leonel, desde 1985, é mineiro de Bom Despacho. Mudou-se para Belo Horizonte em 2006 e, em 2008, bacharelou-se em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia com o trabalho “Ontologia e linguagem no Sofista”. No ano seguinte, também pela FAJE, colou grau em licenciatura, submetendo a monografia “Fundamentos e metodologia no Programa de Filosofia para Crianças”. Antes de iniciar-se na carreira docente na rede estadual de educação, em 2011, participou do grupo de pesquisa em Filosofia do Brasil, de onde traz o desejo de ver uma Filosofia originalmente brasileira, capaz de pensar seu contexto e, portanto, de se afirmar internacionalmente. Deixou momentaneamente a docência na Escola Estadual Prof. Zoroastro Viana Passos, em Sabará, para ingressar, em 2012, no Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP. Desde setembro desse ano, é um dos editores da Revista Exagium, vinculada ao PPG. Interessa-se imensamente por estética, metafísica, educação, cultura e sabedoria popular. As artes que mais admira são a música e a fotografia, nas quais eventualmente se aventura. Prefere, por vezes, a cooperação ao embate e acredita que a Filosofia – “filha da cidade” – deve, sim, recuperar sua eficácia e seu lugar no mundo.

O que se pode imaginar de uma vida regrada a leituras? Uma procura incessante por sentido, por alento ou pelo próprio turbilhão do caos? E isso nem mesmo foi sempre assim. Muito recentemente os livros se apossaram de uma parte de mim, mas por via profissional – e, nas profissões apenas amiúde entra o prazer. Nem por isso é impossível que se arranque algum deleite nesses companheiros diários. Um ímpeto de tornar o necessário um prazer, de certa forma, orienta-nos a uma profissão que os confunda, transformando o labor em ocasião da amenidade. Ainda assim, é impossível que alguém passe por uma leitura totalmente despercebido. E parece ser aí que a relação entre a vida e o livro, como um correlato, pode se dar. Pouco conheço de Literatura ou dos livros de Filosofia em geral – embora sejam estes os que mais li, comparativamente. Por isso mesmo, os livros de literatura ou poesia são os que mais fazem falta e, em função de sua ausência, os que mais exerceram a falta.

106 A Filosofia, como forma de vida, exerce impacto maior do que qualquer outra forma de Literatura. E mesmo aí não há sempre um ato de ler propriamente dito, mas uma ação de ler o mundo, um imiscuir nos mistérios das letras e das terras e pedras. Muito por isso, a leitura se atrasou aos meus olhos. Eles sempre estavam mais interessados em se aprazer com o *“risque risque macio que brota dos coqueirais”* ou a catar piabas em qualquer que fosse o córrego. Nisso, então, é que nem posso dizer se foi mais ou menos feliz este ou Robson Crusóé – só se este foi uma forma orgânica da natureza, como o chão de giz do cerrado.

Não foi por falta de palavras de meu pai que não iniciei antes a jornada com a leitura. Contudo, se por suas palavras a ausência da ação propriamente dita retardou um pouco o debruçar sobre códices da cultura, outras ações práticas, da rotineira lida com a casa, o telhado do banheiro ou os consertos e reparos domésticos, acenderam em mim esta forma de desenvoltura prática. Não vejo como possa, aliás, a Filosofia querer prescindir do prático. Dizem que a fundamentação da Filosofia está em não haver nenhum fim útil, mas se gerar uma forma de vida não for uma questão de prática, então não sei qual a vantagem de tamanho malabarismo mental.

Tão a propósito desencadearam-se estas letras aqui – configuração tão casual e ao mesmo tempo tão determinista – que então devo dizer: a introspectividade, se é uma forma de humor *“filosófico”*, e a Filosofia é uma forma de prática, então ambos tem a ver com o fato nada convencional de ter eu desembocado na Filosofia. Antes mesmo da faculdade, lembro-me muito bem do momento em que li meu primeiro livro, completo, de cabo a rabo, e por conta própria. Na ocasião, soou-me como uma conquista inigualável

- de fato: algo acontecera comigo. Pouco me recorro se fora Júlio Verne (*Os revoltosos do Boulton*) ou um outro autor menor (muito menor!), do qual eu possuía um livro em casa. Daí em diante foram cada vez mais os livros. *Os Miseráveis* foi a obra de maior impacto dessa época inicial. Junto dela, algumas leituras de um livro de poesias de Arnaldo Antunes. Ainda é fresco na memória o impacto de Victor Hugo e de sua narrativa, notadamente a passagem do livro em que o protagonista – sempre a duelar com sua miséria de humano – rouba a moeda dum pequeno garoto, limpador de chaminés. Ainda mais introspectivo fui me fazendo. Alguma ligação havia entre essas histórias, que lentamente iam dobrando minhas resistências, e aquelas que a vida e a linguagem íntima das coisas do mato segredavam a mim. Eu seguia intrigado com suas proximidades e, ao mesmo tempo, com sua absurda discrepância. As subidas no teto do banheiro também foram ficando mais constantes – principalmente porque agora eu vencia o medo de altura. Mas não foram os livros que me deram a estatura, foi a ação, foi o pulso que me içava para o andar mais alto do lote. Depois dele, eu queria mais as árvores. Os pés de manga me jogavam o olhar para frente. As subidas à laje me renderam alguns poemas, que eu dizia compor como música – a arte que mais admiro. A partir desse momento, começaram a aparecer livros especializados em música. Recordo-me claramente apenas de um, sobre Jorge Ben, que eu li, mas não nos completamos, por falta da música ela mesma.

107

Mas a verdade é que eu queria ser um homem de um só livro e me tornava um homem de um livro só. Ia me escrevendo, compondo-me de fragmentos sobrepostos na calada do dia, em pleno sol do cerrado. Aí minha cera ia derretendo. E não creio que a escritura seja isso que dizem: uma tábua de cera. Qual?! Que metáfora mais arcaizante, pobre, “xué”. Antes mesmo de Descartes, e por forças dessa procura incontornável e impossível de achar um sentido para vida, perdia-me na biblioteca da escola. Lá sursurpuei (todos ou já fizeram isso ou deveriam) um dos muitos exemplares de um livro qualquer de introdução à Filosofia e percebi, então, que, com isso, os voos rumo ao sol ganhavam mais força. Hoje, eu os acho um tanto rasos, mas foram eles e outros de seus colegas (dois inclusive de cunho religioso, um dos quais eu nunca terminei de ler) que me abriram outros mundos possíveis e, de certa forma, formaram o rio caudaloso da Filosofia, no qual hoje tenho me aventurado. Jostein Gaarder, com seu *O mundo de Sofia*, também fora importante nessa época – decisivo para a escolha pela Filosofia. Mas o fascínio de seus primeiros capítulos foi lentamente substituído pelo tédio até que, enfim, o devolvi ao colega que me emprestara, sem o terminar. Creio que ainda o estou a ler. Ainda que minha excitação pela sua leitura diminuísse, ela aumentava inversamente para com as conversas acaloradas e superlativas com esse amigo – ambos

escolhemos, à moda adolescente, prestar vestibular para Filosofia.

Todos os livros que lia nessa época têm em comum o fato de não os ter terminado. E nem eu nem eles nos tornamos mais completos por esse motivo. Se uma coisa posso dizer da vida é que ela é um projeto, refazendo-se sempre, sem nunca estarmos completos. Ouvia vozes dizerem-me que os livros continham histórias magníficas, outros mundos. Mas isso que é seu mistério e honra, vinha à tona somente no cotejamento do meu olhar, ansioso por uma plenitude que nunca se realizaria. Sem esse cotejo - esse embate -, tudo é nulo! A magnitude dos livros se atualiza tão só no magnetismo dum olhar sedento por um sentido. Essa feitura constante do humano, senão evidente, ao menos fora sempre latente para mim. Assim, a história somente se completa na medida em que histórias outras se interpõem e se colapsam. Essa belicosidade, de mundos outros que se abrem e que se confrontam, contudo, não há de se extirpar. Se um homem é aquilo que escreve, tanto pior para o Homem, pois os livros não de ficar. E, com efeito, na contramão disso, se é o Homem que escreve e que dá sentido às histórias dos livros, tanto pior para estes, pois serão sempre incompletos em função daqueles.

108

Mas há também o ler, junto e para além do escrever. Ora, por detrás das canetas há uma pessoa. As histórias mais tristes eu nunca li num livro - a não ser que o mundo seja algo com o qual possamos haver com o pulso e com o olhar. Creio que é em resposta a ele - este Deus furtivo e admirável - que todos escrevemos e lemos, e lemos enquanto escrevemos. Trouxe sempre comigo esse dilema que, posto em música, tornou-se ainda mais evidente: "se é mais inteligente o livro ou a sabedoria". Creio que, quando lia Descartes (qualquer dos livros dele), eu buscava uma conciliação com a vida, uma intuição que, enfim, guiasse os passos. Se há algo que a Filosofia, nessas épocas, fez, foi tornar-me mais arisco às coisas ou pessoas. Tampouco terminou a caçada - ela, na verdade, era agora ainda mais pungente. Retrospectivamente, percebo que nesse momento, aumentava a distância entre meus próximos e eu. Algo da mesma ordem ocorrera quando me percebi um adolescente, desgostando dos carrinhos no chão de concreto e tendo de me haver com qualquer outra coisa, mais prazerosa, mas que eu não sabia qual. Quando se é criança, não tem tanta importância se, das cinco horas em que se esteve na casa do amiguinho, quatro delas foram dedicadas às preliminares, que já era a própria brincadeira - contanto que se saiba que haverá outros dias para o lúdico, para ludibriar o tempo. Mas o dever nos guarda surpresas nem sempre bem aventuradas. Sempre gostei da ideia de que a Filosofia, de alguma forma, persegue a conservação de algo da

ordem da puerilidade e, com essa vitalidade do infantil, o próprio ato do despertar, do seu desencanto e prejuízo perpétuos.

Todavia e, como nem todas as auroras são tropicais, era de se esperar que uma boreal fosse me recrudescer. Mal nascia o dia, e eu debutava para a brutalidade da vida madura, adormecendo meus olhos juvenis frente à crueldade do destino. Mais uma vez, os livros nada podiam me dizer. A *Ética a Nicômaco* menos ainda me disse. As *Meditações metafísicas* eram ao menos mais palatáveis, tanto quando distantes. Outra parte de mim, entretanto, interessava-se fortemente pela metafísica corpo-e-alma - e esse é um problema que até hoje muito me instiga. Não naquela época, mas hoje, meu pai, a exemplo do pai de Descartes, pode se orgulhar de seu filho “filosofozinho”. Não tão genial, nem tão pequeno prodígio. Ter por missão algo como fazer prodígio assemelhava-se mais a tornar-se o filho pródigo. Eu nada escrevia. De meditações, nenhuma. Descartes tinha pouco mais da minha idade quando escrevera um de seus ensaios. Enquanto a necessidade do prodígio grita pela ação que salvará a lavoura, esse dever é um fardo insuportável. Esse drama somatiza-se aos membros de muitos - sobrecarga social à sina humana de ser seu próprio projeto inacabado.

Mas eu me inscrevia no mundo, vendo como veem as pessoas, vivendo como vivem e querendo, mais que tudo, a vida como era antes: pueril, singela, diletante. Seria isso menos propenso à Filosofia? Não creio, os caminhos são tantos e é tão difícil falar de privilégios.

De certa forma, um único livro que me acompanhou foi o do mundo. Parece totalmente pedante isso assim, dito nessas palavras. Mas eu gostaria de poder concordar com esse “totalmente”, não fosse o “parece”, que o precede. Sou um homem de algumas leituras, e não um homem de leituras muitas. Bem sei que há muito perdemos a relação direta com o mundo, que tampouco ler mais nos fará acessá-lo melhor, e nem que nos instruir menos nos dará de volta ao mundo. Não basta abdicar-se de ser humano para que o anseio mais humano nos seja conferido como recompensa. Seria antes uma questão de “mundializar-se através dos intelectos” do que “intelectualizar-se através dos livros e seus mundos”.

Gostaria de ter escrito não sobre os livros que li e que me formaram, que me fizeram ser o que sou; mas sim dos livros que não li e, nesse sentido, o fato de eu ter me referido diversas vezes a algo que chamamos “mundo” justifique minha pretensão. Muitos de nós talvez façam questão de mencionar, detalhadamente, a importância que têm os livros em nossos mapas de mundo. Essas letras ensaiam uma

tentativa de dizer da capciosa influência do não escrito, do mundo e de sua linguagem caótica e, ao mesmo tempo, fascinante, do *outro* de nós mesmos. É neste outro que nos encontramos.

Não poderia deixar de mencionar essa falta enquanto algo que dialoga com a Filosofia, enquanto disciplina. Nesta, a importância de Platão e os pré-socráticos não se deu por acaso. A escrita enquanto algo esotérico é uma reviravolta não só àquilo que achávamos conhecer deste (e por que não de outros) filósofo, como também do papel da própria língua (oral e escrita) frente às formas não verbais ou racionais. Qualquer hiper-especializado duvidará da veracidade dessa interpretação de Platão, mas creio que, hoje, como alguém que fala com base na Filosofia, essa atividade tem a ver com uma tentativa desesperadamente poética de articular o inarticulado e, como face indissociável disso, desarticular o conceitualizado, para revolucioná-lo simbolicamente. A esse respeito, penso sempre na importância de Machado de Assis e seu *Dom Casmurro*. A literatura é, para a Filosofia original brasileira, um dos lugares - ao lado da própria realidade fática e mundana - de privilégio e recanto dessa prática, tão desacreditada nestas terras. Sempre gostei de abordar esse clássico da literatura nacional como se ele discutisse o ciúme em suas várias facetas, graus, dramas e enfrentar os prazeres e fatalidades do amor a dois como se tal livro fosse prefácio seu.

110

Sempre tive a impressão, logo após parcos goles de literatura, que ouvia uma voz narrando a mim mesmo, com descrição poeticamente cirúrgica, todas ações e suas expectativas, até as mais simples. Mas... opa! Se assim for, então a literatura é uma forma de despertar a autoconsciência! De descobrir suas idiossincrasias e a alegria de seu próprio viver.

Mas antes, duas últimas palavras: se a Filosofia, na sua busca por algo que a defina, deve se haver com a divisa do que vem a ser o objetivo e o subjetivo, isso mais uma vez pertence ao nódulo entre o articulado e seu "fora", o inarticulado, ou seja: o choro e alegria. Na ocasião destes, descobre-se, respectivamente, a natureza e importância mesma das coisas sem a nossa avaliação e presença (pois o que conta é aquilo que em nosso interior se manifesta e nos ataca, causando dor, ausentando-nos do mundo; nada importando o que existe à nossa frente, nem o que possuímos), e a consideração positiva das coisas, como se elas não precisassem ser mudadas e nem compreendidas, mas tão só contempladas. Gostaria de não ter feito Filosofia nestas linhas - ou, ao menos, que não fossem influenciadas tendenciosamente por ela. Se me fosse permitido escrever sem remeter-me àquilo que julgo articulado, escrever igualar-se-ia tanto ao mundo quanto Filosofia e seu fora. O

ponto de apoio possível desta empreenda autobiográfica, erigida sobre o fio da navalha, efetivaria-se somente no *post-mortem*. Aí, as condições são as ideais solicitadas por esse gesto meramente ensaiado. Com efeito, todo ele é contradição. Numa (in)coerência final, seria necessário efetivar aquilo o que Machado de Assis somente acenou como possibilidade: toda autobiografia ser uma *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

• • •

